

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FLORA MORENA MARIA MARTINI DE ARAUJO

**PARA ALÉM DE SOPHIE: A CONSTRUÇÃO DO MODELO FEMININO NAS
OBRAS *LES CONVERSATIONS D'EMILIE*, *DE MADAME D'ÉPINAY*, E *CORINNE*,
DE MADAME DE STAËL**

Curitiba
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FLORA MORENA MARIA MARTINI DE ARAUJO

**PARA ALÉM DE SOPHIE: A CONSTRUÇÃO DO MODELO FEMININO NAS
OBRAS *LES CONVERSATIONS D'EMILIE*, *DE MADAME D'ÉPINAY*, E *CORINNE*,
DE MADAME DE STAËL**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História,
Setor de Ciências Humanas da Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
História.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vosne
Martins.

Curitiba

2014

Catálogo na publicação

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Araujo, Flora Morena Maria Martini

Para além de Sophie: a construção do modelo feminino nas obras *Les Conversations d' Emilie*, de Madame d' Epinay, e *Corinne*, de Madame de Staël / Flora Morena Maria Martini Araujo – Curitiba, 2014.

161 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Vosne Martins

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Mulheres na literatura - História - Século XVIII. 2. Escritoras.
3. Relações de gênero. I. Título.

CDD 809.92



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Flora Morena Maria Martini de Araujo**, intitulada: **Para além de Sophie: a construção do modelo feminino nas obras *les conversation D'Emilie*, de madame D'Épinay, e Corinne, de madame de Staël**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, vinte e cinco de abril de dois mil e quatorze.

Profa Dra Ana Paula Vosne Martins (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Profa Dra Beatriz Polidori Zechlinski (UEPG)
1º Examinador

Profa Dra Roseli Boschilia (UFPR)
2º Examinador

A todas as inconformistas. Àquelas que se atreveram a ousar, a desafiar limites... a desejar o impossível. E que com isso nos mostraram que os dias não precisam ser pintados com as mesmas tonalidades cotidianas, e sempre uma nova cor pode aflorar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Vosne Martins pela confiança depositada em mim nestes anos de pesquisa e convivência. Agradeço por partilhar seu conhecimento, pelos puxões de orelha nas horas certas, como também pela mão amiga nos momentos mais difíceis. Ser sua orientanda é um privilégio. Obrigada por tudo.

Aos meus colegas, que tornaram esta caminhada mais alegre. À Anadir dos Reis Miranda por toda ajuda nos momentos difíceis. Por me ouvir e mostrar que encontramos pessoas abertas e disposta a nos ajudar sem pedir nada em troca. Agradeço imensamente ao meu caro amigo Matheus Vieira Machado, que esteve comigo nos momentos de alegrias intensas e de crises profissionais. Que foi meu parceiro de biblioteca, viagens, empreitadas culinárias, congressos e artigos. Meu amigo, sem você o mestrado não teria sido o mesmo!

À minha família, que está sempre lá quando preciso. Que me apoia, fazendo sentir-me amada. Ao meu pai pelos cuidados e por exigir que eu sempre me supere. À minha mãe por ser esta pessoa incrível que com suas palavras carinhosas sempre sabe me entender e oferecendo seu colo sempre que preciso. Por ser o amor da minha vida e por me encher de amor. Obrigada por tudo mãe, desejo que um dia eu consiga expressar meu amor, gratidão e admiração por você. À minha 'boadrasta' Gládis, por ser a matriarca desta família louca, por me acolher, me amar e apostar em mim sempre.

Agradeço também às minhas pequenas, Maria Helena e Sylvia Helena, pela admiração e amor que dispensam à mim. Por me deixarem louca, mas também me encherem de orgulho. Aos meus irmãos, aqueles que a vida me trouxe e que me ensinaram que laços de sangue não fazem diferença; que o que importa mesmo é o amor. Agradeço também à Fabrízia, parceria de sempre, por me entender tão bem; por ser uma amiga estimada.

Agradeço também ao meu companheiro Felipe V. Filippetto. Aquele que está ao meu lado no dia a dia, que acompanha de perto minha vida acadêmica. Que me ajuda nas reflexões, que ouve minhas crises e partilha comigo o amor pela História. Agradeço pela força nos momentos difíceis, por aguentar meu mau humor nos momentos de estresse. E também é claro, por dividir comigo inúmeros momentos felizes e tarde preguiçosas. Obrigada pelo companheirismo e por caminhar o meu lado. Por me mostrar que o amor pode ser completo e se manifestar a cada dia de maneiras diferentes e maneiras muito sutis.

Gostaria também de agradecer aos meus companheiros de vida, mas que estiveram ao meu lado nessa caminhada. Agradeço à Bianca Hammerschmidt, pela amizade, pelas longas

conversas teóricas e discussões de gênero no bar. Por estar ao meu lado e me amar, mesmo me conhecendo como poucos. É incrível ter com quem partilhar minha visão de mundo com alguém tão crítica e incrível como você. Obrigada por me ajudar a refletir e proporcionar outros pontos de vista – historiadores e antropólogos sempre nesta dinâmica. Obrigada também ao meu amigo Gustavo Glodes-Blum pelos momentos de alegria. Pelas conversas infinitas e pela disponibilidade de sempre ouvir e ajudar. Agradeço a companhia e o amor da minha amiga querida, Clara Lume. Minha companheira de vida, que está sempre ao meu lado. Que divide comigo todas as emoções dessa vida tumultuada e louca. Amiga para todas as horas e de todas as formas. Obrigada por dividir sua vida comigo, amiga; por fazer parte da minha e me mostrar que não estou só... e que, apesar de tudo, sempre estaremos juntas.

Agradeço também aos colegas da pós-graduação pelos momentos maravilhosos que passamos juntos. Pelas trocas, críticas e revisões de textos. Obrigada Carolina Ribeiro, Thiago Possiede, Neli Telegnski, Reginaldo Cerqueira, Pérola Sanfelice, Mara Mashio e Clara Cuevas pela companhia nesta empreitada.

Aos professores que de alguma forma contribuíram para este trabalho. Um agradecimento especial à Prof^a. Dr^a. Lúcia Cherem e Prof^a. Dr^a. Roseli Terezinha Boschilia pelas colaborações na minha banca de qualificação. E ao Prof. Dr. Euclides Marchi pela gentileza sempre dispensada aos alunos.

Por fim, ao governo federal e à Capes pelo financiamento dos meus estudos. Por estarem ampliando as possibilidades para que os brasileiros tenham a oportunidade de estudar em universidades de qualidade, bem como receber financiamento para seus estudos e pesquisas.

"A história tem por função mostrar que aquilo que é nem sempre foi, isto é, que é sempre na confluência de encontros, acasos, ao longo de uma história frágil, precária, que se formam as coisas que nos dão a impressão de serem mais evidentes. Aquilo que a razão experimenta como sendo sua necessidade, ou aquilo que antes as diferentes formas de racionalidade dão como sendo necessária, podem ser historicizadas e mostradas as redes de contingência que as fizeram emergir (...)."

Michel Foucault

RESUMO

Em 1762 Jean-Jacques Rousseau publicou o tratado de educação *Emile* e apesar do pouco espaço reservado à mulher, Sophie, a personagem-companheira de Emílio, tornou-se o modelo de feminilidade inspirador de muitas obras de educação do final do século XVIII e do século XIX. Ela é a esposa ideal, sua formação moral e intelectual é toda voltada para este fim. Poucas décadas mais tarde, são sucessivamente publicadas as obras *Les conversations d'Emilie*, de Madame d'Épinay e *Corinne*, de Madame de Staël. Apesar de o primeiro ser um tratado de educação e o segundo um romance, estão voltados para a mulher e a partir das personagens que dão título às obras, foram também construídos modelos femininos. Emilie e Corinne são mulheres muito diferentes de Sophie, suas formações visavam a autonomia e felicidade, independentes da figura masculina. Logo, a presente dissertação propõe identificar e analisar estes modelos femininos na escrita de autoria feminina, que questionaram o modelo rousseauísta de gênero e que ousaram, por meio da escrita, garantir às mulheres outras possibilidades de existência e de ação. Ademais, a análise trata da importância da experiência pessoal e do conceito de maternidade filosófica na produção das referidas obras, que são emblemas da transgressão feminina frente aos limites tradicionalmente impostos às mulheres.

Palavras-chave: gênero, século XVIII, escrita de mulheres

RÉSUMÉ

En 1762, Jean Jacques Rousseau a publié le traité d'éducation « Emile ». Malgré la petite importance réservée aux femmes dans l'oeuvre, Sophie qui est le personnage principal et compagne d'Emilie, est devenue le modèle de la féminité qui a même inspiré plusieurs oeuvres sur l'éducation de la fin du XVIIIe siècle et du XIX siècle. Elle est l'épouse idéale, sa formation morale et intellectuelle est dirigée pour cet objectif. Cependant, en ce moment, il publié successivement aussi les oeuvres « Les conversations d'Emilie », écrites par Madame d'Épinay, et « Corinne », par Madame de Staël. Néanmoins, ce premier est un traité d'éducation et le deuxième un roman, ces deux livres sont versés aux femmes et à partir des personnages qui nomment les oeuvres, ils ont été produits des modèles féminins. Emilie et Corinne sont deux femmes très différentes de Sophie, leurs formations visent l'autonomie et le bonheur indépendamment du personnage masculin. Donc, cette recherche propose d'identifier et d'analyser ces modèles féminins présents dans l'écriture féminine qui défie le modèle roussauiste de genre et qui ont osé, par l'écrit, garantir aux femmes d'autres possibilités d'existence et d'action. De ce constat, cette analyse reflète sur l'importance de l'expérience personnelle et du concept de “maternité philosophique” dans la production de ces oeuvres qui sont références de la transgression féminine contre les limites traditionnellement imposées aux femmes.

Mots-clés: genre, XVIIIe siècle, écriture de femmes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I :GÊNERO E CULTURA NO ILUMINISMO	26
1.Debates iluministas: concepções sobre a natureza e o ideal social	28
1.2Os Debates Sobre a Educação Feminina: Limites E Possibilidades	42
1.3 <i>Sophie</i> : A mulher perfeita idealizada por Jean-Jacques Rousseau	57
CAPÍTULO II:LITERATURA E A ESCRITA DE MULHERES NO SÉCULO XVIII: INTERDIÇÕES E POSSIBILIDADES	69
2.1 A importância dos salões iluministas para a realização intelectual feminina no século XVIII	71
2.2 Amizade e criação literária	81
2.3 Mulheres e Literatura: Um encontro possível	88
CAPÍTULO III:ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: MADAME D'ÉPINAY, MADAME DE STAËL E A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE EMILIE E CORINNE	98
3.1 Criada para ser feliz: Emilie e a formação da nova mulher	100
3.2 Bela e livre: erudição e sensibilidade de Corinne	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
FONTES	147
BIBLIOGRAFIA.....	148
ANEXOS.....	153
Anexo I: Cronologia.....	153
Anexo II Imagens Madame d'Épinay:.....	158
Anexo III Imagens Madame de Staël.....	160

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa veio até mim como uma oportunidade de continuidade da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CPNq), intitulada *Entre mãe e filha: memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Germaine de Staël*, e de minha pesquisa monográfica para conclusão do curso de História da Universidade Federal do Paraná com o mesmo assunto. Logo, meu interesse pessoal se situa na temática dos estudos de gênero e da escrita de mulheres, tema ainda pouco problematizado na historiografia brasileira.

Mesmo tendo adentrado nesta área de estudo ainda na graduação, nestes quase dois anos que venho me dedicando a esta pesquisa, não tenho deixado de me encantar pelas discussões. Cada nova leitura, disciplina cursada ou mesas redondas que tenho participado nestes últimos meses têm mostrado o quão rica e encantadora é a pesquisa sobre escrita de mulheres.

Um dos prazeres que esta pesquisa tem me proporcionado é perceber a pluralidade feminina no século XVIII. Desvelar trajetórias que contradizem tudo aquilo que foi dito sobre as mulheres pela História tradicional – que as mulheres não estudavam, ficavam restritas à esfera doméstica, não produziram grandes obras literárias ou trabalhos científicos, enfim, que ficaram resignadas às “imposições pertinentes ao seu sexo” – tem sido extremamente prazeroso.

Outra das delícias proporcionadas por este trabalho é de desvelar a história de mulheres fascinantes. Trajetórias que por serem consideradas de menor valor foram por muito tempodeixadas à margem da história profissional e acadêmica.

Mulheres ambicionavam adentrar no mundo das letras mesmo estando cientes que sua participação era combatida por membros da elite letrada que as consideravam racionalmente inferiores e, portanto, inaptas para atividades intelectuais. Contudo, elas não se intimidaram. Ousaram participar ativamente destes ambientes, buscando ser mais que meras observadoras, mas sim protagonistas, reconhecidas como indivíduos plenamente capazes. Aspiravam que suas opiniões fossem ouvidas e respeitadas e para isto, além desta participação ativa ousaram se dedicar à prática da escrita.

Cristina de Pizán, Madame de La Fayette, Madame d'Épinay e Madame de Staël são alguns exemplos de mulheres que aliaram sua ambição intelectual com o gosto pela escrita e despontaram como grandes pensadoras de suas épocas. Muitas delas, graças ao seu olhar atento, produziram obras de cunho crítico e com isto contribuíram para o questionamento do pensamento misógino, servindo de exemplo para muitas de suas sucessoras, que como elas acreditavam na escrita como meio de transformação social.

Mulheres que movidas por sua paixão intelectual desafiaram limites de gênero estabelecidos e que demonstraram que este desejo não representava casos isolados. Muitas delas, ao longo do período moderno, ousaram lutar por seus ideais, viver plenamente e de acordo com suas convicções e dessa forma transformaram a história da literatura. Garantiram às mulheres o direito à palavra escrita, mesmo que tenham motivado uma disputa ideológica com intensos debates e que lhes causou grandes infortúnios – tal qual os escárnios públicos e difamações de que foram alvos ou mesmo a perseguição política tal qual sofreu Madame de Staël.

A participação feminina no universo literário instigou novos olhares e sensibilidades. Muitos assuntos que já eram tratados por escritores homens passaram a ser percebidos e abordados sob novos ângulos. Questões que não interessavam aos escritores passaram a ser tratadas nas obras produzidas por mulheres. Com a abordagem de novos temas, as transformações semânticas da língua, o surgimento de uma nova sensibilidade literária e, sobretudo, a emergência do romance como gênero literário, a entrada das mulheres abalou os padrões do que até então era entendido como literatura.

Ao me deparar com a discussão acerca das mulheres no período moderno – suas capacidades e lugares sociais – tive a oportunidade de perceber o sentido de algumas trajetórias, suas reflexões e obras estarem à margem do campo literário, historiográfico e científico. Com isto me vi envolvida em questões mais abrangentes. A primeira delas foi a desconstrução de uma História acadêmica que, no que diz respeito às mulheres, foi imensamente negligente. E a segunda, a discussão acerca da construção do cânone literário, suas prerrogativas e exclusões, pois a literatura no século XVIII era considerada uma expressão da erudição, um produto primoroso do refinamento intelectual, e por essa razão foi constituída num um seletto círculo de letrados, que em nome de uma “arte universal” promoveu e reforçou exclusões.

As mulheres eram consideradas incapazes tanto de formar um público leitor específico, como de serem escritoras de obras de valor literário, sendo colocadas à margem pelo cânone literário, que na tentativa de manter as discussões literárias restritas a um seletto grupo de especialistas, tentou afastá-las do universo literário. Mas, como as pesquisas acerca da história das mulheres e os estudos literários nos mostram, muitas escritoras não ficaram subordinadas a estas imposições e se empenharam na produção literária, mesmo enfrentado as críticas encontraram apoio em alguns de seus contemporâneos.

Madame d'Épinay, por exemplo, ao publicar *Les conversations d'Emilie*, foi criticada por seu amigo, Jean-Jacques Rousseau. Mas ela não recuou, mesmo sendo difamada por muitos de seus contemporâneos e até mesmo ridicularizada por Rousseau, mais tarde um ex-amigo e

rival, estabeleceu com ele um rico debate sobre a educação, contribuindo para a transformação do papel da mãe na formação dos seus filhos, bem como estabelecendo novos parâmetros para a educação feminina no século XVIII.

Segundo Rousseau as mulheres não haviam sido destinadas pela natureza para se dedicarem à atividades racionais. Elas deviam ficar restritas à esfera doméstica, ocupando, assim, seu “lugar natural”. Seguindo esta linha de pensamento, muitos dos proeminentes filósofos e escritores do *século das Luzes* não viam com bons olhos a ambição intelectual feminina. Para eles as mulheres enfraqueciam a literatura; sua escrita e seus romances não eram dignos de entrar nas instituições formais de produção literária¹. Logo, por serem consideradas inaptas para participarem deste processo, que as mulheres foram impedidas de entrar nas instituições profissionais ou intelectuais tais quais as academias e as universidades². Em oposição ao cânone e à profissionalização, a escrita de autoria feminina foi considerada inferior, sendo adjetivada como feminina, enquanto a literatura de autoria masculina nunca teve uma adjetivação de gênero.

Afastadas das instituições formais de produção literária, as mulheres não faziam parte do mundo elitário e masculino das profissões intelectuais, mas sim do amadorismo, por suas obras serem consideradas de menor valor estético e literário. Bonnie Smith explica como no século XIX a literatura feminina passou a ser percebida como sendo própria para mulheres – feita por elas e direcionada para elas. Logo, enquanto as escritoras se dedicavam a suprir o mercado literário feminino, afastadas das instituições acadêmicas e literárias, os homens se dedicavam à literatura considerada elevada e digna destas instituições e do reconhecimento intelectual.

Ao tratarem da história da literatura, estas instituições relegaram ao segundo plano a escrita feminina. Nunca deram atenção para os estudos acerca da emergência das mulheres no campo literário, ou mesmo se preocuparam em analisar o valor de suas obras, colocando-as assim, em um vazio literário. Foi apenas na década de 1970 que surgiu uma crítica literária especializada no estudo de obras produzidas por mulheres, buscando segundo Margareth Hall, expor as práticas excludentes e sexistas presentes no campo literário.

A crítica feminista pode ser interpretada como produto de uma luta orientada para trocas entre o político e o social. Sua tarefa específica se converte na intenção de ampliar a ação

¹ Nos séculos XVII e XVIII observamos esta dicotomia entre escrita de homens e de mulheres, porém é no século XIX que vemos esta diferenciação se acentuar. Não podemos deixar de lembrar que este foi o período de apogeu da ciência, das verdades universais e da profissionalização técnico-científica.

² SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru: Edusc, 2003., p. 24.

política para o domínio da cultura.³ O surgimento da teoria crítica feminista⁴ esteve estritamente ligado ao feminismo e aos estudos de gênero. O feminismo dos anos setenta foi o primeiro movimento social e político a procurar fortalecer o campo da crítica literária acadêmica através do estudo de mulheres.⁵

O feminismo realizou uma ampla crítica cultural, teórica e epistemológica aos pressupostos da produção do conhecimento e da cultura. Criticou, sobretudo, a pretensa universalidade de valores masculinos e ocidentais, altamente excludentes, estabelecidos como verdades absolutas, mas que não deram conta das diferenças.⁶ Logo, os estudos literários feministas buscaram através de seus questionamentos epistemológicos discutir e redefinir a formação do cânone⁷.

Dentro dos estudos feministas, houve pesquisadoras que se dedicaram aos estudos linguísticos, destacando a desigualdade de gênero existente na linguagem. Algumas teóricas relacionaram a construção linguística à construção cultural e ideológica.

A filósofa estadunidense Andréa Nye afirma que o privilégio da fala está ligado ao poder. Mesmo quando a mulher exerce o direito da fala, dificilmente terá instrumentos adequados ao seu propósito, já que a linguagem é sexista⁸. Segundo Nye, as diferenças entre homens e mulheres, bem como a discriminação de gênero, estão presentes tanto na significação das palavras, quanto na estrutura da língua. Desta forma, percebemos mais uma vez como a entrada das mulheres no campo da escrita expressou o embate contra o poder patriarcal instituído, estando envolvida pela construção histórica cultural do gênero, fundada na dicotomização e na hierarquização.

Os estudos de gênero também foram muito importantes para este movimento. Segundo Natália de Santanna Guerellus eles buscaram resgatar as obras de mulheres esquecidas pela tradição cultural, bem como as representações do feminino na arte, a relação entre o feminino e a linguagem, a polêmica acerca da especificidade da escrita feminina e sua relação com o cânone.⁹ Logo, contribuíram para os estudos literários e históricos, para o resgate de autoras e

³ *Idem.*, p. 36.

⁴ Porém, este não foi um movimento unitário. Nos anos setenta havia muitas lutas distintas dentro do movimento feminista. Com isto, propostas diversas apareceram e originaram correntes diversificadas. Cf. *Idem.*

⁶ GUERELLUS, Natália de Santanna. "Ensaio teórico." In: _____. *Raquel de Queiroz: regra e exceção*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2011. pp. 171-203.

⁶ RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e História*. Disponível em http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Epistemologia_Feminista.pdf. Acessado em 18 de junho do 2013, p. 04.

⁷ Cf. *Idem.*

⁸ Cf. NYE, Andréa, *Teoria feminista e as filosofias do Homem*. Rosa dos tempos, 1995.

⁹ Cf. GUERELLUS, *Op. Cit*

obras marginalizadas pelo cânone, ou mesmo aquelas que ficaram submersas na narrativa da história dos grandes homens e seus feitos – aqueles considerados dignos de serem lembrados e estudados nas academias e universidades.

A partir destes movimentos a crítica literária vem questionando desde a década de setenta os pressupostos teóricos do cânone literário, ao propor um modelo de análise literária que leva em consideração o gênero na autoria das obras e no mundo da leitura e dos(as) leitores(as), bem como questões acerca da participação da mulher no mundo literário, seja como escritora ou mesmo leitora.

Toril Moi foi uma importante crítica do pensamento canônico – que por essência faz parte de uma ordem masculina, européia e branca. Em um momento onde as feministas estavam interessadas em inserir a produção de mulheres no cânone já existente, ou mesmo formar um cânone a parte, ela estava questionando a prática das próprias feministas. Isto por que, para ela, estas duas estratégias nada mais fazem que reinterar uma ordem patriarcal. Pois, as próprias noções de cânone e de escritor - indivíduo unitário, auto-consciente e livre de ambigüidades e contradições – fazem parte de uma construção patriarcal. Logo, para ela a questão principal da crítica feminista deveria ser a desconstrução do cânone literário – como uma possível via para desconstruir os demais tipos de hierarquia¹⁰.

Neste sentido, Heloisa Buarque de Hollanda declarou a importância de se resgatar obras e autoras que foram esquecidas pela cultura hegemônica. Ela questiona as bases epistemológicas da história da literatura, como a pretensa objetividade e linearidade desta área de estudos que busca destacar a unidade da tradição literária e para isto elege os grandes homens da literatura, entendidos como dotados de talento quase sobrenatural¹¹, enquanto os que não se encaixam em padrões ou categorias pré-estabelecidas são excluídos.

Elaine Showalter é uma importante teórica da crítica literária feminista que se preocupou com a sistematização destes estudos. Num momento histórico onde as estudiosas estavam preocupadas em analisar representações femininas em obras canônicas escritas por homens, Showalter propôs que “ao invés de se debruçar sobre toda a literatura, era mais proveitoso se debruçar sobre a literatura escrita por mulheres”¹².

Ponto importante na obra de Showalter é o questionamento se as mulheres podem ser consideradas um grupo literário peculiar e se há especificidades na escrita feminina. Ao se

¹⁰ MOI, Toril. *Teoria Literária Feminista*. Madri: Cátedra, 1988.

¹¹ Cf. HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

¹² Cf. BELLIN, Greivy Pinto. *A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem*. Revista Fronteiras. São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

posicionar frente a estas questões, ela afirma que o que diferencia as obras escritas por mulheres daquelas escritas por homens é que a escrita feminina seria reveladora do que a autora chama de “cultura da mulher”.¹³ Logo, para ela não há diferenciação na linguagem de homens e mulheres, mas sim uma escrita que tenha traços da experiência e das práticas culturais ligadas ao contexto.

Desta forma, a diferença na produção escrita é entendida como fruto da experiência histórica e cultural dos indivíduos, bem como das diferentes configurações de gênero nas quais estes indivíduos estão inseridos. Porém, não podemos deixar de citar que além das identidades de gênero, outras clivagens sociais estão presentes e corroboram para a construção subjetiva.

Stuart Hall lembra que apesar da unidade identitária ter sido defendida por teóricos ou mesmo fazer parte da construção do autoentendimento do sujeito, nas últimas décadas as conceitualizações acerca da identidade têm trabalhado com a *descentralização*. Ou seja, a identidade vem sendo entendida como plural – ao invés de algo dotado de um núcleo sólido e perene, ela é entendida como composta por vários núcleos que se inter-relacionam¹⁴. Desta forma, o indivíduo é entendido como atravessado por inúmeras identidades (gênero, classe, raça, nacionalidade.) e que se identifica com mais de um grupo – mesmo que inconscientemente.

Assim, apesar das mulheres trazerem experiências pessoais, histórias e questionamentos intensamente marcados pelo gênero, elas também são “representantes” de outros grupos sociais, que integram sua subjetividade. É importante “enfocar os múltiplos lugares a partir dos quais esses sujeitos produzem seus escritos, mas sempre inter-relacionados com a oposição (ou identidade) de gênero, que afinal perpassa todas elas”.¹⁵

A partir destas questões a discussão acerca da existência ou não de uma escrita marcadamente feminina ganhou fôlego e foi bastante debatida nas últimas décadas. Muitas pesquisadoras que têm participado deste debate enfatizam que as especificidades das produções culturais estão intimamente ligadas às circunstâncias históricas, econômicas e sociais de sua produção. Logo, como mulheres e homens têm experiências diferentes, isto está presente em suas obras artísticas e literárias¹⁶.

¹³SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminista do território selvagem” In HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

¹⁴ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP&A, 1999

¹⁵ MIRANDA, Anadir dos Reis. *Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos*. Dissertação de mestrado entregue à linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010, p. 98.

¹⁶ GUERELLUS, *Op Cit*.

Defendemos que há particularidades nesta prática e que a experiência, o contexto de produção e a perspectiva é que garantem a especificidade e não fatores de uma suposta e imutável ordem natural. Não é uma determinação inata que predestina homens e mulheres a produzirem obras artísticas ou literárias com características diferentes, como se os traços de seu sexo fossem refletidos nelas. A diferença é parte de uma construção social e cultural. O gênero (histórico e cultural) do autor ou da autora influencia a forma como a obra é construída, já que homens e mulheres têm perspectivas e experiências muito diferentes.

A partir dessas reflexões teóricas, esta pesquisa problematiza a questão da escrita de mulheres no período moderno. Trata dos entraves e estratégias encontrados pelas mulheres que ambicionavam ter acesso ao mundo do saber; as particularidades de suas obras, bem como as inovações estéticas e sociais propostas por elas.

No século XVIII, com o advento da crítica iluminista a questão da organização social passou a ser de suma importância devido ao desejo do desenvolvimento civilizacional tão intensamente defendido pelos filósofos ilustrados. A definição das funções sociais passou a ser amplamente discutida e divulgada por meio de tratados e ensaios que apregoavam a dicotomização das esferas de atuação de homens e mulheres. A educação, por ser entendida como meio de transformação, passou a ser preocupação política, por ser responsável pelo aperfeiçoamento dos indivíduos.

Publicações sobre educação proliferaram desde o final do século XVII, aumentando progressivamente por todo século XVIII. Os grandes tratados foram escritos por homens que pregavam a necessidade de haver diferenças entre a educação feminina e a masculina. Aos meninos era indicada uma educação ampla, para que pudessem como adultos governar suas famílias e estivessem preparados para exercer funções públicas e cuidar dos negócios. Já às meninas era destinado o mínimo de conhecimento, para que pudessem quando adultas cuidar da economia e dos afazeres domésticos, desempenhar muito bem a função materna e serem boas esposas cristãs.

Em 1762 Jean-Jacques Rousseau publicou a obra que se tornou central neste debate, o romance pedagógico *Emile ou De l'éducation* [Emílio ou da educação].¹⁷ Nela, o autor traça as diretrizes educacionais para que os indivíduos tenham a chance de cultivar as qualidades inerentes ao seu sexo e com isto se tornem seres de virtudes – o que garantiria a prosperidade individual e social. Como o próprio título indica, a obra se refere majoritariamente à educação

¹⁷ Optamos por manter o nome das obras e das personagens em sua língua original, salvo quando for mencionado em citação direta de algum outro texto. Devido a isto, para uma melhor compreensão do leitor, optamos por colocar a tradução para o português na primeira vez que cada obra for citada nesta dissertação.

masculina. É somente no último capítulo que Sophie, a companheira de Emile, é apresentada aos leitores, tratando Rousseau da educação feminina.

Apesar do pouco espaço reservado à mulher, Sophie, a personagem-companheira de Emile, tornou-se o modelo de feminilidade do final século XVIII e do século XIX. Moça educada seguindo os preceitos da natureza, Sophie foi instruída desde menina para cultivar as virtudes de seu sexo, para servir e cuidar de seu marido e filhos. Ela é a esposa ideal, sua formação moral e intelectual é toda voltada para este fim.

Ao longo da obra notamos como Rousseau delimita os lugares de atuação de homens e mulheres e como sutilmente, em nome do determinismo natural, forja as subjetividades femininas e masculinas. Apesar desse livro ter sido bem recebido pelo público leitor e de muitas mulheres terem desejado aderir ou educar suas filhas seguindo o modelo representado por Sophie, nem todas elas desejavam viver de acordo com a restrita cartilha rousseauísta. Muitas delas tinham outro ideal de existência feminina, distinto daquele apregoado por Rousseau.

Este foi o caso de Madame d'Épinay e Madame de Staël, duas mulheres escritoras que desejavam mais do que as barreiras de gênero tradicionais permitiam às mulheres. Seu olhar crítico em relação à educação feminina as levou a escrever cartas nas quais as personagens ousaram transgredir o modelo feminino rousseauísta e as imposições de gênero da sociedade à qual pertenciam.

Louise Florence d'Esclavelles, Madame d'Épinay, era filha de um barão de carreira militar e desde muito jovem foi incentivada por ele, como ocorreu também com Madame de Staël, a seguir no caminho dos estudos e do esmero intelectual. Contudo, quando ela tinha nove anos seu pai faleceu e com isto sua vida sofreu um imenso revés. Devido a problemas financeiros ela e sua mãe foram morar com uma tia, ficando impedida de continuar seus estudos¹⁸. Ainda menina foi mandada a um convento para ser educada como uma boa mãe e esposa devota. Quando saiu do convento conheceu uma felicidade passageira ao se casar com seu primo, Denis de La Live d'Épinay, mas logo em seguida sofreu muitas humilhações. Seu marido era um libertino, tinha uma concepção muito diferente da dela sobre o casamento, o que lhe causou enorme desgosto.

Outra fonte de sofrimentos foi o afastamento obrigatório de seu filho, que contra sua vontade, foi enviado para a casa de uma ama-de-leite e só voltou anos depois. Com muitas dificuldades Madame d'Épinay buscou se reerguer. Foi nos braços de amantes, sobretudo de

¹⁸ Cf. BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: DunaDueto, 2003.

Grimm, seu parceiro intelectual, nas sociabilidades de seu salão e na escrita que encontrou forças e alegrias para viver.

Madame d'Épinay tinha muitos problemas de saúde, sofria de um grande mal-estar causado por um câncer de estômago e devido a isso, tomava ópio para afastar suas dores. Como não conseguiu se dedicar à educação de seus filhos por causa das convenções sociais educou sua neta de acordo com suas convicções, pretendendo fornecer um novo modelo de educação para meninas.¹⁹ Foi essa experiência de avó que a levou a escrever o tratado *Les conversations d'Emilie*. A obra foi muito comentada ao ser lançada, recebendo elogios da crítica e de intelectuais que eram favoráveis à educação feminina.

Nela Madame d'Épinay defende uma educação feminina completa visando a formação de um indivíduo autônomo, porém ao fazê-lo ela parte da realidade e não de princípios gerais e distantes das realidades enfrentadas por uma criança. Ela ressalta a importância de conhecer e seguir os costumes, pois eles existiam e não podiam ser negados. Desta forma, habilidades sociais e cuidados com a casa também foram ensinados à Emilie.

Em formato dialógico, este tratado produzido por Madame d'Épinay é muito distinto daquele produzido por seu grande amigo e rival, Rousseau. Enquanto o filósofo está preocupado em enfatizar a importância do preceptor na formação das crianças, não dando destaque à perspectiva infantil, em sua obra d'Épinay destaca o papel da criança no processo educacional. Para ela a criança não é passiva frente às lições e ensinamentos, pelo contrário. Para a autora a criança deve ser estimulada desde cedo para que sua capacidade reflexiva e sua bagagem intelectual sejam fontes de satisfação e felicidade.

A obra é composta por vinte diálogos; em cada um deles a mãe – não podemos deixar de lembrar que a defesa da autora é que as mães sejam as preceptoras de seus filhos – e a filha dialogam sobre diversas questões presentes no cotidiano da pequena Emilie, como também questões pertinentes à sua educação. Logo, segundo Madame d'Épinay deve partir da própria criança os estímulos e as perguntas para o processo educativo. Através de suas experiências e reflexões a preceptora deve estabelecer o plano educacional.

Defendemos que suas ideias e experiências pessoais foram determinantes para sua escrita literária, para a produção das obras analisadas nesta pesquisa e principalmente das suas respectivas personagens.

Germaine Louise Necker, que após seu casamento ficou conhecida por Madame de Staël, era filha de Suzanne Necker, uma importante *salonnière*, pensadora e escritora, e de

¹⁹Cf. *Idem*.

Jacques Necker, ministro de finanças de Luis XVI. Incentivada por seus pais, desde pequena recebeu educação primorosa, dando mostras logo cedo de seu brilhantismo e inteligência aguçada ao acompanhar as reuniões no famoso salão de sua mãe, recebendo elogios de pensadores tão importantes como Voltaire²⁰. Depois de adulta Germaine, assim como sua mãe, abriu um salão que também adquiriu excelente fama nos círculos ilustrados. Entre os frequentadores estavam artistas, críticos e escritores que se reuniam para discutir assuntos diversos, sempre visando o aprimoramento intelectual e a manutenção de relações de amizade, proporcionando espaço para o exercício da crítica.

Incentivada por seu pai, Germaine também se aproximou das discussões políticas, que lhe renderam depois preconceitos por este não ser um campo tradicionalmente de participação feminina. Defendendo os ideais liberais e republicanos, acabou entrando em conflito com Napoleão Bonaparte tendo que se exilar quando ele tomou o poder em França²¹. Além de seus escritos políticos, Madame de Staël escreveu romances como *Delphine* [Delfina] e *Corinne ou l'Italie* [Corina ou da Itália].

Nesta pesquisa analisamos o livro, *Corinne ou l'Italie*, obra publicada em 1807 e que tem como cenário a história italiana, tratando das dificuldades e impasses da mulher livre e erudita frente a uma sociedade conservadora. A protagonista que dá nome à obra e detém conhecimento sobre a história italiana, é a locutora e seu companheiro é o interlocutor. Desta forma a personagem feminina é colocada em posição superior à masculina, direcionando as discussões, o que não era comum nas obras literárias da época.

Corinne é uma dama inigualável. É refinada, tem hábitos educados, mas que também fascina por seus conhecimentos. É uma moça erudita versada nas artes, música e teatro, que declama e atua belamente, além de possuir um vasto conhecimento de história e literatura. Enfim, uma dama com formação e sagacidade ímpares, o que a qualificava para o rol das mentes mais brilhantes do seu tempo. Staël apostou na literatura para dar voz aos seus preceitos liberais, assim sua escrita está repleta de questões e de seus posicionamentos políticos²². Em 1796 ela se exilou e começou a fazer diversas viagens pela Europa, passando por países como Suíça e Alemanha. No final de 1804 ela chegou à Itália, onde realizou intensa pesquisa histórica e fez inúmeras anotações que posteriormente serviram de base para a composição do romance *Corinne ou l'Italie*. A partir disto, podemos observar que assim como sua personagem, Staël

²⁰ Cf. HEROLD, J. Christopher. *Mistress to an age: a life of Madame de Staël*. New York: Grove Press, 1958.

²¹ Cf. BRESCIANI, Maria Estella. Entre o amor-próprio e a humilhação. *Delphine e Corinne: metáforas da virtude em Germaine de Stael* In MARZON, Izabel e NAXARA, Márcia (org). *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos e palavras*. EDUFU, 2005.

²² Cf. SMITH, Op. Cit.

fez viagens pela Europa e, para ela, assim como para Corinne, as fronteiras geográficas não são importantes – o valor está na cultura dos povos.

Ao analisarmos ambas as obras, notamos que há muita proximidade entre as construções literárias das personagens principais construídas por ambas as autoras. Elas propõem um novo modelo de feminilidade: uma mulher emancipada, culta, livre, com habilidades sociais, porém que não esquece seu lugar na sociedade. Madame d'Épinay evidencia isto ao tratá-la com os cuidados com a casa e as prendas domésticas. Esta necessidade também é encontrada na obra de Staël, pois apesar de Corinne ser uma mulher livre e culta, sua infelicidade foi causada pelas convenções sociais e culminou num destino trágico – a mulher emancipada, que representa o progresso e as Luzes, sucumbe devido ao preconceito.

Para as autoras os lugares tradicionais reservados às mulheres – o lar, a família e a vida religiosa – não garantiam o acesso à felicidade. Para elas, assim como para muitas mulheres europeias que também escreveram no século XVIII, a vida não se limitava à domesticidade, caridade ou mesmo à submissão. O mundo das lides domésticas era estreito e não abrigava suas ambições. Elas desejavam mais. Mesmo não negando a importância do preparo para exercer o que delas era exigido socialmente e reconhecendo a força dos costumes, elas desejavam ultrapassar as barreiras impostas às mulheres.

Apesar dos diferentes gêneros de escrita – um tratado de educação e um romance – os dois livros tratam da mulher e se dedicam a discutir a questão feminina a partir das personagens que dão título às obras, formando modelos femininos. Emilie e Corinne são mulheres muito diferentes de Sophie. A primeira ainda é uma menina, mas sua educação é conduzida para que ela seja uma mulher livre, emancipada e com senso crítico aguçado. Corinne é uma dama culta que vive sem a tutela paterna ou de algum outro familiar; ela busca a felicidade, seja em suas viagens, seja na música, ou no conhecimento e no amor.

A pesquisa que apresentamos se propôs identificar e analisar estes modelos femininos presentes na escrita de autoria feminina e que desafiaram o modelo corrente de gênero, ousando, através da escrita, garantir às mulheres outras possibilidades de existência e de ação.

Para isso tomamos como ponto de partida a construção ideológica de Sophie, para pensar transgressões e reafirmações a partir de um modelo altamente difundido e aceito pela sociedade francesa no século XVIII. Acreditamos que identificar elementos comuns entre as escritoras e suas obras, bem como a importância da experiência individual, sejam de suma importância para entender como elas dialogaram e partiram de interesses comuns relativamente à educação feminina. Propomos pensar também até que ponto elas produziram uma escrita na

qual se idealizou um modelo de realização pessoal, buscando alcançar o que ambas e muitas de suas contemporâneas só parcialmente conseguiram.

Para isto, no primeiro capítulo tratamos de como a ideologia de gênero esteve presente na edificação dos ideais e pressupostos iluministas. De como, por mais que os filósofos se declarassem observadores imparciais das leis da natureza, seus discursos eram edificados sobre as ideologias de gênero e de raça.

Os discursos iluministas apregoavam que os ideais de liberdade e igualdade deveriam ser valores civilizadores, assim como da organização social. Segundo eles, a natureza dotou todos os seres humanos com as mesmas capacidades, portanto, todos possuíam os mesmos direitos e deveres. Porém, ao dissertarem sobre as mulheres os pensadores iluministas não conseguiram livrar-se dos seus preconceitos e reforçaram muitos dos pressupostos históricos limitadores do feminino. Enquanto defendiam uma raça humana unitária, não cessaram em diferenciar a natureza feminina da masculina; enquanto buscavam libertar os cidadãos dos privilégios de nascimento que eram fonte da desigualdade entre os indivíduos, com argumentos embasados no determinismo natural, defendiam que a mulher tinha um lugar estritamente demarcado na sociedade, o lar.

No primeiro capítulo apresentamos este paradoxo da filosofia iluminista. Destacamos quais foram os principais argumentos utilizados e, sobretudo, qual o papel da educação na introjeção de valores e direcionamento de funções sociais – já que a educação feminina no século XVIII não visava a emancipação ou realização pessoal, mas sim o desempenho da atividade de mãe, esposa e dona de casa. Para finalizar a discussão deste primeiro capítulo, discutimos o modelo máximo deste ideal feminino que foi intensamente difundido e imitado por muitas mulheres ao longo do século XVIII e XIX, Sophie. O objetivo de tal escolha foi compreender as concepções sobre a mulher no referido período, os limites de sua existência, bem como os modelos de virtudes e comportamentos a serem seguidos, pois assim pudemos compreender quais foram as barreiras transpostas por mulheres que ambicionavam a ser mais do que lhes era permitido, seja almejando adentrar no mundo das letras, seja como anfitriãs de salões ou mesmo escrevendo e publicando suas obras.

No segundo capítulo tratamos da relação das mulheres com o mundo letrado, mais especificamente com a literatura. Mesmo que a ideologia dominante tenha defendido que elas não poderiam ter educação formal equiparada à masculina e que por sua natureza frágil de racionalidade reduzida, não serviam para se dedicar aos assuntos da mente, muitas não se submeteram a estas imposições. Buscaram trilhar pelo caminho do esmero intelectual e se dedicar a estudar temas que lhes eram caros.

Nossa preocupação central neste capítulo é discutir quais os caminhos encontrados pelas mulheres que tinham a ambição intelectual, pois não participavam das instituições formais de aprimoramento e das discussões intelectuais. Para tanto destacamos a importância dos salões das amigadas mistas ali constituídas para seu aprimoramento e amadurecimento intelectual, bem como para a publicação de suas obras. Para finalizar este capítulo, discutimos o impacto da presença das mulheres no mundo das letras, bem como os valores que estavam em jogo com estas transformações no mundo literário. Recuperamos a querela dos antigos e modernos na França em meados do século XVII e início do XVIII que tratava do status social da literatura, mas que trazia consigo questões de gênero.

No terceiro e último capítulo, após termos apontado quais eram as atribuições e virtudes consideradas pertinentes às mulheres no século XVIII, os caminhos e entraves encontrados pelas que ambicionavam trilhar pelo caminho da intelectualidade, adentramos nas trajetórias individuais de Madame d'Épinay e Madame de Staël. Nas obras analisadas *Les conversations d'Emilie e Corinne ou l'Italie*, notamos a insatisfação com a ideologia dominante de gênero, com os modelos de subjetividades femininos apregoados e vivenciados por muitas mulheres no século XVIII na França. Em seus livros d'Épinay e Staël constroem personagens que transgridem este modelo tradicional de gênero.

No último capítulo analisamos como as subjetividades das autoras serviram para construir suas personagens, destacando, sobretudo, quais as transgressões que elas apresentam em relação ao modelo representado pela personagem Sophie, e quais são as reafirmações.

Desta forma, inserida no campo de estudo de escrita de mulheres esta pesquisa busca analisar e valorizar a produção literária feminina no período moderno. As mulheres que ousaram a se contrapor à cultura hegemônica não representam casos isolados, conforme procuramos demonstrar, pois muitas mulheres foram intelectuais e escreveram obras de qualidade.

Buscamos também atentar para o que as mulheres do século XVIII estavam pensando acerca do ideal de feminilidade vigente, das normatizações e barreiras de gênero que lhes eram impostas. Com isto, este trabalho também pretende colaborar para a reflexão sobre a escrita de mulheres e de seu lugar na sociedade e na cultura, contribuindo para que sejam reconhecidas por seu trabalho intelectual e muitas vezes como ativistas indiretas dos direitos e dos valores de igualdade, liberdade e de justiça. Refletindo, sobretudo, que a construção e determinação de modelos não afetaram somente as práticas, mas permearam o imaginário sobre os gêneros, acreditamos ser de suma importância a problematização das relações e delimitações de gênero

– estas compreendidas enquanto construções humanas estruturadas majoritariamente por homens, ao longo da história²³.

Ao estudarmos a escrita de mulheres observamos a presença feminina nos círculos cultos e notamos que a historiografia não aborda estas práticas. Desta forma, acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para os estudos de História Moderna e fornecer novas interpretações e subsídios para repensarmos a história das mulheres, sua produção intelectual e suas múltiplas facetas, auxiliando na compreensão de que a atuação social e cultural das mulheres não é e nem foi homogênea, mas complexa e muito diversificada.

Para finalizar, sublinhamos a importância que a teoria crítica feminista tem para os estudos de gênero. Se, como afirmou Guerellus, a crítica literária está muito relacionada com o movimento feminista e com o surgimento do gênero enquanto categoria analítica, propomos uma inversão: pensar a grande contribuição que a crítica literária feminista deu aos estudos de gênero. Não seria possível hoje utilizarmos obras literárias produzidas por mulheres sem a compreensão da escrita feminina e de sua relação com o cânone – aporte teórico que a crítica feminista nos oferece. Entendemos que é fundamental compreendermos a marginalização imposta à literatura feminina, os percalços no caminho das mulheres que ambicionavam se tornarem escritoras para entendermos a dimensão do que representava e ainda representa a prática da escrita por mulheres, bem como sua importância literária.

Hoje a teoria crítica feminista é uma referência fundamental para os estudos de gênero, para a compreensão da escrita feminina e como contribuição teórica para a elaboração de nossa dissertação de mestrado. Esperamos, desta forma, ter contribuído com a História Moderna e da escrita de mulheres, como também para a valorização de escritoras com trajetórias intelectuais magníficas e tão peculiares como Madame de Staël e Madame d'Épinay.

²³SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Disponível em http://www.archive.org/details/scott_gender. Acessado em 01 de julho de 2011.

CAPÍTULO I: GÊNERO E CULTURA NO ILUMINISMO

Visite o século XVIII e você voltará com a cabeça rodando, pois ele é incessantemente surpreendente, inesgotavelmente interessante, irresistivelmente estranho.

Robert Darnton

Enquanto as Luzes declaram guerra aos preconceitos, inimigos da razão, os filósofos não pensam em libertar-se deles no que respeita às mulheres; e mesmo que se coloque no centro de seu discurso a noção de universal e o princípio de igualdade que se baseia no direito natural, defendem a ideia de uma “natureza feminina” separada e inferior.

Dominique Godineau

Se observarmos com cuidado perceberemos o quanto o Iluminismo foi, e ainda é, um objeto de estudo constante na historiografia. Muitos historiadores têm sido seduzidos pelos encantos do movimento que abalou as estruturas tradicionais da sociedade europeia moderna e acabou por transformar a sociedade ocidental. Por sua complexidade e riqueza, seja de temas ou por sua disseminação, são incontáveis trabalhos que tratam do Iluminismo a partir das abordagens mais diversas. Logo, devido a tal complexidade do tema, tivemos que fazer algumas escolhas para abordar um objeto tão diverso e complexo.

Neste primeiro capítulo trataremos das relações entre gênero e cultura no século XVIII na França. Discutimos como a ideologia de gênero esteve presente na cultura e como foi ponto de partida para muitos dos pressupostos e ideais tão caros ao Iluminismo. Para isto acreditamos ser fundamental refletir sobre dois eixos que se complementam. O primeiro deles é composto pelos discursos que buscavam uniformizar e homogeneizar a sociedade, impondo normas aos indivíduos, enquadrando-os em categorias e inserindo-os em locais bem definidos de atuação. O segundo eixo é composto pelas práticas, revelando que muitas vezes os indivíduos escapavam das normas pré-estabelecidas o que tornou muitas trajetórias mais complexas e plurais.

Acreditamos que fazer uma análise levando em considerações estes dois eixos torna o trabalho do historiador muito mais interessante e aberto às múltiplas experiências e interpretações dos sujeitos. Abre a possibilidade de uma aproximação com os indivíduos reais, não apenas as idealizações. Acreditamos que este olhar para as normas e os seus enfrentamentos e mesmo subversões nos garante uma análise mais plural do passado, pois se não tivermos em mente suas diferenças e relações, poderemos cair num reducionismo simplista que ao invés de nos ajudar, atrapalhará a possibilidade de uma compreensão clara e consistente sobre a questão de gênero e das mulheres na França da época do Iluminismo.

Precisamos ter em mente o quão diversificado foi o Iluminismo na França. Mesmo que discursos religiosos ou moralizantes tentassem dar apenas uma coloração à sociedade e aos indivíduos, normatizando comportamentos e idealizando homens e mulheres, ao observarmos com cuidado notamos que havia uma vasta diversidade – seja nas múltiplas formas de atuação mundana, nas oportunidades ou mesmo na elaboração da noção de direitos.

Para tal análise, acreditamos que além de apresentar o Iluminismo, apontar suas peculiaridades e os seus ideais, seja de suma importância tratarmos da educação na França no século XVIII. Ao tratarmos deste tema não discutiremos apenas as questões de cunho pedagógico, mas sim a respeito da organização social e dos padrões culturais que desde cedo meninos e meninas eram levados a seguir para que exercessem com máxima perfeição as funções que lhes eram próprias quando chegassem à idade adulta. A educação não visava somente a emancipação individual, mas sim a padronização de comportamentos de acordo com o grupo social e o sexo.

Logo, ao analisarmos os modelos de educação feminina, refletimos sobre os locais e funções sociais que eram destinados às mulheres; suas limitações e, sobretudo, suas transgressões às barreiras de gênero. Para finalizar a discussão apresentamos *Sophie*, personagem criada pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau e que se tornou o modelo literário feminino da segunda metade do século XVIII, além de ter sido referência para muitas mulheres.

Essa discussão é o ponto de partida para compreendermos o que significava ser uma escritora no século XVIII, tema do segundo capítulo dessa dissertação. Dessa forma podemos entender quais foram as barreiras quebradas com o empoderamento das mulheres pela palavra escrita e qual o significado que tal decisão teve em suas vidas.

1.1 Debates iluministas: concepções sobre a natureza e o ideal social

Em meados do século XVIII as transformações estruturais em curso na Europa, como o aumento das cidades e do comércio, os efeitos a longo prazo das guerras religiosas dos dois séculos anteriores, a ampliação do mundo pelas viagens marítimas, as descobertas científicas, desencadearam um momento de profunda crise dos valores tradicionais.

Os paradigmas sociais que até então eram ordenadores daquela sociedade começaram a ser questionados e criticados. Muitos filósofos questionavam as verdades eternas. O processo de dessacralização do poder monárquico, de crítica ao absolutismo e às diferenças de nascimento – que distinguiam os direitos e deveres de cada cidadão de acordo com a sua origem social – proporcionaram o terreno para uma ampla crítica social, tão central ao Iluminismo.

Caracterizar o Iluminismo não é uma tarefa fácil. Em primeiro lugar porque, como veremos adiante, foi um movimento extremamente amplo e heterogêneo. Em segundo lugar, porque, como coloca Robert Darnton, de tão analisado por historiadores, e com apropriações das mais diversas possíveis, criou-se o que ele denominou de “indústria do Iluminismo”²⁴. Muitos estudiosos buscaram associar a ele os mais diferentes movimentos intelectuais ou de crítica social. Tentaram encaixar seus objetos de estudo (mesmo que forçosamente) à filosofia das Luzes; e com isto contribuíram para a confusão conceitual do Iluminismo Europeu – que teve ramificações e historicidade próprias principalmente em países como a França, Inglaterra, Suécia e Alemanha. Porém, acreditamos que possamos inverter esta questão e nos propormos a pensar o porquê disto ter acontecido.

O Iluminismo não formou uma escola ou uma linha de pensamento institucionalizada, com seus paradigmas e metas previamente definidos, com seus participantes dotados das mesmas concepções e imbuídos dos mesmos ideais. Muito pelo contrário. Como diversos historiadores já alertaram, o Iluminismo não deve ser entendido como uma escola de pensamento, uma doutrina, ou até mesmo como um movimento unitário²⁵. Não houve uma instituição formal que reunisse seus membros – como acontecia nas academias nos séculos XVII e XVIII. Suas propostas eram muitas, passavam por temas diversos. Não houve igualmente uniformidade nas causas ou ideias difundidas.

²⁴Cf. DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo Companhia das Letras, 2005

²⁵*Idem*, pp. 18 – 19.

Por ser um movimento de crítica social e política, o Iluminismo ganhou contornos diferenciados em cada local aonde suas discussões se deram. Por suas reflexões e críticas se concentrarem em temas sociais e políticos, foi *mister* que os filósofos que se assumiram partícipes das ideias e dos valores esclarecidos tratassem de questões pertinentes à realidade. Devido a isto, além das diferenças entre os filósofos e seus enfoques, houve também particularidades em cada país. Porém, não podemos deixar de ressaltar que apesar de haver muitas discrepâncias, havia traços comuns. Há certamente um conjunto de temas e questões recorrentes nas obras dos filósofos Iluministas.

Uma questão que está no cerne do pensamento das Luzes foi o ideal do *philosophe*²⁶. Segundo Roger Chartier, mais que um simples homem de letras, este estudioso e crítico dos valores tradicionais e conhecimentos imutáveis, deveria ser um homem de ação. Não devia estar isolado em seu gabinete, alienado do mundo no qual vivia. Muito pelo contrário, o filósofo devia contribuir para a transformação da sociedade pelo uso público da razão.

Segundo Kant é responsabilidade dos homens esclarecidos fazer o uso público da razão para tirar os indivíduos que vivem na “menor idade”, de sua condição medíocre e tutelada. Eles devem fomentar o desejo de que os homens pensem por si mesmos, para que assim não vivam eternamente sob a tutela de terceiros²⁷. Logo, para Kant, estes homens sábios, onde se incluem os filósofos, têm papel chave na transformação dos indivíduos, e da sociedade. São eles os responsáveis, através do uso público de suas ideias e conhecimentos, por alavancar a busca pelo saber e autonomia reflexiva dos indivíduos; por levar a sociedade rumo ao esclarecimento.

Esta forma de se conceber o homem de letras, é segundo Darnton a maior inovação do Iluminismo. Segundo ele, o pensamento das Luzes deve ser entendido como uma causa, um movimento, uma campanha para a transformação da sociedade e dos indivíduos. Darnton coloca que

Não era uma matéria original para o pensamento o que Voltaire e seus companheiros de conspiração forneciam, mas sim um novo espírito, o sentido de participação em uma cruzada secular. Começou com escárnio, como uma tentativa de expulsar os obscurantistas da sociedade civilizada por meio do riso, e terminou com a ocupação moral do mais alto território moral, como uma campanha pela libertação da

²⁶ Na França, o conceito de *philosophe* não se referia apenas à tradicional concepção de filósofo. Roger Chartier (1997) destaca que este termo era tomado como homem erudito que não se resignava à contemplação ou à metafísica, mas aos indivíduos que aliavam reflexão com ação; a posição de homem de letras com a de crítico social. Como estamos nos referindo à construção deste ideal, optamos por deixar o termo em seu idioma de origem. Nas outras ocorrências utilizaremos o termo em português para uma melhor compreensão do leitor e fluidez textual.

²⁷ Cf. KANT, E. “Resposta à Pergunta: Que é esclarecimento? (aufklärung)”. In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1980.

humanidade, incluindo os subjugados e escravizados, protestantes, judeus, negros e (no caso de Condorcet) mulheres.²⁸

Logo, a atuação do filósofo exigia que ele estivesse inserido nas discussões, seja trocando cartas com seus pares ou frequentando locais informais e formais de debate intelectual.

Os salões eram esses locais privilegiados das discussões filosóficas. Naqueles ambientes muitos filósofos trocavam opiniões com os espíritos mais esclarecidos do seu tempo e divulgavam suas obras.²⁹ Por considerá-los locais agradáveis de conversação, polidez e erudição, muitos homens de letras foram ávidos frequentadores. Admiravam igualmente suas parceiras de longas e animadas conversações e discussões filosóficas, as *salonnières*³⁰. Ficavam encantados com sua postura e muitas vezes com as mostras que davam de sua erudição. Contudo, houve também muitos indivíduos que se colocaram contra a posição de destaque e atuação das mulheres nos salões. Ridicularizavam-nas publicamente, atacavam sua moral e acusavam-nas de frivolidade.

O filósofo Jean-Jacques Rousseau foi um ferrenho crítico da presença feminina nestes ambientes. Para ele os salões corrompiam as mulheres, as tiravam de seu lugar natural. Porém, como afirma Ana Paula Vosne Martins não foram poucos os casos de amizades e até mesmo de romances que foram constituídos através da convivência nos salões.³¹ Como veremos mais cuidadosamente no próximo capítulo, nestes ambientes, apesar do enorme preconceito por parte de indivíduos mais conservadores, além do estreitamento de laços de amizade e camaradagem entre os participantes, houve também o amadurecimento intelectual de muitos homens e mulheres, bem como a fomentação e divulgação do pensamento das Luzes³².

Ao tratarem do Iluminismo Roger Chartier e Robert Darnton defenderam que foi a ação que diferenciou os filósofos das Luzes dos homens de letras dos séculos anteriores³³.

²⁸ DARNTON, “Os dentes...” *Op. Cit.*, p. 22.

²⁹ Cf. CHARTIER, Roger. “O homem de letras”. In VOLVELLE, Michel (Org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

³⁰ *Salonnières* eram as mulheres que atuavam nos salões franceses dos séculos XVII e XVIII. Geralmente damas da nobreza, aliavam educação com a arte de receber. Muitas delas, através da educação privilegiada que haviam recebido, também participavam das discussões filosóficas. Desta forma, embora fossem as anfitriãs dos salões, este termo refere-se a apenas umas das facetas de sua atuação. Contudo, destacamos que apesar de estarmos nos referindo nesta pesquisa com *salonnières* que foram também mulheres de letras, esta não era associação lógica. Pois, apesar de no século XVIII as mulheres de letras que não fossem *salonnières* tenham perdido seu espaço, houve muitas *salonnières* que não se dedicaram às atividades intelectuais, bem como muitas mulheres de letras que não foram *salonnières*. Como não há correspondente do termo em português optamos por utilizá-lo em língua francesa ao longo do texto.

³¹ MARTINS, A. P. V. Da amizade entre homens e mulheres: Culturas e sociabilidades nos salões Iluministas. *História. Questões e Debates*, v. 46, p. 51-67, 2008.

³² Cf. DULONG, Claude. “Da conversação à criação” In: DUBY, G.; PERROT, M.(Orgs.). *A História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

³³ CHARTIER, “O Homem...” *Op. Cit.*, pp. 20 – 21.

Como dito acima, os filósofos da Luzes mais do que empenhados em inovar no campo filosófico, buscaram alavancar transformações sociais, políticas e econômicas que levassem a França, e de resto toda a humanidade, rumo ao esclarecimento e assim ao desenvolvimento e progresso social e humano. Apesar de não terem proporcionado grandes inovações, antigos temas ganharam novos contornos e voltaram ao centro das discussões ilustradas sob nova roupagem.

A reflexão acerca da Natureza e do Homem, que esteve presente nas discussões filosóficas desde o século XVI foi uma destas questões que esteve no centro dos debates iluministas³⁴. Antes entendido como uma criação divina, pertencente à esfera do inteligível, o mundo natural ganhou nova interpretação. Para os iluministas, conforme Galileu e Newton já haviam demonstrado, a natureza é passível de ser compreendida e apreendida pelo conhecimento racional. Então, cabia aos homens, a partir do uso da razão, o descobrimento de suas leis, para que pudessem controlá-la.

A teologia, que era acusada pelos iluministas de produzir conhecimentos falaciosos e sem sustentação empírica, vinha progressivamente perdendo espaço como conhecimento. A filosofia natural, que segundo Anadir dos Reis Miranda se referia ao reino humano do conhecimento, aquele adquirido através dos sentidos, cujo objeto de estudo era particularmente a natureza regulada pelas leis físicas acessíveis através da linguagem matemática, funcionando mais mecânica do que teologicamente e obediente às leis naturais,³⁵ passava cada vez mais a ser valorizada e a Natureza a ser compreendida como força ordenadora. Desta forma, para os filósofos iluministas era a partir dos seus parâmetros que o Homem deveria ser compreendido e a sociedade organizada.

Rousseau, ávido defensor desta teoria naturalista, deixou um aviso para seus leitores: “Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica”³⁶. Isto porque, segundo ele, a Natureza garante a ordenação social e moral. Ao Homem cabe conhecê-la para viver melhor de acordo com as suas leis, já que fora dela nada há de estável, correto ou próspero, somente o caos e a desordem. Esta concepção de natureza como criadora da ordem e da estabilidade, está presente no pensamento de Rousseau e também nos diferentes discursos iluministas. Tomados em conjunto, desde o século XVII nota-se um enorme desejo de desvelamento das chamadas leis naturais.

³⁴VOLVELLE, Michel. “Introdução”. In VOLVELLE, Michel (Org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

³⁵MIRANDA, *Op. Cit.*, p. 20

³⁶ROUSSEAU, *Op. Cit.*, p. 22.

Ao observarmos com atenção notamos que apesar de os iluministas buscarem elementos empíricos para opor à dominação do pensamento teológico, percebemos que mesmo negando que Deus fosse o princípio regulador do universo, eles continuavam presos à ideia de uma ordem pré-estabelecida, uma ordem dada pela Natureza. Ela regulava todas as características e comportamentos dos seres vivos. Incluindo homens e mulheres – que apesar de fazerem parte de uma mesma espécie possuem diferenças irreconciliáveis, como veremos adiante.

O Homem entendido como mais umas das criações divinas pertencentes ao mundo natural, também era objeto de reflexão a partir do pensamento racional. Distanciando-se de uma visão pessimista preponderante no pensamento filosófico cristão, passava a ser encarado como um ser dotado de capacidade racional acima de tudo. À sua capacidade racional era conferida atenção especial, já que era entendida como característica considerada própria dos humanos, diferente das outras espécies de animais, o que possibilitou que conseguisse se desenvolver, aprimorar seus atos e construísse civilizações.

Com um olhar atento, os filósofos se empenhavam em discorrer sobre sua constituição e características. Esta preocupação fica muito evidente ao observarmos o verbete reservado a ele na *Enciclopédia*³⁷. Ao Homem são reservadas quarenta e cinco colunas, “das quais três são reservadas à anatomia, oito ao ‘homem moral’ e meia ao ‘homem político’”, buscando, desta forma, dissertar sobre o Homem em toda sua amplitude.

A crença na unidade humana – por isso inclusive é utilizado o termo Homem com inicial maiúscula com o intuito de se referir à espécie humana –, segundo a historiadora Ana Paula Vosne Martins, advém da tradição do humanismo liberal. Buscando diferenciar o humanismo liberal dos anteriores, Martins coloca que é “preciso destacar que as ideias humanistas modernas, diferentemente do humanismo cívico ou cristão do Renascimento,

³⁷ A *Enciclopédia* foi uma obra organizada pelos filósofos Dennis Diderot e Jean le Rond d’Alembert, que pretendia ser a obra suprema do Iluminismo. Com contribuição dos espíritos mais esclarecidos do seu tempo – entre eles Voltaire, Montesquieu, Grimm, Rousseau, Buffon e muitos outros – seus organizadores buscavam compilar vasta gama de conhecimentos racionais, fazer um inventário de todo o conhecimento humano de diversas áreas do conhecimento, tais quais história, filosofia, ciências, artes, matemática, religião, entre outras. E para com isto, pôr fim à superstição e dogmatismo religioso que ainda eram fonte dos saberes. Devido ao seu caráter inovador e questionador, em 1759 foi condenada pelo parlamento e o rei revogou a licença de impressão, além de ordenar a queima dos sete volumes já publicados. Neste mesmo período a Igreja católica também a condenou, e a incluiu no *Index*, lista em que estavam incluídas obras consideradas inadequadas segundo o cânone eclesiástico. Porém, mesmo com estes entraves, a *Enciclopédia* foi concluída em 1765, e ainda no século XVIII ela já havia se tornado o maior best-seller da história editorial. A princípio, era composta por vinte e oito volumes – com textos e ilustrações –, organizados por ordem alfabética. Porém, foram publicados outros setes volumes sob organização de outros editores, totalizando trinta e cinco. A *Enciclopédia* foi obra representativa do pensamento iluminista, e, enquanto responsável pela disseminação do conhecimento pela sociedade, permitiu, pela primeira vez, que o conhecimento científico, artístico e filosófico da época estivesse à disposição do público em geral. Além disso, exerceu forte influência no pensamento crítico que levou às Revoluções Francesa (1789) e Americana (1776).

colocam em cena uma ideia nova, que é a abstração da igualdade, originária da unidade humana”.³⁸ Logo, partindo da abstração do humano, o humanismo liberal defendia que a natureza havia dotado todos os seres humanos da capacidade racional, portanto todos os indivíduos nascem livres e iguais, fazendo parte de uma única espécie.

Esta valorização da igualdade e liberdade como condições humanas genuínas, foi ponto de discussão levantado por diversos filósofos iluministas. Em muitas de suas obras estas questões aparecem, contribuindo para o enriquecimento intelectual do debate. No *Dicionário filosófico*, por exemplo, esta questão ganhou ênfase. Nela, Voltaire postula definições para vários dos conceitos que formam o arcabouço das discussões filosóficas iluministas. No verbete Liberdade, por exemplo, em forma dialógica ele coloca:

A - Em que consiste, pois, vossa liberdade, senão está no poder exercido pelo vosso indivíduo de fazer o que a vossa vontade exigia com absoluta necessidade?

B - Embaraçais-me; então a liberdade é apenas o poder de fazer o que bem entendo?

A - Refleti um pouco. Vede se a liberdade pode ser outra coisa.

B- Neste caso o meu cão de caça é tão livre como eu; ele tem necessariamente a vontade de correr quando vê uma lebre e o poder de correr se não estiver doente das pernas. Eu nada tenho, pois, mais do que meu cão: reduzis-me ao estado das bestas.

A- Eis uma série de pobres sofismas dos pobres sofistas que vos instruíram. Eis que estais despeitado por não serdes livre como vosso cão. Ora, não vos pareceis com ele em mil coisas? A fome, a sede, o velar, o dormir, os cinco sentidos, não são em vós como nele? Pretenderíeis cheirar com outro qualquer órgão além do nariz? Por que quereis uma liberdade diferente da que ele tem?

B – Porém, eu tenho uma alma que raciocina muito bem, e o meu cão não pensa coisa alguma. Ele apenas tem ideias simples, enquanto eu tenho mil ideias metafísicas.

A - Pois muito bem! Sois mil vezes mais livre do que ele, isto é, tendes mil vezes mais poder de pensar do que ele; porém vossa liberdade é perfeitamente igual à dele.³⁹

Notamos que Voltaire define a liberdade como a capacidade de se tomar certas decisões através do uso da razão. Segundo ele, é a razão que diferencia a liberdade humana da liberdade do animal. Logo, segundo Voltaire, os homens são iguais segundo sua formação e as injustiças são causadas pela ignorância e pelos vícios humanos.

Suas reflexões filosóficas foram registradas em diversas obras que expressam muitas de suas concepções. No conto *Cândido ou o Otimismo* Voltaire se propõe fazer uma reflexão crítica de sua sociedade, bem como do comportamento e da natureza humana. Através das desventuras de Cândido, personagem que dá título ao conto, Voltaire critica a corrupção humana e social como a intolerância, o preconceito, a imoralidade, corrupção e violência. Estes

³⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Veredas insuspeitadas para o feminismo: das relações entre o humanismo liberal, o reformismo social e o feminismo no século XIX*. Texto não publicado e apresentado no I Colóquio Nacional de Gênero e História da UNICENTRO em Guarapuava em junho de 2013.

³⁹ VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html>. Acessado em 16 de março de 2013.

vícios são causas da degeneração social e individual, levando, inclusive, à usurpação da liberdade. Para ele somente através da ação, do cálculo e da racionalidade seria construída uma sociedade melhor, mais civilizada e que garantisse o desenvolvimento das capacidades individuais, liberdade e igualdade de todos os indivíduos.

Jean-Jacques Rousseau, embora tivesse opiniões bem distintas das de Voltaire em algumas questões, também foi um ávido defensor da liberdade e da igualdade. Em muitas de suas obras escritas ele tratou destas questões. Assim como Voltaire, diferenciava a organização natural, fonte da felicidade e das virtudes, das construções humanas, que afastavam o Homem da Natureza e, por este motivo, eram as fontes da corrupção e dos privilégios de uns em prejuízo de outros.

Rousseau postulava que o Homem é naturalmente bom e que a sociedade é a culpada por sua “degeneração”; que as hierarquias e desigualdades não são fruto da natureza e sim da organização social. Através dos vícios a sociedade e a cultura afastaram o Homem do estado de natureza, de suas características, funções e virtudes naturais. A única maneira, segundo Rousseau, de combater a degeneração e a infelicidade que ela produz seria pelo uso da razão e dos sentimentos, restaurando assim a ordem política, as instituições e a integridade moral do homem.

Em uma das suas mais proeminentes obras *O contrato social*, Rousseau afirmava que as sociedades não são naturais. Elas passaram a existir quando os homens saíram do estado de natureza, estabeleceram um pacto social e com isto fundaram a sociedade civil. Para o autor a vida em sociedade trouxe apenas mazelas, já que a desigualdade, a corrupção e os vícios contribuíram para a alienação humana. A partir destas ideias, para Rousseau a organização social ideal devia aproximar o homem do seu estado de natureza, de suas virtudes naturais. São os cidadãos livres, com uma formação natural e racional – tal qual ele vai postular na obra *Emile ou De l'éducation* –, que devem de maneira autêntica eleger de forma livre a autoridade soberana⁴⁰. No início do Capítulo XI do *Contrato Social* o autor coloca:

Se por acaso se procurar saber em que consiste precisamente o maior de todos os bens, que deve ser objetivo de legislação, verificar-se-á que se reduz a dois objetos principais: a liberdade e a igualdade. A liberdade, porque toda a dependência particular é outra tanta força subtraída ao corpo do Estado; a igualdade, porque a liberdade não pode subsistir sem ela. (...) Essa igualdade, dizem, é uma quimera especulativa que não pode existir na prática. Se o abuso é inevitável, contudo, não decorre disso que se deva ao menos regulamentá-lo? É precisamente porque a força das coisas tende sempre a destruir a igualdade que a força da legislação deve sempre tender a mantê-la. Esses generosos objetivos de toda boa instituição devem, porém,

⁴⁰ Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, nº 13. Ed. Escala: São Paulo, 2006.

ser modificados em cada país pelas relações que surgem tanto da situação local como do caráter dos habitantes e é com base nestas relações que se deve destinar cada povo a um sistema particular de instituição que seja melhor, não talvez em si mesmo, mas sim para o Estado ao qual é destinado.⁴¹

Rousseau afirma que cabe ao Estado e às instituições garantir a liberdade e igualdade. Como já dito anteriormente, estes são valores de suma importância para ele, assim como para outros filósofos iluministas. Porém, não tardou para que alguns homens e mulheres ainda no século XVIII apontassem os limites destes conceitos na prática da existência social. O ideal de Homem, esta abstração filosófica, estava em franca contradição com as hierarquias e diferenciações às quais os indivíduos estavam submetidos. Embora o discurso iluminista pretendesse se dirigir a todos os homens, mantendo-se no âmbito universal, muitos indivíduos começaram a questionar “quem eram estes iguais”, “quem faz parte deste universal”⁴². Para Dominique Godineau, este foi um dos maiores entraves da filosofia iluminista. Se por um lado a unidade humana era aclamada, por outro lado os filósofos não cessavam em apontar as diferenças entre os indivíduos, entre homens e mulheres, entre civilizados e selvagens, por exemplo.

Notamos como a ideologia de gênero está presente na produção da *Encyclopédie*. Nela o homem é tido como a norma e a mulher é o desvio dela. No verbete “Homem” os enciclopedistas pretendiam abarcar toda a espécie humana. Enquanto no verbete “mulher” eles reduzem a definição à especificidade, ou como é colocado, a “fêmea do homem”⁴³. Logo, apesar dos filósofos iluministas pretenderem pensar na unidade humana, a todo o momento percebemos como a dualidade Homem/Mulher tem grande relevância e orienta os seus pressupostos.

Com uma observação mais cautelosa aos poucos alguns indivíduos foram percebendo que na realidade, fora da abstração discursiva, nem todos tinham a mesma importância e valor; que este ideal de “Homem” universal não abarcava as mulheres e os negros, por exemplo. Muitos letrados, filósofos, assim como as escritoras que tiveram a oportunidade de escrever e publicar no período das Luzes, apontaram os limites deste pensamento. Este foi o caso da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, por exemplo, como veremos mais de maneira mais detalhada no próximo capítulo.

⁴¹ *Idem*, pp. 64 -65.

⁴² CASBANET, Michèle – Crampe. *A mulher no pensamento filosófico do século XVIII*. In: DUBY, G.; PERROT, M.. História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1999, pp. 370 – 371.

⁴³ GODINEAU, *Op. Cit*, p. 312.

O que precisamos destacar é que estes conceitos foram de suma importância para os filósofos iluministas, já que desejavam promover a transformação social embasados nos ideais de igualdade e liberdade. Devido a isto a sociedade passou a ser objeto de grande atenção. Sua organização e cultura passaram por um processo de racionalização. Muitos tratados filosóficos, ensaios, estudos de caráter científico e moral começaram a ser produzidos com o intuito de promover as modificações almejadas.

A principal preocupação destas obras era compreender o funcionamento das engrenagens sociais, explicar como deveria ser organizada a sociedade para que obtivesse os maiores êxitos possíveis. Para isto, muitas medidas foram tomadas: a melhor forma de governo passou a ser intensamente debatida, a fim de promover a melhoria das instituições políticas; órgãos estatais foram criados para oferecer aos governantes conhecimentos sobre as populações, bem como facilitar a administração e o controle; a educação que até então tinha pouca importância aos olhos dos governantes adquiria novo status e relevância social e política.

Mas em que a formação deste “homem novo”, como denominou Rousseau, este projeto de edificação de um ser humano renovado, tinha a ver com a idealização das transformações sociais que os filósofos aspiravam? Segundo Michel Vovelle o papel chave que a pedagogia ganhou nesse momento está relacionada à importância que o Homem adquire para a mudança. Seriam os indivíduos que garantiriam o progresso da civilização⁴⁴. Por isto, deveriam estar preparados para administrar a sociedade, bem como alargar os limites da civilização através da difusão da cultura iluminista.

Cabia à educação propiciar que as mudanças levassem ao aperfeiçoamento e ao progresso. Segundo Martins esta concepção se fundamenta na já citada abstração do humano, onde o Homem como ser livre e racional é dono do próprio destino e a educação é o meio de transformação pessoal que proporciona os instrumentos necessários para lapidar a moral e o caráter⁴⁵.

Devido a grande importância atribuída à educação houve uma grande profusão de escritos sobre o tema ao longo século XVIII. Ensaios ou tratados pedagógicos e filosóficos, muitos destes discursos eram voltados para um público especializado, para leitura nos círculos dos iniciados. No entanto, foram publicadas muitas obras com vocabulário menos formal, sendo mais acessíveis a leitores não iniciados como as mulheres, por exemplo. Muitas obras desse tipo buscavam com uma pitada de sarcasmo e ironia criticar a sociedade, apontando o caminho que deveria ser seguido e os hábitos e virtudes que deveriam ser cultivados. Estes discursos

⁴⁴ Cf. VOLVELLE, *Op. Cit.*

⁴⁵ Cf. MARTINS, “Veredas insuspeitadas”, *Op Cit.*

pretendiam servir de guia de conduta, um manual de comportamento para os homens e mulheres comuns, indivíduos de carne e osso que estavam distantes da abstração filosófica; chamavam estes indivíduos para cultivarem suas verdadeiras funções, as naturais.

É com esse objetivo pedagógico que Rousseau escreveu *Emile ou De l'éducation*, romance pedagógico que foi um divisor de águas sobre a reflexão filosófica a respeito do Homem. Ao contrário da abstração filosófica, nesta obra o autor se refere a um homem em específico, a personagem Emile. A partir dele discorre sobre suas teorias a respeito da natureza, sociedade, moral, religião, bem como sobre a constituição dos sexos – ponto crucial da obra. Publicado pela primeira vez em Paris em 1762, neste livro Rousseau parte das narrativas filosóficas sobre a Natureza. Ela é o referencial, inclusive moral, que explica fatos que não podem ser refutados, já que sua ordenação é perfeita. Seguindo suas leis o homem poderá se desenvolver e caminhar rumo à felicidade.

Como veremos mais detalhadamente, a principal questão apresentada por Rousseau é que a educação é um plano que deve ser muito bem elaborado e executado desde a mais tenra infância, para que desta forma sejam evitados os vícios e as más posturas. Para Rousseau é na infância que os hábitos que seguirão pela vida toda, são incorporados pelos indivíduos. A educação proposta por Rousseau, segue, conforme ele coloca, “os desígnios da natureza”⁴⁶.

Contudo, apesar de ter a pretensão de se guiar pela igualdade natural, Rousseau, assim como tantos outros de seus contemporâneos, defende com veemência que a educação de homens e mulheres devia seguir modelos diferenciados. Isto se deve porque a partir do século XVIII a ideia de que a natureza feminina seria distinta da masculina ganhou força e se sustentava em modelos empíricos da nascente ciência sexual.

A preocupação em definir a unidade humana, em delimitar suas características e suas funções sociais, passava pela preocupação em distinguir o homem da mulher. Neste período há muitos textos que elegem a mulher e sua diferença como tema. Muitos filósofos, médicos e moralistas buscavam compreender suas características físicas e morais, apontando, sobretudo para as suas especificidades, o que fazia com que o sexo feminino estivesse na origem da diferença em relação aos homens.

Muitos médicos produziram textos que buscavam contribuir para a formação de um conhecimento racional e empírico sobre a mulher. Estes discursos, segundo Évelyne Berriot Salvadore, se fundamentavam na constituição dos corpos para legitimar a naturalização de funções e características atribuídas à mulheres, reafirmando a ideologia de gênero em suas

⁴⁶ Cf. ROUSSEAU, “Emilio...”, *Op. Cit.*

diretrizes médicas. Jean Liébault, por exemplo, se dedicou às patologias que atingiam as mulheres; o cirurgião La Rivière descreveu o aparelho genital feminino e François Mauriceau escreveu sobre as doenças que atingiam as mulheres⁴⁷.

Outro importante médico do período foi Pierre Russel. Seguindo a mesma linha de pensamento de Rousseau e de tantos outros letrados de sua época, Russel defendia que a natureza feminina era distinta da masculina. Para ele o útero era o órgão feminino que comandava todos os outros; que dominava e determinava a mulher. Logo, ela seria definida pelo sexo e não pela razão, como o homem.

Com efeito, a mulher não pode ter o mesmo tipo de razão que o homem. A sua está, tal como o resto da pessoa, sujeita aos órgãos genitais. Daí provém grande parte de sua fraqueza e, por seguinte, de sua inferioridade(...) por outro lado, o útero dominador faz dela um ser excessivamente sensível, presa de uma imaginação desenfreada, exaltada.⁴⁸

Partindo destes pressupostos, muitas obras que reafirmavam a fragilidade e até mesmo a inferioridade feminina foram produzidas por médicos franceses no século XVIII. Sob o véu da imparcialidade, muitos médicos, filósofos e religiosos produziram representações das mais variadas sobre a Mulher. Michèle Crampe-Casnabet, afirma que embora se tenha proferido inúmeros discursos sobre essa criatura maiúscula e natural no *século das Luzes*, foi sempre sob o olhar e o jugo masculino que eles foram produzidos⁴⁹.

Com pouca ou quase nenhuma instrução formal e devido às interdições intelectuais impostas às mulheres, poucas tiveram acesso à palavra escrita. Foram apenas algumas, mais educadas que suas semelhantes e com maior mobilidade na estrutura social de gênero, que tiveram a oportunidade de participar deste debate, tendo inclusive a oportunidade de escrever e publicar suas obras, além de participar da sociabilidade culta dos salões.

Devido a isto, era sob o olhar masculino e redutor dos médicos e filósofos naturais que as mulheres eram definidas – podemos inclusive dizer, que elas eram quase inventadas. Ao contrário do que era declarado, os discursos masculinos carregavam os traços da ideologia de gênero. Suas obras (re)produziam os preconceitos e depreciações tradicionais sobre o feminino:

Os homens falam das mulheres segundo uma relação dissimétrica, depreciativa, mesmo e talvez sobretudo quando o discurso masculino valoriza as virtudes femininas. Estas virtudes permitem marcar uma inultrapassável diferença. O discurso

⁴⁷ Cf. SALVADORE, Évelyne Berriot. “O discurso da medicina e da ciência”. In: DUBY, G.; PERROT, M..*História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1999.

⁴⁸ GODINEAU, *Op. Cit.*, p. 314.

⁴⁹ Cf. CASNABET, *Op. Cit.*

masculino, que parece funcionar como discurso divino, é esse dizer criador, teológico, que fala com uma espécie de espanto da sua própria produção: criatura feminina.⁵⁰

É importante lembrarmos que estes discursos não tinham importância apenas como especulação teórica. Como destacado anteriormente, as questões elaboradas pelos filósofos e teóricos do Iluminismo tinham ressonância na vida e nas autorrepresentações das pessoas. As investigações acerca das especificações dos sexos tinham como questão chave a organização social, já que era certo que a natureza havia criado homens e mulheres com fins específicos e tal determinação com força de lei natural deveria ser respeitada, sob pena de desordens físicas e morais incontornáveis. A partir das diferenças dos corpos muitos filósofos, teóricos morais e médicos – tais quais Jean-Jacques Rousseau e Pierre Russel – buscavam estabelecer os traços intelectuais e identitários de homens e mulheres e a partir disto delimitar suas funções sociais e morais.⁵¹

Enquanto o homem era entendido como ser ativo por sua racionalidade excepcional, virilidade e força física, portanto concebido para o exercício do poder político e familiar, a mulher era entendida como ser frágil, com sensibilidade e imaginação exacerbadas em detrimento da razão. Logo, a mulher idealizada seria aquela que cumpria uma função natural inscrita em sua anatomia, a de ser mãe. Para atender este destino natural, era indicado que ficasse restrita ao lar, cuidando dos interesses do marido e dos filhos. O médico Pierre Russel defendia a separação radical entre atividades masculinas e femininas:

Enquanto o marido reflete sobre o destino humano ou sai para desenvolver uma vida social, a mulher fica em casa cuidando de seus filhos, tornando o lar o mais acolhedor possível. Cada sexo possui as funções que a natureza quis: públicas as do homem, privadas as da mulher, que não se misturam a fim de evitar uma subversão.⁵²

Fazer com que as mulheres se voltassem somente para o lar e para os cuidados com filhos e maridos não foi uma tarefa fácil. Como coloca Elisabeth Badinter, até o século XVIII os laços entre mulher e maternidade estavam mais frouxos, menos definidos. Muitas conseguiam se desvencilhar com relativa facilidade das tarefas relativas à maternidade, assim como das responsabilidades domésticas.

As mulheres da nobreza acreditavam que crianças pequenas e todos os cuidados a elas relativos eram entraves concretos para as sociabilidades e as atividades mundanas. “Parece que elas julgaram essa ocupação indigna de si e preferiram livrar-se deste fardo. E o fizeram, aliás,

⁵⁰ *Ibidem*, p. 380.

⁵¹ *Idem* p. 381.

⁵² GODINEAU, *Op. Cit.*, p. 315

sem provocar o menor escândalo”⁵³. Os cuidados com a criança, desde seu nascimento, eram destinados a terceiros. Mesmo as meninas tinham pouco contato com a mãe. A participação na criação e cuidados dos filhos era reduzida, ou quase nula, proporcionando às mulheres das classes superiores maior autonomia para participar de atividades mundanas.⁵⁴

Com a introdução de uma nova concepção acerca das funções naturais, muitos discursos foram produzidos visando restringir as mulheres às funções maternas. Foram publicados muitos textos na época que discorriam acerca dos benefícios da maternidade – que iam desde a possibilidade de maior visibilidade e felicidade, até os benefícios econômicos. Porém, foram muito destacados, sobretudo, os benefícios pelo “retorno à boa natureza”, seguindo a cartilha rousseauísta.

Em sua obra *Dissertation sur la population*, o filósofo Gilibert comparava as mulheres com as fêmeas animais. Segundo ele, a mulher estava submetida ao mesmo instinto que as fêmeas, porém a cultura e a razão humana produziram a civilização, corrompendo seus hábitos e a afastando de sua natureza. Gilibert, assim como muitos outros teóricos, produziu um tratado no qual afirmava a existência do instinto materno⁵⁵. Desta forma, os cuidados com os filhos e o exercício pleno da maternidade foram cada vez mais fazendo parte dos valores sociais e o abandono destas funções passou a ser duramente criticado.

É interessante notarmos, como foi através de maneiras diferentes que o homem e a mulher foram inseridos à Natureza, bem como valorizados enquanto seres do mundo natural. Como já citado, a principal característica do homem, o órgão que o diferenciava de todos os outros animais, foi considerado o cérebro. Sua capacidade racional foi muito enaltecida por filósofos e homens da ciência. Sua habilidade reflexiva, de ação, tomada como a mais brilhante e aperfeiçoada capacidade criada pela natureza. Já a mulher foi incorporada neste ideal de maneira muito diversa. Foi definida a partir de sua capacidade de gerar filhos e de amamentá-los. A partir daí, foi comparada às outras espécies animais.

Logo, se o homem foi incorporado na natureza pela diferenciação com os outros animais, por aquilo que o diferenciava deles, a mulher foi pelo que se assemelhava. Enquanto era tido que o homem fora dotado com a capacidade de criar sociedades, de transformar a natureza e que devido a isto podia conquistar o mundo, agir sobre ele de maneira autônoma; à

⁵³ *Idem*, p. 86.

⁵⁴ Cf. BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁵⁵ *Idem*.

mulher era entendido que ela tinha um lugar que delimitava suas ações, que a tornava subordinada à aquele que era seu igual, porém mais forte, o homem.

Foi nos discursos produzidos na Antiguidade que os teóricos iluministas buscaram legitimar este argumento, como por exemplo, em Plutarco⁵⁶. Ele defendia o aleitamento materno argumentando que foi a natureza que destinou esta atividade à mulher ao lhe dar órgãos para cumprir essa função⁵⁷, por isto o aleitamento do recém-nascido não deveria ser negligenciado pela mãe. Segundo Badinter, as espécies animais também eram utilizadas como exemplos.

Em 1769 Raulin compara o leite das mulheres e o das fêmeas. Consta que nos dois casos o leite varia segundo a alimentação ingerida pela mãe. É mais uma boa ocasião para louvar a sabedoria animal e opô-la à loucura das mulheres. Ele louva as vacas e as cabras por se alimentarem de plantas e ervas adequadas e condena as mães inconsequentes que comem qualquer coisa que lhes apeteça durante a gravidez e o aleitamento [...].⁵⁸

Os benefícios da amamentação também eram ressaltados. Seus defensores elogiavam a beleza das lactantes; afirmavam que a amamentação lhes garantia aparência saudável. O amor materno passou a ser entendido como uma condição *sine qua non* das mulheres e a partir disto, qualquer indício da falta de amor de uma mulher por seus filhos passou a ser visto como algo antinatural, cada vez mais monstruoso. Com a publicação de *Emile ou De l'éducation* muitas mulheres procuraram seguir esse modelo da mãe amorosa que amamenta seus filhos. O aleitamento materno passou a ser motivo de orgulho. As damas que buscavam parecer esclarecidas aderiram ao modelo maternal rousseauiano.

A maternidade torna-se um papel gratificante, pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa "nobre função", com um vocabulário tomado da religião (evoca-se freqüentemente a "vocação" ou o "sacrifício" materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criar  o hábito de pensar que toda boa mãe é uma "santa mulher".⁵⁹

A partir destas considerações, se colocando como observadores das leis naturais, os filósofos e médicos iluministas afirmavam que as mulheres deveriam exercer as funções para as quais foram forjadas, a maternidade, o cuidado com o lar e o marido. Defendiam que as mulheres, por exercerem funções sociais distintas das masculinas, deveriam receber educação

⁵⁶ Plutarco, ou segundo seu nome romano *Lucius Mestrius Plutarchus*, foi um historiador, ensaísta, biógrafo e filósofo plat nico grego, que viveu de 46 a 120 dc e ficou conhecido por suas obras *Vidas Paralelas* e *Moralia* 2.

⁵⁷ BADINTER, "Um amor..." *Op. Cit*, p. 118.

⁵⁸ *Idem*, p. 188.

⁵⁹ *Idem*, p. 223.

diferenciada, já que a educação era considerada o meio para direcionar os indivíduos para suas funções sociais.

Como veremos a seguir mais cuidadosamente, a educação no referido período não deve ser entendida como instrumento de emancipação, mas como meio para a padronização e inculcação de comportamentos. Logo, ao compreendemos os modelos da educação feminina no século XVIII intentamos refletir sobre os lugares e funções sociais que estavam reservados às mulheres, suas limitações e, sobretudo, suas transgressões às barreiras de gênero para desta forma entendermos a presença feminina nos salões, ressaltando sua importância como anfitriãs nestes círculos culturais, permitindo a muitas delas maior autonomia intelectual e a produção da escrita feminina.

1.2 Os Debates Sobre a Educação Feminina: Limites E Possibilidades

Desde o século XVI, em diversos países da Europa, houve grande ampliação nas taxas de alfabetização. Em decorrência também houve aumento do público leitor – que apesar de não ser maioria na sociedade e não ter a extensão dos dias atuais teve um notável aumento no período. Concomitantemente, as novas formas de impressão, que desde o século XVI estavam ganhando crescente importância na disseminação da informação, eclodiram por toda a Europa.

Com isto muitas obras impressas ganharam cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas e acabaram por também modificar os hábitos de leitura. Se no período anterior, quando a difusão da leitura era limitada e acessível a uma pequena parcela da população, sendo comum a leitura em voz alta, com o aumento no número de alfabetizados a leitura individual e silenciosa passou a fazer parte do cotidiano de muitas pessoas – embora as leituras comunitárias não tivessem sido abandonadas completamente⁶⁰.

As formas de impressão, que eram relativamente novas até início do século XVIII e que vinham transformando a relação dos indivíduos com a cultura escrita, ganham novos contornos. Isto porque, como já citado anteriormente, naquele momento estavam ocorrendo profundas transformações na sociedade europeia e os materiais impressos colaboraram sensivelmente para a divulgação de novos ideais.

A crise religiosa tinha levado à cisão no cristianismo. Assim, além de lidar com as teorias nascidas do humanismo e do racionalismo, a Igreja Católica estava em constante

⁶⁰ ARIÈS, Phillippe. “Para uma história da vida privada”. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Orgs.). *História da vida privada* (vol. 3). Lisboa: Afrontamento, 1990, pp. 7-19.

contenda com os protestantes. Então percebendo o poder da palavra escrita na divulgação destas novas ideias, a Igreja não tardou a utilizá-la em seu favor, bem como impor censura aos textos considerados heterodoxos. Como já citado, o absolutismo e os privilégios de nascimento também estavam sendo questionados. Os filósofos iluministas não poupavam críticas aos hábitos da nobreza da corte, bem como os acusavam de usurpação dos direitos legítimos dos indivíduos.

Robert Darnton comenta que os materiais impressos foram o meio de divulgação das ideias nascentes. Muitos não cessavam em criticar ou mesmo ridicularizar membros da nobreza ou mesmo da família real. Vários *libelles*⁶¹ tinham o intuito de fomentar a transformação da sociedade fora dos quadros institucionais. Eles buscavam reformar as instituições, mas não pelos métodos polidos e liberais, mas subvertendo-as através da difamação e do escárnio. Para Darnton

(...) o verdadeiro alvo dos libelles era o grand monde. Difamavam a corte. A igreja, a aristocracia, as academias, os salões – tudo que fosse elevado e respeitável, incluindo a monarquia. (...) Os panfletistas viviam dos libelos (...) E os panfletistas se mostraram à altura da ocasião, empregando toda a artilharia anti-social armazenada em seus rancorosos arsenais.⁶²

Estes materiais impressos denunciavam a vida sexual desregrada e pervertida do rei, ou mesmo apontavam os amantes da rainha. Com isto contribuíram para a dessacralização do rei, e assim para o fortalecimento da crítica ao Antigo Regime.

Segundo Darnton foi no século XVIII que emergiu o público leitor, que a opinião pública ganhou força “e o descontentamento ideológico jorrou, juntamente com outras correntes, para produzir a primeira grande revolução dos tempos modernos. Os livros contribuíram de forma considerável para esta fermentação”⁶³. Materiais impressos – sejam eles jornais, pequenos periódicos, panfletos, ou livros – ganharam cada vez mais importância no cotidiano das pessoas. Com isto, houve também aumento na regulamentação deste material. O controle régio passou a realizar uma estreita fiscalização sobre a produção e circulação destes materiais, bem como autorizar aquilo que poderia ou não circular livremente e chegar às mãos dos leitores.⁶⁴

⁶¹ Espécie de panfletos, produzidos na clandestinidade, que eram distribuídos para a população pelas ruas, principalmente em Paris, no século XVIII. Com caráter de crítica social, os *libelles* representaram importante meio de informação e formação da opinião pública. Cf. DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução. O submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶² *Idem*, p. 39.

⁶³ *Idem*, p. 11.

⁶⁴ Embora houvesse intenso controle régio e tentativa de suprimir publicações contrárias ao poder régio e religioso, muitos escritores, pequenas editoras e distribuidores se dedicavam à publicação de obras clandestinas – que

Porém, é fundamental atentarmos para o fato de que apesar de se disseminar por diversas localidades, este crescimento da cultura letrada e dos livros não foi um fenômeno homogêneo. Havia discrepância entre o número de alfabetizados não apenas entre os países mas, sobretudo entre os grupos sociais de uma mesma localidade. Entre os mais abastados, assim como entre os homens, o número de pessoas alfabetizadas era percentualmente maior do que entre os indivíduos mais empobrecidos e as mulheres.

Neste período, segundo Martine Sonnet, as práticas educacionais passaram a seguir as linhas da diferenciação social. Desta forma, apesar de ter havido no século XVIII maior disseminação da educação e multiplicação das instituições de ensino, como veremos a seguir, o resultado destas transformações, para homens e mulheres, não foi o mesmo.

Entre o Renascimento e as Luzes, a diferenciação sexual das práticas educativas tende a seguir o passo da sua diferenciação social. (...) Às raparigas é concedido um saber incompleto, e sob apertada vigilância. Mas, apesar dos entraves que dificultavam o acesso das mulheres a conhecimentos úteis e economicamente rentáveis, os progressos da alfabetização feminina nos séculos XVII e XVIII são prova de que está em marcha um processo irresistível.⁶⁵

Muitos pensadores modernos acreditavam que o saber era contrário à feminilidade⁶⁶, e por isto seria inútil às mulheres. Além do mais, as que ambicionavam o saber eram acusadas de tentar ocupar o lugar dos homens na sociedade. Contudo, havia homens que defendiam o acesso das mulheres à educação. Muitos deles pregavam que a capacidade racional é inata aos seres humanos, podendo o conhecimento ser cultivado tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

Esta discussão acerca da capacidade e possibilidades da educação feminina se insere no debate conhecido na modernidade como *Querelle des femmes*. A contenda nasceu na França no século XV e se espalhou por toda a Europa sob forte influência do Humanismo Renascentista e das Reformas Religiosas. Com percepções divergentes acerca dos papéis sociais relativos aos gêneros, muitos homens e mulheres envolveram-se no debate – seja expondo suas opiniões em

havia sido proibidas ou mesmo que não tinham passado pelo censor real. Logo, segundo Robert Darnton, havia todo um aparato clandestino que se dedicava a esta atividade, e se faz necessário, para uma reflexão aprofundada sobre publicações e distribuições de livros e outros materiais impressos no século XVIII na França, levar em conta esta realidade. Muitas das publicações clandestinas chegavam às mãos da população mais empobrecida e contribuíram para a mudança de mentalidade, bem como a crítica que desembocou na Revolução Francesa. Cf. DARNTON. "Bohemia...", *Op, Cit*

⁶⁵SONNET, Martine. "Uma filha para educar". In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs) *História das mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991, p. 141.

⁶⁶PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto. 2007, p. 91.

livros, panfletos ou mesmo participando das discussões – que a partir do século XVIII ganhou novo fôlego.

No *Século das Luzes* a divulgação de um ideário racionalista que ressaltava a importância da educação na formação dos indivíduos se intensificou e também contribuiu para a crescente valorização educacional que ocorreu na Europa, bem como para o surgimento de inúmeros tratados de educação, como já citado anteriormente. Apesar de declarar a importância de se educar as mulheres, a maioria destes tratados defendia que esta educação deveria ser direcionada de acordo com o sexo e a condição social de cada indivíduo. Ela deveria garantir o bom andamento da sociedade, e assim do lar, bem como prezar pelo aperfeiçoamento das virtudes morais.

Segundo Badinter, no século XVIII a população passou a ser vista como o bem mais precioso do Estado. Nela estavam depositadas as expectativas para o futuro. Devido a isto, as altas taxas de mortalidade infantil deveriam ser combatidas e a educação garantida.⁶⁷ O Estado passou a se envolver com a educação dos cidadãos, pois havia necessidade de formar indivíduos que estivessem preparados para produzir.

Contudo, a educação de homens e mulheres seguia modelos diferenciados. Isto porque especialmente a partir do século XVIII, como já dito, os filósofos passaram a defender que a natureza feminina seria distinta da masculina. Logo, assim como a medicina, a educação também era pautada na ideologia de gênero, que por sua vez era concebida a partir da diferenciação sexual. Porém, as limitações de gênero não eram o único obstáculo, pois o acesso à educação também variava de acordo com a situação econômica. Assim, os indivíduos dos grupos mais abastados – os filhos dos nobres e dos burgueses – tinham maior acesso ao saber e possibilidade de uma educação mais completa⁶⁸.

As instituições de ensino para meninas aumentaram sensivelmente na França, seguindo parâmetros completamente diferentes da educação masculina. Enquanto aos meninos era oferecido um ensino completo, para o pleno desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, o das meninas era pautado nas atividades que as tornariam uma boa mãe e esposa, incluindo a formação religiosa e alguns dotes artísticos.

A educação das mulheres era voltada para o universo doméstico, para um mundo crescentemente privado. A questão segundo Sonnet, ao pensarmos a educação feminina, não é saber se elas eram educadas ou não, mas sim refletir sobre o objetivo desta educação: “As

⁶⁷BADINTER, “Um amor...” *Op. Cit.*, pp. 145 -148.

⁶⁸SONNET, *Op. Cit.*, p. 141

mulheres eram educadas, a questão é pensar a quê ela [a educação] visava, ou seja, para quais funções ela supria a carência de conhecimento.”⁶⁹

À mulher era negado o ensino pleno e para fins pessoais. Sua educação era incompleta, não visava a emancipação ou a satisfação pessoal. A elas a instrução servia para que pudessem servir à sua família, para que cumprissem as tarefas cotidianas da condução de seus lares e para que se tornassem tementes a Deus. E, sobretudo às damas das classes mais altas era ensinado como ser respeitável e agradável aos olhos dos homens, com dotes e predicados que ressaltassem sua feminilidade e lhes garantissem um bom casamento. Eram também ensinadas as boas maneiras para que pudessem exercer com exímio a *politesse*⁷⁰.

Desta forma, a educação feminina além de ser muito limitada, não servia às aspirações individuais que porventura houvesse para além do casamento e da maternidade. Elas deveriam aprender apenas aquilo que fosse pertinente à sua função social/natural, para que exercessem com perfeição seus afazeres, fossem damas agradáveis e educadas para agradar, bem como respeitáveis e virtuosas. Michelle Perrot diz que a premissa educacional dos filósofos iluministas era ministrar às meninas “luzes amortecidas que deveriam ser filtradas pela noção de seus deveres”.⁷¹

Como já citado, neste contexto de debates acerca da função social de homens e mulheres e da capacidade racional feminina, publicações sobre educação proliferaram desde o final do século XVII, aumentando progressivamente ao longo do século XVIII. Os mais proeminentes tratados pedagógicos foram escritos por homens e não inovaram no método; seguiram o pensamento hegemônico que vinha se consolidando desde o início da modernidade.

Embasados no argumento da natureza de homens e mulheres, a grande maioria dos autores destas obras se repetia. Seguindo o pensamento hegemônico, defendiam a diferenciação entre a educação feminina e a masculina⁷².

Era majoritária entre os pensadores do século XVIII a crença de que as mulheres pareciam ser incapazes de participar da nova ordem social. Afirmava-se que elas não possuíam entendimento suficiente, que a sua razão era inferior à dos homens. Elas não eram consideradas indivíduos autônomos, pois necessitavam da tutela masculina para sobreviver. Além disso, elas eram vistas como fúteis que se preocupavam exclusivamente com sua aparência e com as relações com o sexo oposto. Enfim, definidas como seres tão dependentes e artificiais, não se concebia que teriam

⁶⁹*Idem*, p. 30

⁷⁰Termo em francês muito em voga no século XVIII que diz respeito a um conjunto de normas sociais que são índice da distinção entre as classes sociais. Apesar de não possuir o mesmo significado social e cultural, no português este termo está muito próximo do conceito de ‘polidez’.

⁷¹PERROT, *Op. Cit.*, p. 92.

⁷²GODINEAU, *Op. Cit.*, pp. 312 – 313.

autonomia e entendimento necessários para participar ativamente da nova configuração social e política.⁷³

Segundo Godineau, eles se consideravam observadores imparciais das diferenças entre os sexos, mas era na qualidade de homens, formados dentro de uma ideologia altamente dicotômica e misógina, que eles professavam seus discursos.⁷⁴

O bispo François Fénelon, que publicou em 1687 o famoso tratado de educação *De l'éducation des filles*, que serviu de inspiração para muitos outros tratados publicados no século XVIII, defendia que a mulher deveria se ocupar apenas com o que fosse pertinente ao seu sexo, pois segundo ele, mulher desocupada e ignorante acaba tendo a propensão aos espetáculos e à diversão⁷⁵. Assim, mesmo incentivando a educação feminina, ele defendia que a instrução das mulheres deveria ser direcionada para o desempenho de funções matrimoniais ou religiosas, as únicas, segundo Fénelon, pertinentes à mulher.

Com opinião muito distinta, o filósofo Poulain de La Barre, que segundo Martine Sonnet “foi a pedra de toque do pensamento feminista”⁷⁶, defendia a igualdade entre homens e mulheres. Na obra *De l'égalité des sexes*, publicada em 1673, ele defendia que a mente não tinha sexo; que as diferenças entre os sexos eram fruto da educação e da cultura que fomentavam os preconceitos. Somente com uma educação feminina equiparada à masculina é que as mulheres poderiam ter os mesmos direitos e exercer as mesmas funções dos homens – sejam elas intelectuais, profissionais ou políticas. Notamos que para La Barre a dependência feminina estava relacionada à história, já que ele “relaciona a história da subordinação feminina com a história das instituições e analisa a separação das funções como resultado de um processo histórico”⁷⁷.

Contudo, apesar de ter defendido tal ponto de vista, de negar a inferioridade natural das mulheres na referida obra, como nos lembra Zechliski, em seu último livro *De l'excellence des hommes contre l'égalité des sexes* [a excelência dos homens contra a igualdade dos sexos], de 1675, o autor vai contradizer tudo que afirmou na obra anterior. Não sabemos ao certo qual foi sua intenção ao publicar tal obra. Conforme aponta Zechliski pode ter sido uma tentativa infrutífera de chamar atenção para seus livros anteriores, mas o fato é que tal obra foi publicada e apesar do peso que tal argumentação traz à produção de La Barre como um todo, acreditamos que tal empreendimento não anula suas obras anteriores.

⁷³ MIRANDA. *Op. Cit.*, p. 11.

⁷⁴ GODINEAU, *Idem*, p. 312.

⁷⁵ PINHEIRO, *Op. Cit.*, p. 35.

⁷⁶ SONNET, *Op. Cit.*, p. 146

⁷⁷ GODINEAU, *Idem*, p.313.

Ressaltamos também que apesar de *De l'égalité des sexes* ser uma obra importante para compreendermos a pluralidade do pensamento no período moderno, a reflexão presente nesta obra não representa o pensamento hegemônico do período. Suas teses tiveram pouca ressonância, apesar de seu tratado ter sido reeditado diversas vezes no século XVIII e traduzido para diversos idiomas, o que dá mostras de que havia muitos indivíduos que compartilhavam de suas ideias. Ademais, sua postura revela que não podemos tomar uma corrente de pensamento, mesmo que hegemônica, como única.

Com linha de pensamento oposta à de La Barre, respectivamente em 1762 e 1775 são publicadas as já citadas obras de Jean-Jacques Rousseau e Pierre Russel – respectivamente *Emile ou de l'éducation* e *Système physique et moral de La femme* [Sistema físico e moral da mulher]. Seus argumentos estavam fundamentados na anatomia feminina, que segundo eles, era determinada para a função de mãe e esposa. Ambos adquiriram enorme importância no meio letrado da época e modificaram o pensamento ocidental sobre a mulher. Até os dias atuais podemos notar reminiscências de seu pensamento em diversos discursos sobre a natureza e os atributos femininos.

O tratado de educação escrito por Rousseau visava a educação de um menino desde a mais tenra idade até sua chegada à vida adulta. O autor defendia uma educação ampla e seus cuidados para com o aluno vão desde as atividades físicas às lições morais. É apenas no último volume, no momento em que Emile está pronto para se casar, que a figura feminina aparece na obra. Sophie é descrita como a esposa ideal e se tornou o modelo feminino no século XVIII⁷⁸. Rousseau defende que sua educação e a de todas as mulheres, deveria ser restrita, visando à formação da boa mãe e esposa.

Logo, se para Rousseau a mulher não poderia ser ignorante, pois deveria ser uma companheira agradável, estar no mesmo nível do seu companheiro, bem como ser minimamente instruída para dar as primeiras lições dos seus filhos, ela deveria receber uma instrução restrita. Seu ensino, segundo ele, deveria ser direcionado para o cumprimento de suas funções naturais e morais.

Foi nesta atmosfera de discussões acerca das possibilidades da capacidade intelectual da mulher que se configurou a reflexão pedagógica acerca da educação feminina.⁷⁹ Apesar da discrepância entre a realidade educacional de meninos e meninas não ser abandonada, a necessidade da instrução feminina foi reconhecida – mesmo que com o intuito de formar moças agradáveis e úteis à manutenção da ordem familiar e social.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 311.

⁷⁹ SONNET, *Op. Cit.*, p. 148.

Devido aos programas de ensino para meninas serem muito restritos, visando apenas o aprimoramento doméstico, moral e religioso, para que suas filhas tivessem a oportunidade de receber uma educação aprimorada, equiparada à masculina, muitos pais proporcionavam a instrução em casa por um preceptor qualificado. Porém, com as transformações sociais que ocorreram no século XVIII no que se refere à concepção e vivência da maternidade – que contribuiu para o estreitamento dos laços de convivência e afeto de mães e filhos – muitas mulheres das classes mais altas que tinham vasta bagagem cultural e intelectual passaram a cuidar pessoalmente da educação de suas filhas.

Este modelo educacional, que foi denominado por Martins como *maternidade filosófica*⁸⁰, não partilhava da visão filosófica e médica de que a fraqueza feminina seria um mandato natural. Partia do princípio de que a debilidade das mulheres decorria das imposições sociais, da discriminação e do preconceito. Logo, seus adeptos defendiam uma educação feminina completa que visasse a emancipação, para que desta forma as mães pudessem ser as primeiras preceptoras de seus filhos e suas filhas, proporcionando uma educação plena e autônoma sem distinções de gênero, diferentemente do que era pregado por pensadores e pedagogos ou pelas instituições de ensino para meninas. Esta atitude suscitou intenso debate e embora muitas pessoas fossem contrárias, como por exemplo, Rousseau e seus seguidores, diversas mulheres professavam de tal linha de pensamento ou desfrutaram desta postura.

Octave Gréard, na obra *L'éducation des femmes par les femmes: Études et portraits* [A educação de mulheres por mulheres: estudos e retratos] discorre acerca da trajetória de mulheres cultas que se interessavam pelas questões da educação feminina e se dedicaram a instruir outras mulheres⁸¹. Segundo ele, algumas mulheres, mesmo sem teorizar sobre o assunto, descreveram seu cotidiano, passaram para o papel as alegrias e dificuldades acerca da prática pedagógica. Este foi o caso da ilustre Madame de Sévigné.

Nascida em Paris no século XVII ela recebeu sólida educação de seu tio, o que possibilitou que cuidasse de perto da educação de sua filha Françoise Marguerite de Sévigné. A quem ela dirigiu à filha centenas de cartas, onde além de tratar das questões pedagógicas, expressou o enorme amor que sentia por ela. Apesar de não embasar seus métodos pedagógicos

⁸⁰ Destacamos que este não foi um movimento unitário ou consciente. Foi uma prática de algumas mulheres do século XVIII, mas que não formou teoria pedagógica formal. A denominação é feita por Martins como forma de identificação desta vivência, onde mães cultas ministravam a educação de suas filhas. Cf. MARTINS, Ana Paula Vosne. *Os salões iluministas e a produção da escrita de mulheres*. Texto apresentado no evento “Sentimentos na História”, promovido pela Linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História, do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, realizado em novembro de 2010. (Não publicado)

⁸¹ GRÉARD, Octave. *L'éducation des femmes par les femmes: Études et portraits*. Disponível em <http://www.archive.org/details/leducationdesfem00gruoft> Acessado em 15 de outubro de 2012.

em teorias educacionais, por adquirir fama de boa mãe Madame de Sévigné passou a ser admirada e muitas mulheres passam a se espelhar na sua postura materna. Outras mulheres foram além. Aprofundaram-se no assunto, escreveram sobre suas experiências e teorias e muitas vezes suscitaram discussões com a publicação de suas obras.

Como veremos mais cuidadosamente adiante, o grande nome da educação feminina no século XVIII foi Madame d'Épinay. Na obra *Les conversations d'Emilie* (1776), ela atribuiu à mulher a responsabilidade de educar seus filhos. Assim como outras mulheres de seu tempo tomou para si o papel de educadora, porém ela foi mais longe; a partir de suas experiências escreveu o referido tratado que se tornou um marco na história da educação.

O referido tratado foi o primeiro manual de educação que visava uma formação feminina completa, desvincilhada do homem ou de suas obrigações sociais. Para isto, Madame d'Épinay estabeleceu um vasto programa de estudos e lições, sempre embasado no carinho e na ternura, buscando formar uma jovem mulher independente e feliz.

[as lições tinham] por objeto revelar algumas prescrições de sabedoria, de preconizar algumas qualidades essenciais, a obediência, a modéstia, o espírito de ordem, a razão; a anedota baseada na vida, ou o conto inventado ao acaso, contribuem para ilustrar, por assim dizer, as verdades morais. Mas essas verdades são antes fruto do diálogo e não dogmaticamente estabelecidas.

[Elles ont toutes pour objet de mettre en lumière quelque prescription de sagesse, de préconiser quelque qualité essentielle, Tobéissance, la modestie, l'esprit d'ordre, la raison; l'anecdote puisée dans la vie, ou le conte inventé à plaisir, contribue à illustrer, pour ainsi dire, les vérités morales. Mais ces vérités ressortent du dialogue plutôt qu'elles n'y sont dogmatiquement établies.]⁸²

A *maternidade filosófica* foi fundamental para o desenvolvimento de sua obra, para a fundamentação de suas ideias pedagógicas e, sobretudo, para a educação de sua neta – já que a obra é fruto da sua experiência como educadora da neta Emilie. Já para Madame de Staël esta concepção educacional esteve profundamente relacionada à sua formação.

Madame de Staël, batizada Germaine, recebeu uma sólida educação ministrada também por sua mãe, Suzanne Necker, que buscou exercer a função maternal da melhor maneira possível. Mesmo com suas ocupações de *sallonière* e com as obras de caridade, Suzanne se dedicou aos cuidados e à educação da filha, o que não era comum no período. Sensível às mudanças na concepção de maternidade e principalmente às ideias de Rousseau, ela amamentou a filha por algum tempo, mas devido à fragilidade de sua saúde logo foi

⁸² *Idem*, p. 157.

impedida de realizar esta tarefa, o que lhe causou imenso desgosto. A educação da pequena Germaine foi tutelada por sua mãe, procurando formar a criança à sua imagem.

(...) apesar das demandas de seu salão, de seus atos de caridade, suas atribuições domésticas e sua saúde precária, ela não podia abandonar a educação de sua filha a um estranho; somente uma Necker possuía as virtudes necessárias para produzir uma Necker.

[(...) despite the demands of her salon, her charities, her household, and her precarious health, she could not abandon her daughter's education to a stranger; only a Necker possessed the necessary virtues to bring up a Necker.]⁸³

Suzanne Necker compartilhava com outras mães sábias de sua época a ideia de que a maternidade não se restringia às funções ditas naturais e nem somente à moralidade cristã tradicional, mas abarcava um conjunto de atividades e de disposições típicas do conhecimento filosófico. Suzanne acreditava que apenas ela poderia garantir formação adequada à filha; somente ela sabia quais seriam as necessidades, bem como as virtudes que deveriam ser cultivadas para que Germaine se tornasse uma mulher digna, inteligente e exemplar.

Germaine escrevia e lia diariamente, tendo uma rotina de estudos intensa. No programa de estudos feito para ela estavam o francês, latim e inglês, dança, música e ciências. Suzanne Necker garantiu à filha uma educação esmerada e completa, aos moldes daquela que Rousseau propôs. Só que ao invés de educar Germaine para ser um reflexo de Sophie, Suzanne dizia que a educou para ser como Emile – embora tenha feito inúmeras modificações no programa proposto por Rousseau.

Quando analisamos as correspondências entre mãe e filha, observamos o cuidado que Suzanne tinha com a educação e instrução de sua filha e apesar de Suzanne Necker ter uma postura demasiadamente austera, bem de acordo com sua formação calvinista, a educação oferecida à sua filha tem muito em comum com aquela que Madame d'Épinay garantiu à sua neta e fixou em sua obra. Ambas, Necker e d'Épinay, buscaram formar uma jovem mulher com amplos conhecimentos, bem como desenvolver predicados sociais e morais dignos de uma dama de virtudes.

Em diversas cartas Suzanne Necker recomendou que a filha cuidasse de sua saúde, porém fica manifesto que sua principal preocupação era com a formação moral e intelectual da filha. Há muitos indícios nas correspondências entre mãe e filha do que estamos a denominar

⁸³ HEROLD, J. Christopher T. L. *Mistress to an age: a life of Madame de Staël*. New York: Grove Press, 1958.

maternidade filosófica, pois a educação de Madame de Staël foi planejada, direcionada e ministrada por sua mãe, que mesmo afastada cuidava de perto da formação da filha⁸⁴.

Consideramos que a prática da maternidade filosófica foi fundamental para a formação intelectual de muitas mulheres no século XVIII. Se as instituições de educação feminina não lhes davam instrução ampla e equiparada à masculina, onde foi que as mulheres adquiriam as bases educacionais para adentrar nas discussões filosóficas e produzir suas obras?

Como veremos no próximo capítulo, os salões contribuíram muito para formação feminina e para a produção escrita de muitas mulheres.⁸⁵ Além de ser um ambiente que valorizava a cultura escrita, havia muita troca de informações e debates filosóficos, bem como o estabelecimento de um estreito círculo social; amizades e parcerias intelectuais foram estabelecidas, o que garantiu sucesso a muitas de suas frequentadoras e, sobretudo, das *salonnières*.

Mas isto não teria sido possível se já não houvesse uma base educacional. Foi necessário que de alguma forma conhecimentos tivessem sido adquiridos previamente, e como as instituições de ensino não garantiam esta formação, coube à educação fornecida em casa suprir esta carência. Apesar de muitos preceptores e governantas desempenharem esta função, mães influenciadas pelas transformações no modelo de maternidade, se dedicaram à educação dos seus filhos e de suas filhas. Desta forma, defendemos que a prática da *maternidade filosófica* foi muito importante para a formação feminina no século XVIII, sobretudo das intelectuais e *salonnières*, pois supriu uma carência educacional e contribuiu para que elas conseguissem adentrar em áreas que não eram franqueadas às mulheres.

Porém, ressaltamos que foi apenas uma pequena parcela das mulheres que teve a chance de usufruir deste modelo educacional. A maioria ainda era submetida às instituições de ensino religiosas que tinham programas muito reduzidos. Seguindo o pensamento hegemônico, nas instituições de educação feminina as alunas eram instruídas para o desempenho de seus futuros papéis

[...] é preciso lembrar que toda a educação propriamente intelectual lhes era proibida. Na escola, em casa ou no convento, evitava-se desenvolver esses espíritos. E mesmo se houve, aqui e ali, pequenas modificações de programa, o conteúdo de ensino das meninas foi de uma mediocridade espantosa até a primeira metade do século XIX, pois a finalidade era sempre a mesma: fazer delas esposas crentes, donas-de-casa eficientes.⁸⁶

⁸⁴ Cf. ARAUJO, Flora Morena M. M. *Entre mãe e filha: Memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Madame de Staël*. Monografia de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Paraná sob orientação da Profª. Drª. Ana Paulo Vosne Martins. Curitiba, 2011.

⁸⁵ MARTINS, “Os salões...” *Op. Cit.*

⁸⁶ BADINTER, “Émilie...” *Op. Cit.*, pp. 91-92.

Enquanto os meninos recebiam desde muito jovens educação formal com preceptores instruídos e mais tarde eram enviados aos colégios, a educação formal feminina era quase inexistente. E este é um dos paradoxos do Iluminismo: apesar da mulher estar no centro dos discursos e representações e até mesmo nas cenas públicas, ela era considerada inferior ao homem. Godineau afirma que o século XVIII foi o século da mulher, porém, a mesma sociedade que a colocava no centro das discussões a preteria, já que ela deveria estar sempre submissa ao homem.⁸⁷

Como a educação mista não era considerada adequada, apesar de em menor quantidade, concomitantemente à criação de instituições de ensino masculinas, foram criadas instituições que cuidavam da educação de meninas. Por toda a França conventos, escolas elementares e colégios internos laicos passaram a se responsabilizar pela educação feminina. Alguns deles, se afastando da educação tradicional, ofereceram a oportunidade de um ensino mais completo para muitas meninas.

O convento, assim como a residência particular, foi o local da educação feminina desde a Idade Média. Como instituição duradoura, que manteve sua influência e status durante séculos, teve que se adaptar às novas demandas da sociedade para que, além de manter sua funcionalidade, conservasse também sua importância e prestígio.

Historicamente o convento era uma instituição fechada, com pouco contato com o mundo exterior. As meninas que lá estudavam, sempre em regime de internato, se preparavam desde muito jovens para a vida religiosa. Toda sua formação era voltada para este fim. Porém, com a tomada de consciência da Igreja Católica sobre a já citada importância social da mulher, esta situação se altera. Segundo Sonnet, a partir do século XVII os conventos começaram a abrir suas portas para meninas que após receberem uma educação formal, não seguiam obrigatoriamente a vida religiosa.

Com isto, mais do que local de formação de futuras religiosas, os conventos tornam-se instituições pedagógicas que buscavam instruir meninas para a vida – mas não deixando de visar, sobretudo, sua formação moral e religiosa. Porém, apesar de ter profunda importância para a educação nos séculos XVII e XVIII, o convento não foi a instituição pedagógica mais proeminente no que se refere à educação feminina. Nestes locais os custos com a educação eram muito altos. Apenas as filhas das famílias mais ricas conseguiam estudar nestas instituições religiosas.

⁸⁷ Cf. GODINEAU, *Op. Cit.*

Os preços praticados só permitem a entrada no convento das filhas de uma ínfima franja de gente rica, aristocratas ou grandes burgueses. Quantitativamente, pelos efectivos que recebe, o convento pesa pouco na população escolar. As raparigas que saem de uma escola elementar são muito mais numerosas do que as que passam por um internato conventual.⁸⁸

Contudo, apesar de defendermos que muitas destas instituições religiosas eram pautadas em uma vida religiosa austera e um programa de estudos altamente limitado mesmo para os padrões da época, e que desta forma acabaram sendo muitas vezes sendo escolhidas pelos indivíduos convervadores como ambiente para a adequação de meninas que apresentavam algum desejo de transgressão – tal qual aconteceu com Madame d'Épinay, como veremos a seguir – houve muitas delas que pautaram-se em uma concepção inovadora no que diz respeito à instrução de suas alunas.⁸⁹

Este foi o caso, por exemplo, do monastério de Port-Royal⁹⁰. Lá, as meninas tinham a chance de aprender um pouco mais do que lhes era oferecido nas instituições tradicionais. Jaqueline Pascal, uma importante freira, poeta e educadora que coordenou o ensino para meninas na instituição no século XVII, era muito favorável a uma educação mais esmerada, com grande ênfase no aprendizado da leitura e da escrita, e a autonomia religiosa para as mulheres. E em decorrência disto chegou inclusive a escrever *Règlement pour les enfants*, obra que apesar de ter sido redigida com o intuito de comunicar seu superior, o diretor Antoine Singlin, de suas práticas cotidianas, na verdade traz consigo uma exposição dos ideais pedagógicos de sua autora e assim, da pedagogia da instituição⁹¹.

Outra opção de instituição para educação de meninas era o internato laico. Esse espaço escolar visava a formação de damas respeitáveis, com predicados variados. Aulas de pintura, dança, música, declamação e desenho eram ministradas buscando formar moças sensíveis e com traquejo social. Na França eles surgiram no século XVIII e se difundiram por diversas cidades propondo um modelo de educação que não afastava as moças do convívio social durante

⁸⁸ SONNET, *Op. Cit.*, p. 157.

⁸⁹ Isto porque dentro do próprio cristianismo havia muita variedade em suas instituições religiosas. Logo, por mais que houvesse linhas e instituições mais rígidas e fechadas para inovações, também existiam as que eram mais progressistas - sejam elas no âmbito educacional ou mesmo no social. Havia inclusive as instituições que através de medidas caritativas, eram abertas para as classes mais baixas, e desta forma, abrigavam meninas dos grupos sociais mais empobrecidos.

⁹⁰ Segundo a historiadora Beatriz Polidori Zechliski o monastério de Port-Royal – fundado em 1204 - era uma instituição conhecida por abrigar freiras partidárias do jansenismo. Suas sedes ficavam em Paris e no Vale de Chevreuse (a vinte e cinco quilômetros à sudeste de Paris). Para mais informações ZECHLISKI, *Op Cit*

⁹¹ Cf. *Idem*.

o processo educacional. A proposta destes estabelecimentos era a aproximação das jovens com os valores sociais que muitas vezes eram negligenciados nos conventos.

Eles [os internatos laicos] propõem aos pais uma instituição mais próxima do modelo familiar e mais respeitadora dos valores em voga, como a higiene, a natureza ou a vida privada. O ideal do internato particular reside na casa bem governada, dirigida por um casal, onde se respira e coma bem, onde se cultiva simultaneamente o corpo, o espírito e os costumes.⁹²

Como o convento, o internato laico era destinado às moças com mais recursos financeiros; então, era na escola elementar que as meninas dos grupos sociais mais baixos recebiam educação.

Por ter custo baixo, ou podendo ser inclusive gratuita, a escola elementar era mais acessível à população em geral. Mesmo as famílias empobrecidas que não precisavam que suas filhas desempenhassem atividades domésticas, as colocavam nestas escolas para receber educação.

[...] paga ou gratuita, rural ou urbana, a escola elementar abrange a maior parte dos alunos. O ensino de nível elementar, tanto masculino como feminino, atinge o essencial da população escolar. Do ponto de vista da diferenciação sexual das práticas educativas, a escola elementar, é sem dúvida o local mais neutro.⁹³

Mais flexível no que diz respeito à adaptação das escolas à condição dos alunos, a escola elementar estava presente na cidade e nos campos, atuava em regime de internato ou externato. Existiam instituições nas quais havia inclusive turmas mistas, apesar da franca oposição da Igreja. Estas turmas eram mais presentes no campo, onde ao contrário da cidade, os pais não se incomodavam que meninos e meninas dividissem o mesmo ambiente escolar.

O valor pago pelo ensino na escola elementar como dito acima, era muito mais baixo do que pelo ensino ministrado nas outras instituições já citadas, sobretudo sob o regime de externato. Com isto, muitas famílias com baixo poder econômico, como por exemplo, artesãos e pequenos comerciantes, conseguiam garantir educação às filhas e mesmo as meninas que não podiam pagar pelas aulas tinham a oportunidade de estudar.

Isto porque a partir do século XVII muitas instituições abrem-se para o ensino caritativo, ou dedicam-se à educação dos pobres. Muitas das escolas femininas gratuitas eram mantidas por doações ou pela produção artesanal das próprias alunas. Contudo, mesmo com todas estas instituições de ensino para meninas o espaço das residências particulares também

⁹² SONNET, *Op. Cit.*, p.162

⁹³ *Ibidem, idem.*

obteve profunda importância e relevância para a educação das mulheres. Segundo Sonnet, entre os séculos XVI e XVIII a casa foi o principal local para a educação feminina.⁹⁴

Nas residências particulares muitas meninas recebiam educação nos moldes dos conventos e internatos, com programas de estudos voltados apenas aos afazeres domésticos, morais e religiosos. Mas também foi nestes espaços que os programas de educação mais completos foram elaborados. Neles muitas meninas com pais sensíveis às novas ideias iluministas receberam educação primorosa de suas mães ou dos seus preceptores.

Este é o caso de Gabriele Émilie du Châtelet (1706 - 1749). Nascida em uma família nobre e muito rica, ela foi incentivada desde pequena a se dedicar aos estudos. Sua família era de magistrados e seu pai, que teve contato direto com os negócios de Luis XIV, lhe garantiu o ensino de diversas matérias em domicílio. Segundo Elisabeth Badinter ela não teve uma educação como a das outras crianças de sua época. Ela recebeu educação excepcional e como demonstrou grande interesse pelo saber, seus pais estimulavam que se dedicasse cada vez mais aos estudos; nada lhe foi restringido devido ao seu sexo – o que não ocorreu com a grande maioria das meninas⁹⁵.

Porém, não podemos deixar de frisar novamente que Gabriele du Chatêlet, assim como Germaine de Staël e todas as outras meninas que tiveram o privilégio de receber uma educação completa representam uma pequena parcela das meninas francesas daquela época. Como pudemos observar, a maioria delas tinha uma educação formal precária. Sua instrução era baseada nas funções que deveriam desempenhar quando adultas e não visava autonomia ou mesmo a realização pessoal. Se era cada vez mais amplo o acesso à alfabetização, o acesso das mulheres ao saber era bastante escasso e difícil. A mulher perfeita do *século das luzes* é aquela que é educada segundo os desígnios de suas funções naturais. Sua educação deveria fazer aflorar suas virtudes naturais, e assim torná-la a companhia perfeita do homem esclarecido.

Como já dito, Sophie, tornou-se o modelo a ser seguido. Muitas mulheres desejavam assemelhar-se a ela, educar suas filhas nos padrões rousseauístas. Homens de letras acreditavam que aquela educação era a ideal, seguindo os passos de Rousseau em suas teorias educacionais ou sociais. Logo, devido a importância deste modelo feminino criado por Rousseau nos padrões comportamentais e educacionais femininos do século XVIII, a seguir discutiremos sobre esta personagem que se tornou modelo a ser seguido pelas mulheres da época das Luzes.

⁹⁴SONNET, *Op. Cit.*, p.152.

⁹⁵BADINTER, “Émilie Émilie...” *Op. Cit.*, p. 67.

1.3 *Sophie*: A mulher perfeita idealizada por Jean-Jacques Rousseau

Participante ativo nas discussões filosóficas iluministas, Rousseau também foi um dos mais ativos participantes da *Querelle des femmes* no século XVIII. A obra *Émile ou De l'éducation* [Emílio ou da Educação], foi pedra fundamental neste debate. Segundo Elisabeth Badinter, cristalizou uma revolução nas mentalidades e apesar de ser uma personagem secundária na obra, Sophie tornou-se um marco na discussão sobre a mulher.⁹⁶

Jean-Jacques Rousseau é um dos mais proeminentes e controversos filósofos do *século das luzes*. Desde o século XVIII suas obras vêm causando polêmica, trazendo à tona discussões acaloradas sobre estética, política, moral, religião e educação. Porém, apesar de tratar de diversos temas, segundo Ernest Cassirer, a centralidade do seu pensamento e sua paixão repousam sobre o Homem. Sua energia é direcionada para compreendê-lo em sua essência e com isso perceber a melhor forma de viver, seja em sua construção individual, ou na relação social.

Em suas principais obras, *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* [Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens], *Du contrat social* [Contrato Social] e *Emile ou De l'éducation*, Rousseau disserta sobre duas questões que não podem ser entendidas separadamente, “o que o homem é” e “o que ele deveria ser”⁹⁷. Nas duas primeiras obras ele faz uma análise da passagem da vida humana no estado de natureza para a vida em sociedade, bem como os males que foram acarretados por esta importante mudança. No Contrato Social, trata da formação ideal para que os indivíduos tenham a chance de se livrar dos maus hábitos e da corrupção que levam o indivíduo e a sociedade⁹⁸ à degradação.

Porém, estas questões assumem caráter bem diferenciado quando o filósofo vai tratar da questão feminina. Isto porque, como já dito anteriormente, apesar da humanidade ser entendida como uma unidade, no que se refere aos sexos as ideias são irreconciliavelmente diferencialistas. O próprio Rousseau coloca:

Em tudo que não prende ao sexo, a mulher é homem: tem os mesmos órgãos, as mesmas necessidades, as mesmas faculdades; a máquina é construída da mesma

⁹⁶ Cf. BADINTER, Elisabeth (org.) *CONDORCET, PRUDHOMME, GUYOMAR... Palavras de homens (1790-1793)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

⁹⁷ Cf. CASSIRER, Ernst. *Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994.

⁹⁸ Importante frisar que Rousseau concebe que o indivíduo não pode ser pensado separadamente da sociedade. Para o filósofo, esta relação deve ser sempre levada em consideração já que o indivíduo é um ser social, nunca está isolado ou encerrado em si mesmo. Cf. *Idem*.

maneira, as peças são as mesmas, o jogo de ambos é igual, o aspecto semelhante; sob qualquer ângulo que os consideramos deferem mais ou menos. Em tudo que diz respeito ao sexo, a mulher e o homem têm em tudo relações e em tudo diferenças: a dificuldade em compará-los vem de determinar, na constituição deles, o que é de cada sexo, e o que não é. Pela anatomia comparada, e mesmo pela simples inspeção, encontramos entre ambos diferenças gerais que parecem não provir do sexo; cabem ao sexo porém, mas através de ligações que não podemos perceber: não sabemos até onde tais ligações podem estender-se; a única coisa que sabemos com certeza é que tudo o que têm de comum é da espécie, e o que têm de diferente é do sexo.⁹⁹

Esta diferença ontológica entre homens e mulheres é ponto central da teoria de Rousseau. É a partir desta discrepância que se funda sua teoria sobre a mulher e que ele vai elaborar a personagem Sophie, a companheira de Emile.

Para Rousseau, assim como para muitos homens de seu tempo, o dimorfismo sexual serve de base para a compreensão da mulher. Isto porque as diferenças entre os corpos eram entendidas como a exteriorização de uma série de características psíquicas e emocionais, ou seja, as diferenças entre os corpos eram a base para toda a distinção entre homens e mulheres. Foi a partir delas que se delimitaram as características femininas e se circunscreveu o seu espaço de atuação social: “Sofia deve ser mulher como Emílio é homem isto é, ter tudo o que convém à constituição de sua espécie e de seu sexo para ocupar seu lugar na ordem moral e física”¹⁰⁰.

Não podemos deixar de considerar que nestas discussões o ponto de partida para pensar o sexo feminino foi o homem. Maria Rita Khel coloca que o feminino sempre foi pensado enquanto falta, ausência, carência.¹⁰¹ Nos discursos produzidos pelos homens de letras, médicos e teólogos de então, as mulheres eram entendidas como o ser humano que se diferencia/desvia da norma da masculinidade.

Da diferença logo se passou à inferioridade, pois enquanto o homem era tido como ser anatomicamente perfeito, dono de uma capacidade ímpar na Natureza que era a razão, a mulher era, nesse sistema determinista a “fêmea do homem”, o lado fraco, quase que incompleto. Ser frágil e demasiadamente sensível, que por suas debilidades deveria ficar resguardada à segurança do lar, sob o poder patriarcal. O homem, ser forte e ativo deveria ser responsável por cuidar de sua família.

Logo, para Rousseau e muitos de seus contemporâneos, a igualdade dos sexos formulava-se em termos de equivalência, não de igualdade. Ou como Badinter coloca “homens e mulheres

⁹⁹ ROUSSEAU, “Emílio...” *Op. Cit.*, pp. 423 – 424.

¹⁰⁰ Destacamos, porém, que esta concepção de inferioridade feminina nas teorias diferencialistas do sexo não faz parte do arcabouço crítico feito *a posteriori*. Seus autores geralmente declaravam que a diferença ontológica entre o homem e a mulher faz parte da organização do mundo natural. Cada ser foi criado com características e funções específicas. O próprio Rousseau declara que as diferenças existentes entre homens e mulheres são apenas funcionais, já que ambos devem trabalhar para o bem comum. Ou seja, para ele, na união de homens e mulheres, ambos têm o mesmo objetivo, mas para alcançá-lo, têm obrigações diferentes.

¹⁰¹ Cf. KHEL, Maria Rita *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

são iguais no que diz respeito às suas diferenças”¹⁰². Isto equivale dizer que por terem as mesmas funções sociais e familiares são iguais em seus objetivos, mas são completamente diferentes no que diz respeito às suas características e obrigações para alcançá-los.

Na união dos sexos cada qual concorre igualmente para objetivo comum, mas não da mesma maneira. Desta diversidade nasce a primeira diferença assinalável entre as relações morais de um e outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco: é necessário que um queira e possa, basta que o outro resista um pouco.¹⁰³

Segundo Rousseau, por sua natureza diferenciada, as mulheres devem se dedicar as atividades próprias de seu sexo. Cultivar as virtudes femininas, já que serão elas que lhes farão ser respeitadas e admiradas. O filósofo aponta o que lhes é pertinente devido ao seu sexo, e o que lhes é inadequado. Censurando, inclusive, as mulheres que criticam a desigualdades entre homens e mulheres. Para ele estes protestos não tem razão de ser, já que estas diferenças não são fruto de determinações humanas, mas sim da natureza; logo, não podem ser questionadas.¹⁰⁴ Rousseau ainda adverte: caso as mulheres resolvam ignorá-las, fiquem alheias aos seus deveres e obrigações, tornarão seus maridos e filhos infelizes, e assim farão infelizes a si mesmas. Além é claro de causar desordem social.

É a partir destas reflexões que Rousseau vai construir a personagem Sophie. Ela é personificação de todas as virtudes femininas:

Sofia está instruída dos deveres e direitos de seu sexo e do nosso. Conhece os defeitos dos homens e os vícios das mulheres; conhece também as qualidades, as virtudes contrárias, e tem-nas marcadas no fundo de seu coração. Não se pode ter ideia mais elevada da mulher honesta do que a que concebeu, e essa ideia não assusta; mas ela pensa com mais complacência no homem honesto, no homem de mérito; sente que é feita para esse homem, que pode devolver-lhe a felicidade que recebe dele; sente que saberá reconhecê-lo; trata-se apenas de encontrá-lo.¹⁰⁵

Ela foi educada conforme a educação natural, nos mesmos parâmetros que Emile. Criada para ser a esposa perfeita, sua formação desde muito cedo foi direcionada para que pudesse exercer com graça e exímio as funções para qual fora forjada. Assim ela é descrita por seu criador:

Sofia é bem nascida, é de um temperamento naturalmente bom; tem o coração muito sensível e essa extrema sensibilidade dá-lhe por vezes uma atividade de imaginação difícil de ser modelada. Tem o espírito menos justo do que penetrante, humor fácil mais desigual, um rosto comum, mas uma fisionomia que promete uma alma que não

¹⁰² BADINTER, “Palavras e homens...”. *Op Cit.*, p. 21.

¹⁰³ ROUSSEAU. “Emilio...”. *Op. Cit.*, p. 424.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 428

¹⁰⁵ *Idem.*, p. 477.

mente; pode-se ir a ela com indiferença, mas não deixá-la sem emoção. Outras têm boas qualidades que lhe faltam; outras tem mais acentuadas as que ela tem; mas ninguém tem qualidades mais bem ajustadas para criar um caráter feliz. Ela sabe tirar proveito de seus próprios defeitos; e se fosse mais perfeita, agradaria muito menos.¹⁰⁶

Notamos no trecho acima, que Sophie é descrita por Rousseau como uma mulher muito delicada e agradável. Ela “ama a virtude” (*sic*), é “honesta e casta até o último suspiro” (*sic*). Mesmo não sendo dotada das melhores e maiores virtudes femininas, foi criada para exercer de maneira apazível as que possui. Este talvez seja o melhor de seus predicados. Sophie tem noção da sua função social e familiar, por isto não deseja ser mais do que realmente é. Ela não é uma mulher vaidosa, arrogante nem deseja mais que seu sexo lhe permite. Muito pelo contrário, a modéstia lhe acompanha e torna todos seus atos ainda mais gratos.

Sophie foi “feita para um dia ser mãe de família ela própria, pois governando a casa paterna aprenderia a governar a dela”¹⁰⁷, e como foi direcionada desde menina para suas funções naturais, tem ciência do seu lugar. Suas obrigações lhe são transparentes. Desta forma ela prefere sofrer calada a ter que incomodar alguém com suas angústias ou se afastar de seus deveres

Ela sofre com paciência as faltas alheias e repara com prazer as próprias. Essa é a natureza amável de seu sexo antes de a depravarmos. A mulher é feita para ceder ao homem e até para suportar a injustiça dele. Nunca levareis os jovens ao mesmo ponto; o sentimento interior ergue-se e se revolta neles contra a injustiça; a natureza não os fez para que a tolerassem.¹⁰⁸

E mais, além de saber seu lugar, ela reconhece as diferenças existentes entre mulheres e homens. Não tenta em vão lutar contra os desígnios da natureza, respeita suas deliberações e se conforma com as suas obrigações.

Sophie é feliz por ser mulher e ter recebido todas as dádivas pertinentes ao seu sexo. Por não precisar ser ou vivenciar nada mais do que seu sexo lhe permite, a educação de Sophie foi direcionada para suas funções. Ela foi ensinada como realizar todas as tarefas domésticas com graça e dedicação. Ela carrega consigo todos os predicados de uma boa moça, além de ter conhecimentos suficientes para que possa realizar as tarefas do lar.

O que Sofia sabe mais a fundo, e que lhe fizeram aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo, mesmo aqueles que não se lembram, como cortar e costurar seus vestidos. Não há trabalho de agulha que não saiba fazer e que não faça com prazer (...). Dedicou-se também a todas as tarefas do lar. Conhece a cozinha e a copa; sabe o preço dos mantimentos; conhece-lhes as qualidades; sabe muito bem fazer suas

¹⁰⁶ *Idem*, pp., 471 – 472.

¹⁰⁷ *Idem.*, p. 473.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 475.

contas; serve de mordomo para sua mãe. Feita um dia para ser mãe de família ela própria, governando a casa paterna aprende a governar a dela; é capaz de atender as funções dos criados e sempre faz com bom grado. Nada se dirige tão bem como o que se sabe executar: é a razão de sua mãe para ocupá-la assim. Sofia não vai tão longe, entretanto; seu primeiro dever é o de filha e é agora o único que pensa em cumprir. Sua única intenção é servir sua mãe e aliviá-la de parte das tarefas. Contudo, é verdade que não faz tudo com igual prazer. Por exemplo, embora seja gulosa, não gosta de cozinhar; há pormenores que não a desgostam; nunca encontra bastante limpeza. É a esse respeito de extrema delicadeza, é essa delicadeza levada ao máximo que se tornou um de seus defeitos: deixaria de perder-se o jantar para não manchar a manga. Nunca quis meter-se no jardim pela mesma razão; a terra parece-lhe suja; mal depara com um pouco de estêrco e já lhe sente o cheiro.¹⁰⁹

Notamos como Rousseau construiu Sophie de um modo que até seus defeitos possam ser entendidos com qualidade. Ele deixa evidente que Sophie tem suas dificuldades, seus desgostos – como acontece com qualquer ser humano de carne e osso. Porém, a obrigação moral de cumprir as tarefas que lhe foram confiadas se sobressai às suas falhas.

Outra reflexão que podemos apontar referente ao trecho acima diz respeito aos hábitos de higiene de Sophie. Rousseau diz que ela é muito limpa. Foi ensinada desde menina a ser desta forma, já que “não há nada no mundo objeto mais nojento do que uma mulher pouco limpa e o marido que se desgosta dela tem sempre razão”. Assim, sua higiene íntima é impecável. Notamos inclusive que de tão higiênica Sophie acaba não gostando da terra, e que por isto se afasta de situações em que possa se sujar.

Observamos como Rousseau constrói seu discurso de uma maneira muito delicada. Sua narrativa é extremamente bem construída, seu discurso é coeso. Mesmo aparentemente expondo os defeitos de Sophie seu discurso na verdade pretende minimizá-los frente às suas virtudes. Com maestria o filósofo consegue induzir o leitor a acreditar que, como um ser humano, Sophie tem defeitos, mas que não significam nada frente à sua força de vontade para se aperfeiçoar. Ou como aparece no trecho acima, Rousseau destaca seus defeitos, mas inverte seu discurso, faz com que eles sejam percebidos pelo leitor como qualidades.

O jogo retórico que Rousseau constrói em seu discurso faz com que as características negativas de Sophie se transformem em positivas, pois seu esforço e abnegação se sobrepõem a qualquer possível crítica que ela possa receber – por não gostar de cozinhar ou se sujar, por exemplo. Mesmo apontando a gula de Sophie (um traço negativo para uma dama, que deve ser contida e se satisfazer com pouco), num trecho posterior Rousseau arremata a questão, afirmando que a educação recebida foi capaz de fazê-la conter este seu traço. E desta forma, mais uma vez transforma um possível defeito em uma prova do esforço de Sophie para ser uma pessoa melhor.

¹⁰⁹ *Idem.*, pp. 472- 473

Nesta e em diversas outras passagens da obra observamos o peso da educação para Rousseau. Se ela era gulosa, foi o direcionamento educacional bem guiado pela mãe que transformou defeitos naturais em virtudes cultivadas. Em outros textos Rousseau coloca:

Sofia tem naturalmente alegria, foi mesmo maluquinha na infância, mas a mãe teve cuidado ao reprimir seus ares avoados.¹¹⁰

A mãe surpreendeu-a, castigou-a e fê-la jejuar. Conseguiu persuadi-la (...) Sofia corrigiu-se; crescendo adquiriu outros gostos que a desviaram dessa sensualidade vulgar.¹¹¹

Fica evidente que a educação é responsável pelo seu progresso individual, pelo seu aperfeiçoamento. A educação transformou em predicado suas inclinações impróprias; fez aflorar suas virtudes naturais; a guiou para o desenvolvimento pessoal. E é esta a concepção educacional de Rousseau. Como já dito anteriormente, a formação pessoal é meio de cultivar as virtudes nos indivíduos, de guiá-los para seu espaço natural, e assim os conduz para a felicidade.

Além ser uma reflexão filosófica acerca do progresso humano, da transformação pessoal, esta crença no aperfeiçoamento aproxima o leitor das diretrizes apontadas por Rousseau, como também dos modelos representados por Sophie e Emile¹¹². Compreendemos que Rousseau deixa uma mensagem clara aos seus leitores: não é preciso ser bem nascido, nobre ou rei para ser feliz, para ser um indivíduo que se aperfeiçoa.

Para o filósofo, a educação é o motor transformador das constituições individuais e sociais. Ela é acessível a todos, basta observar com cuidado os desígnios da natureza, os apontamentos feitos por ele e colocá-los em prática. Assim, para homens e mulheres, mesmo seguindo programas totalmente diferentes, a educação tem um papel chave. É ela a responsável por esculpir o caráter, formar a moral destes sujeitos que deverão produzir uma nova sociedade, mais justa e feliz.

Desta forma, a educação de Sophie, assim como das mulheres de maneira geral, está vinculada ao bem estar do homem e da família, pois segundo Rousseau a função da mulher era ser boa mãe e esposa. Elisabeth Badinter lembra bem que Rousseau não inova neste campo,

¹¹⁰ *Idem* p. 475.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 474

¹¹² Ao analisarmos a obra, não podemos nos esquecer de que se trata de um tratado de educação que foi editado e publicado muitas vezes ao longo do século XVIII. Logo, a intenção do autor nesta obra não era apenas fazer uma reflexão filosófica para a leitura apenas entre seus pares. Rousseau buscava disseminar suas ideias, contribuir para uma revolução no modo de conceber e dirigir a educação de meninos e meninas. Sua obra deveria servir como um modelador de comportamentos. E para isto era necessário que ele partisse de modelos que pudessem ser alcançados por seus leitores e leitoras, caso contrário não surtiria o efeito desejado.

acabando por seguir a corrente de pensamento hegemônica. Ele aponta as diferenças entre os sexos e a partir delas são estabelecidos os parâmetros para a educação diferenciada. Ele é contra a ambição feminina pelo saber, pois seria uma forma de traição ao seu destino, indo contra a Natureza.

Dentro desta ótica a ambição não cabe às mulheres, pois uma mulher ambiciosa era um indivíduo contrário à Natureza. A ambição feminina não ocorre porque uma mulher quer ser homem, mas sim porque quer mais que os limites impostos a ela.¹¹³ Rousseau ressalta:

O império da mulher é o império da doçura, de habilidade e de complacência; suas ordens são os carinhos, suas ameaças são as lágrimas. Ela deve reinar na casa como um ministro de Estado, fazendo com que comandem o que quer fazer. Neste sentido os lares mais felizes são em geral aqueles em que a mulher tem mais autoridade: mas quando ela despreza a voz do chefe, quando ela quer usurpar os direitos dele e mandar sozinha, o que resulta da desordem é a miséria, é escândalo, é desonra.¹¹⁴

Sophie não é vaidosa, “se veste com modéstia”, se orna com delicadeza e simplicidade. Sophie não se vale de enfeites que deixariam sua beleza artificial. Não usa vestidos ricos, ou penteados da moda. Sua beleza vem de sua inocência e candura. Sophie

tem muito bom gosto para arranjar; mas detesta os vestidos ricos; nos seus vê-se sempre a simplicidade reunida à elegância; não aprecia o que brilha e sim o que lhe vai bem. Ignora quais as cores da moda, mas sabe admiravelmente as que lhes são favoráveis. Não há jovem que se vista com menos requinte e nenhuma que se apresente mais requintadamente arranjada; nenhuma peça de sua *toilette* se deve ao acaso, e o artifício não aparece em nenhuma.¹¹⁵

A vaidade feminina, segundo Rousseau, é um dos maiores males. Para ele a vaidade é a forma de afastar a mulher de sua condição natural. Afastando-a do homem, ajuda a corromper o casal, a separar o que a natureza uniu. A vaidade feminina também é extremamente prejudicial, pois rouba o tempo de dedicação ao homem, desvia a atenção que deveria ter como fim a felicidade da família.

Notamos que mesmo exaltando a mulher, construindo Sophie como um modelo de enaltecimento do feminino, Rousseau não rompe com o pensamento misógino. Sophie, ainda que considerada por ele “o anjo do lar”, é ontologicamente diferente de Emile. Embora juntos componham a espécie humana, entre si existem diferenças irreconciliáveis. Sua vivência é extremamente circunscrita ao seu sexo. Suas subjetividades não partem de si, de suas experiências ou gostos. Qualquer transitoriedade é tida como subversão e combatida. Nesta

¹¹³ Cf. BADINTER, “Emilie Emilie...” *Op. Cit.*

¹¹⁴ Rousseau, “Emilio...” *Op. Cit.*, pp. 489- 490

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 472.

linha de pensamento cabe então à mulher trabalhar para aflorar sua subjetividade natural e assim agir com adequação.

Quando Rousseau vai tratar das atitudes, hábitos e características que as mulheres devem evitar em nenhum momento é direto, dizendo, por exemplo, que elas estão estritamente proibidas de fazer isso ou aquilo. O tom de seu discurso é aconselhador, ele procura mostrar como as coisas devem ser segundo as leis naturais – não somente porque ele está afirmando. Ao longo do texto temos a chance de perceber que ele não se coloca como autor dos conselhos apresentados, mas sim como alguém que os observou, compilou e os está apresentando aos leitores. Isto traz força às suas palavras, já que por serem postulados naturais são quase impossíveis de serem questionados.

Os artifícios que ele utiliza para convencer suas leitoras a adotarem seus procedimentos morais, educacionais e comportamentais, também são muito interessantes. Em nenhum momento Rousseau é enfático ao negar certos comportamentos femininos. Ele não se coloca veementemente contra modos de vida diferentes dos quais ele defende. Muito pelo contrário, seu tom é amistoso, de aconselhamento, como já dito. No máximo, ele recorre ao sarcasmo para tratar de questões com as quais discorda. Quando trata das características que considera desprezíveis nas mulheres, de todos os hábitos que as corrompem, ao invés de atacá-los diretamente, ele mostra às suas leitoras como eles tornam detestáveis as mulheres que ignoram o chamado da natureza.

Rousseau se coloca quase como um guia que indica como as mulheres devem se comportar para que sejam admiradas, que despertem o respeito dos homens e desta maneira sejam felizes e bem sucedidas. Para dar mais força aos seus argumentos, utiliza exemplos da História Antiga. Seu texto é repleto de citações e exemplos da Antiguidade. Muitos hábitos, virtudes e costumes das mulheres da Antiguidade são enaltecidos pelo autor que desta forma, busca aproximar, através do exemplo histórico¹¹⁶, as leitoras de seu discurso. Trazer exemplos de mulheres que através de suas virtudes naturais e de seus bons hábitos contribuíram para a edificação das mais importantes sociedades da história da humanidade era um argumento muito forte de convencimento.

¹¹⁶ Segundo Julio Bentivoglio, no século XVIII a importância da História estava na sua utilidade para o presente. Logo, seu caráter exemplar, era extremamente enfatizado. Neste sentido, sobretudo, a História Antiga era utilizada como referência aos modernos. Por se considerarem herdeiros diretos de tais sociedades, os modernos procuravam indicar o seu lugar na tradição ocidental e enaltecer a experiência histórica da qual eram sucessores. Bentivoglio coloca que “a rigor, entre os séculos XVI, XVII e XVIII a história era ferramenta preciosa em quaisquer campos da reflexão, fossem sistemas filosóficos, estudos literários, morais ou ensaios políticos”. Cf. BENTIVOGLIO, Julio, “História pelos modernos, vocação pelos antigos: sentidos do passado no alvorecer da modernidade”. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). *Ideias de história: tradição e inovação de Maquiavel a Herder*. Londrina: Eduel, 2007, pp. 320-326.

Traçando a subjetividade de Sophie notamos como ela se diferencia das mulheres francesas de sua época. Mais ainda, como ela é o oposto daquelas mulheres que Rousseau desprezava. Sophie é paciente, piedosa. Como já dito, sabe qual seu lugar na família e sociedade. Respeita todas as imposições de seu sexo sem lamentar, sabe que é uma dádiva ser mãe e poder servir ao seu marido. Todos estes predicados são, para Rousseau, as mais belas virtudes que uma mulher pode ter, já que com elas todas as outras poderão ser cultivadas.

Para Rousseau a felicidade individual e familiar são garantidas quando os papéis de gênero são respeitados. Segundo Elisabeth Badinter, na segunda metade do século XVIII a felicidade passou a ser muito almejada dentro das relações familiares, bem como nas trajetórias de vida. Se antes os casamentos por conveniência eram comumente estabelecidos, neste momento passaram a ser condenados, já que eram considerados fonte da infelicidade e corrupção dos costumes.¹¹⁷

O amor conjugal e parental passou a ser procurado e amplamente difundido nos discursos médicos e científicos, e as mulheres chamadas a desempenhar suas funções dentro do lar. Elas deveriam ser esposas virtuosas e fiéis, mães abnegadas e donas de casa prendadas. Com isto, a felicidade e o equilíbrio social estariam garantidos.

Defendendo esta linha de pensamento, Rousseau chegou a comparar a reclusão da mãe de família à das religiosas. “Longe de ser uma mulher da vida social, não é muito menos reclusa em sua casa do que uma religiosa ao seu claustro”¹¹⁸.

As analogias entre mãe e freira, entre a casa e o convento são bastante reveladoras do ideal feminino de Rousseau e de seus contemporâneos. Sacrifício e reclusão são as características deste ideal. Fora desse modelo, não há salvação para as mulheres. [...] A advertência de Rousseau, portanto é clara: o único destino feminino possível é o de reinar em seu ‘interior’ [o da casa]. A mulher deve abandonar ao homem o mundo ‘exterior’, sob pena de ser anormal e infeliz. Ela deve saber sofrer em silêncio, e dedicar sua vida aos seus, pois tal é a função que a natureza lhe destinou, sua única chance de felicidade.¹¹⁹

Logo ele destaca e valoriza os predicados femininos, suas capacidades e importância para a família. Rousseau chega a afirmar que as mulheres são, inclusive, seres mais perfeitos que o homem e que podem conseguir o que quiserem deles utilizando todas suas virtudes naturais. Mesmo que seja um ser passivo e fraco a mulher pode transformar suas fraquezas em armas a seu favor.

¹¹⁷ Cf. BADINTER, Elisabeth. “Palavras de Homens...” *Op. Cit.*

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 20

¹¹⁹ *Ibidem*, *idem*.

Já as mulheres que fogem de suas obrigações, tais quais as escritoras e as *salonnières*, são acusadas de inúmeros vícios e posturas inadequadas ao seu sexo. Para Rousseau elas são mulheres egoístas e vaidosas, que buscam em divertimentos frívolos e vazios os prazeres viciosos. Rousseau faz inúmeras críticas à elas, como à sociedade parisiense em geral. Ele não poupa críticas aos hábitos e sociabilidades, que segundo ele, afastaram os indivíduos de seu estado natural, de suas verdadeiras virtudes, criando novos costumes fundados em valores corrompidos, em virtudes artificiais. Para ele os salões apenas afastam as mulheres de suas funções naturais, as tornam presunçosas, além de corromper a natureza ao querer se colocar em pé de igualdade intelectual com os homens.

Desta forma, além de desprezar as *salonnières* e lhes atribuir vários vícios, Rousseau também vai professar contra as mulheres letradas. Isto porque, para ele a mulher deve sim ser educada, mas como já dito, sua educação deve ser direcionada para suas funções naturais. Não deve ser uma ignorante, pois “não convém, portanto, a um homem que tem educação, tomar uma mulher que não tem, nem, por conseguinte, numa classe que não a têm”. Logo, apesar de Rousseau defender uma educação própria para a mulher para ele o limite desta educação é definido pelas funções naturais de cada sexo; para o bem comum é totalmente nocivo às mulheres uma educação igual à dos homens.

Dominique Godineau aponta que as mulheres que desejavam se instruir, participar das discussões e desta forma forçarem as barreiras de gênero, eram vistas como pedantes para a maioria dos homens de letras, tais como Rousseau.

Mas, enquanto a leitura masculina é sinal de atividade intelectual, a leitora é facilmente considerada com uma pedante orgulhosa ou uma ociosa. Em ambos os casos, isso sucede porque a mulher surge menos no seu papel tradicional, porque quer ter acesso a um saber masculino, porque rouba o tempo que deveria dedicar ao governo da casa, ao marido ou aos filhos, porque cria entre si própria e o livro um espaço íntimo do qual o homem se vê excluído. A leitura feminina é perigosa.¹²⁰

Assim como muitos de seus contemporâneos, ele teceu inúmeras críticas às mulheres que ambicionavam a instrução. Para ele, além de fugir totalmente ao modelo da mulher honesta, tal qual Sophie representa, ela é indigna de ter marido ou família. Esta “charlatanice” (*sic*) a afasta de sua natureza. Sobre isto Rousseau coloca:

Mas eu ainda preferiria cem mil vezes mais uma jovem simples e grosseiramente educada, a uma jovem culta e enfatuada, que viesse estabelecer no lar um tribunal de literatura de que seria presidenta. Uma mulher assim é o flagelo do marido, dos filhos, dos amigos, dos criados, de todo mundo. Do alto do seu gênio, ela desdenha todos

¹²⁰ GODINEAU. *Op. Cit.*, p.325.

seus deveres de mulher, e começa sempre por se fazer homem à maneira de Mlle d'Enclos. Fora de casa ela é sempre ridícula e muito justamente criticada, pois não se pode deixar de sê-lo quando sai de sua condição e não se é feito para a que se quer ter. Todas estas mulheres de grandes talentos só aos tolos impressionam. (...) Toda essa sua charlatanice é indigna de uma mulher honesta. E ainda que tenha um verdadeiro talento, sua pretensão o alvita. Sua dignidade está em ser ignorada, sua glória na estima de seu marido; seus prazeres na honra de sua família.¹²¹

Sophie vai contra as práticas femininas de suas contemporâneas. Sua subjetividade é outra, parte de outros pressupostos. Seus objetivos e preocupações não são os mesmos de suas contemporâneas. Os atrativos mundanos e sociais que servem de iscas para muitas mulheres, não lhe seduzem. E não por desconhecê-los, muito pelo contrário.

Embora Sophie tenha sido educada junto à família, reservada ao seu núcleo doméstico, o mundo não lhe foi escondido. Ela é ciente do mundo em que vive. Conhece seus perigos e os vícios femininos. Mas fora educada para amar sua família, para que se dedicasse às suas virtudes e funções naturais. Seus pais conseguiram fazer com que ela gostasse mais da virtude e de sua função natural do que dos prazeres mundanos falaciosos e frívolos. Sophie

tem pouca prática da sociedade; mas é prestativa e atenciosa, e põe graça em tudo que faz. Uma boa índole serve-a com mais felicidade do que muita arte. Tem certa cortesia própria que não se prende a fórmulas, que não se escraviza a modas, que com estas não muda, que nada faz por obrigação, que provém de um desejo real de agradar e que agrada.¹²²

É assim, segundo Rousseau, que as moças devem ser instruídas para que os bons hábitos não corrompam a sensibilidade de seu coração; que se sobressaiam às suas virtudes. Pois será apenas desta forma que depois de casadas elas não irão correr o risco de se deslumbrar com a sociedade, o mundo que até então desconheciam e assim se desviar do caminho da honestidade.

Desta forma, como Emile é a representação do “novo homem”, Sophie é a da “nova mulher”. Está alheia aos perigos que a sociedade oferece. Não participa das sociabilidades ou dos divertimentos frívolos. Não possui uma vaidade extrema, que faz que suas virtudes naturais sejam minimizadas frente aos ornamentos e vestidos espalhafatosos; não possui o orgulho de uma beldade, pois sabe que sua beleza é passageira, que suas maiores virtudes são as que vêm do coração; não possui a arrogância ou a presunção de uma *salonnière*, reconhece que seu lugar não é no mundo das letras ou nas discussões com os homens, é feliz por reinar em seu lar.

¹²¹ ROUSSEAU, “Emilio...” *Op. Cit.*, pp. 117 – 118.

¹²² *Ibidem*, p. 492.

Aluna da natureza como Emílio, ela é feita para ele mais do que qualquer outra; ela será mulher do homem. É sua igual por nascimento e o mérito, inferior pela fortuna. Não encanta a primeira vista, mas agrada sempre e sempre mais. Seu maior encanto se exerce aos poucos; não se desenvolve senão na intimidade das relações e seu marido o sentirá mais do que ninguém do mundo. Sua educação não é brilhante nem negligente; tem gosto sem estudo, talentos sem artes, bom senso sem conhecimentos. Seu espírito não sabe, mas é cultivado para aprender; é uma terra bem preparada e que só espera a semente para produzir. Como livros só leu Barrême e Telêmaco, que lhe caiu nas mãos por acaso.¹²³

Embora sua obra tenha alcançado imenso sucesso e muitas mulheres tenham se empenhado em seguir o modelo de Sophie, ainda no século XVIII muitas não se contentaram em seguir seus passos. Elas queriam mais. As atividades domésticas não lhes satisfaziam, elas ambicionavam ser mais que mães e esposas. Desta forma, embora Rousseau pretendesse formular um modelo universal que abarcasse todas as mulheres, muitas delas forçaram as barreiras de gênero instituídas e buscaram ir além do que lhes era permitido.

Muitas desejavam participar das discussões ilustradas, seja como anfitriãs dos salões, seja traduzindo ou publicando seus próprios textos. É sobre estas mulheres que ambicionaram e ousaram ser mais do que foi Sophie que trataremos no próximo capítulo. Mulheres que desafiaram o modelo rousseauísta de gênero e que ousaram, através da escrita, garantir outras possibilidades de existência e de ação. Por meio da educação recebida tiveram a oportunidade de se aproximar das discussões filosóficas e por meio da escrita buscaram outro tipo de felicidade e de realização pessoal.

¹²³ ROUSSEAU, “Emílio...” *Op. Cit.*, p. 492.

CAPÍTULO II: LITERATURA E A ESCRITA DE MULHERES NO SÉCULO XVIII: INTERDIÇÕES E POSSIBILIDADES

É certo que o amor pelo estudo é menos necessário à felicidade dos homens que à das mulheres. Os homens têm uma infinidade de recursos, que faltam inteiramente às mulheres, para serem felizes. Eles têm muitos outros meios de chegar à glória, e certamente a ambição de tornar seus talentos úteis a seu país e servir seus concidadãos, por sua habilidade na arte da guerra, ou por seus talentos para o governo, ou ainda pelas negociações, está acima [de] que é possível se propor pelo estudo; as mulheres, porém, são excluídas por sua condição de qualquer espécie de glória, e quando por acaso, se encontra alguma que nasceu com a alma elevada, só lhe resta o estudo para consolá-la de todas as exclusões e de todas as dependências às quais ela se encontra condenada por condição.

Madame du Châtelet¹²⁴

Quando pensamos nos grandes escritores ocidentais, os primeiros que nos vêm à mente são Shakespeare, Victor Hugo, Dostoiévsky, James Joyce, entre outros nomes masculinos. São poucas as vezes que logo no primeiro instante nos lembramos de uma mulher e quando lembramos são certamente lembranças muito pontuais, como por exemplo, Virginia Woolf. Porém, nunca nos lembramos de como o ato de escrever, a possibilidade da escrita, foi durante séculos uma prática altamente excludente.

A história dos grandes homens nos levou a crer que com um talento excepcional e perseverança inesgotável todas as barreiras são quebradas e os grandes escritores revelados e reconhecidos, mesmo que tardiamente. Mas será que a capacidade intelectual para a escrita sempre foi entendida como um atributo presente tanto em homens como em mulheres? Será que as mulheres sempre que se mostraram dispostas a escrever tiveram acesso ao mundo literário? E mesmo quando desobedientes ou subversivas, será que talento e perseverança bastaram para que a escrita pudesse ser exercida e as mulheres obtivessem reconhecimento?

Neste capítulo abordaremos estas questões acerca da prática da escrita feminina destacando quais eram as interdições impostas às mulheres no século XVIII; as possibilidades que se abriam para aquelas que ousavam sonhar em adentrar nesta área que era considerada inadequada a elas; como também quais foram as consequências para aquelas que ousavam escrever e publicar suas obras.

Como a educação feminina no período era muito deficitária, buscaremos discutir quais foram os meios alternativos que muitas mulheres encontraram para aperfeiçoar sua educação apresentando, sobretudo, a importância de suas experiências nos salões, bem como das amizades que lá foram cultivadas.

¹²⁴ CHÂTELET, Madame de. *Discurso sobre a felicidade*. Martins Fontes: São Paulo, 2002, pp. 21-22.

Embora tenha sido tradicionalmente pensada como um atributo masculino, nas reuniões dos salões, as amizades mistas entre as anfitriãs e os participantes foram comuns e usuais. Isto porque homens e mulheres tinham a chance de interagir mais livremente nos salões e estabelecer laços de afetividade que foram muitas vezes o ponto inicial de grandes parcerias intelectuais.

As amizades eram importante também como suporte para as mulheres, pois frequentemente elas eram alvo de críticas e chacotas públicas por suas ambições intelectuais. Também formaram parcerias intelectuais com a leitura crítica de obras ainda não publicadas ou pelo incentivo intelectual. Logo estes laços afetivos propiciados pelas reuniões dos salões foram responsáveis pela entrada de muitas mulheres no mundo literário, bem como por incontáveis trocas intelectuais entre homens e mulheres que os frequentavam.

Desta forma conseguiremos compreender qual era o peso que a prática da escrita exercida por mulheres e a dimensão do que era ser uma escritora na sociedade francesa setecentista. Enfim, as particularidades e dificuldades encontradas nesta prática, que embora não seja abertamente declarada, envolvia – e ainda envolve – questões acerca do poder, seja ele em relação às questões de gênero, ou à manutenção de *status quo* do escritor.

2.1 A importância dos salões iluministas para a realização intelectual feminina no século XVIII

Como abordado no capítulo anterior, no período moderno houve muitas transformações na relação dos indivíduos com a palavra escrita. Novas formas de impressão acabaram por, juntamente com o aumento no número de alfabetizados, promover uma “revolução do texto”.

Até o início do período moderno as relações eram muito baseadas nos acordos verbais, nos signos visuais. Porém, com a introdução cada vez mais acentuada da cultura letrada na vida dos indivíduos, a sociedade francesa passou a cada vez mais ser erigida nos contratos escritos. Se antes, por exemplo, os ofícios eram repassados por gerações pela cultura oral, com estas transformações, os usos de tratados e manuais passaram a cada vez mais ser peça chave na formação profissional. Este processo ocorreu também com os contos e cantigas populares que da cultura oral, aos poucos foram inseridos da cultura escrita.

Porém, não podemos nos esquecer de que a sociedade europeia no período moderno era altamente segmentada. E não apenas no que diz respeito aos seus grupos sociais. A segmentação de gênero, como já citada anteriormente, era muito presente naquela sociedade, bem como fundamental para sua organização social. Logo, embora o período moderno tenha sido marcado pela citada “revolução do texto”, foram muitos os indivíduos que ficaram à margem, entre eles as mulheres.

Em primeiro lugar, como já discutido no capítulo anterior, sua educação era extremamente limitada e voltada para suas atividades no lar. Não era considerado adequado que uma moça recebesse uma educação fora de suas capacidades, pois assim além de se desviar de suas obrigações morais, ela poderia causar mal a sua saúde – diversos médicos afirmavam que muitos dos males que acometiam as mulheres tais quais as dores de cabeça incessantes ou mesmo fraquezas e indisposições eram causadas por excesso de leitura. E em segundo, sua relação com a escrita não era bem vista. Por ser produto da racionalidade, esta era considerada uma atividade incompatível com as já citadas *virtudes femininas*. Desta forma a relação das mulheres com a escrita não era tida como natural, além de ser duramente combatida por parte da elite intelectual francesa.

O poder da palavra, seja ela proferida oralmente ou escrita, sempre foi um bem precioso e esteve restrito a uma pequena parcela da população que não desejava perdê-lo ou dividi-lo com “forasteiros”. Indivíduos considerados inapropriados; seja por sua formação, classe, gênero ou nacionalidade. Este procedimento, segundo Michel Foucault, faz parte do

processo de controle e seleção da produção discursiva. Neste caso das mulheres que ambicionavam ser escritoras, por serem consideradas incapazes ou mesmo inadequadas para a produção discursiva e, sobretudo para a criação de verdades, a palavra lhes era interdita¹²⁵.

O discurso não é apenas um meio de se proferir conteúdos. Ele está na esfera do poder, ele é aquilo pelo que se disputa, por isso, sua produção é controlada por indivíduos autorizados e legitimados socialmente por seus iguais. São eles que apontam, aqueles que são válidos, bem como quem pode ou não dissertar sobre determinados assuntos.

O poder discursivo está em constante disputa: quem o detém deseja conservá-lo para si e seus pares e quem está à margem deseja transgredir as regras de produção e seleção, além de almejar também desmontar suas interdições. Dessa forma o paradigma discursivo pode ser rompido e renovado, o que faz do campo discursivo um palco de disputa. Segundo Foucault,

(...) o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas se exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa em nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.¹²⁶

A partir das observações de Foucault percebemos como a ideologia de gênero e o desejo de poder discursivo se entremeia na questão das interdições aos discursos femininos, e como a prática da escrita feminina foi muito combatida por subverter hierarquias e ameaçar o poder de grupos estabelecidos. Isto porque uma mulher que estudasse, lesse e escrevesse não representaria apenas um perigo à organização social e às barreiras de gênero. Significaria também uma ameaça às práticas discursivas estabelecidas, à produção de verdades, ao *status quo* do escritor e a estrutura do cânone literário – que eram altamente excludentes e historicamente constituídos em torno da masculinidade.

Desta forma, em uma sociedade avessa à expressão intelectual feminina como a sociedade francesa do século XVIII as mulheres eram afastadas do conhecimento e, sobretudo, da palavra escrita. Era considerado muito perigoso que uma mulher aprendesse, que tivesse uma educação equiparada à masculina, e ainda mais que escrevesse; que passasse a difundir suas ideias e pensamentos acerca da sociedade, ciência e literatura.

¹²⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

¹²⁶ *Ibidem*, pp. 09 – 10.

Porém, muitas mulheres não se resignaram a estas imposições. Com ambição intelectual, lutaram com as armas de que dispunham contra estes sistemas de exclusão. Embora, os caminhos percorridos por uma mulher que desejasse ser escritora não fossem garantidos por seu esmero no aprendizado da leitura e escrita, muitas delas não desistiram.

Apesar dos muitos entraves, tendo que romper paradigmas e preconceitos elas, conseguiram se realizar intelectualmente. Ainda que representassem considerável minoria, houve nos séculos XVII e XVIII grande aumento no número de escritoras na França. Várias mulheres, mesmo encontrando inúmeras dificuldades, sofrendo preconceitos, escreveram e publicaram suas obras e assim abriram caminho para aquelas que como elas desejavam se dedicar ao trabalho intelectual, escrever e publicar suas obras, bem como obter respeito e reconhecimento por isto.

Pode parecer estranho que muitas mulheres tenham publicado neste período na França; e principalmente que o número de autoras tenha sido representativo, já que apontamos por diversas vezes que a educação feminina era infinitamente inferior à masculina. Não se garantia às mulheres educação plena e emancipatória que satisfizesse suas ambições intelectuais. Então, fica a questão: como é que elas conseguiram aprimorar seus conhecimentos para que pudessem se dedicar à escrita?

Defendemos que muitas delas tiveram que buscar meios alternativos de instrução. Para responder esta pergunta apontamos três estratégias principais que garantiram refinamento intelectual e instrução mais completa em relação ao que era oferecido às mulheres em geral¹²⁷. A primeira delas já foi citada no capítulo anterior, ou seja, as medidas educacionais alternativas que foram proporcionadas às meninas por seus pais e/ou mães, dando a oportunidade para muitas meninas terem uma educação bem cuidada.

Uma segunda maneira encontrada pelas meninas para que pudessem se instruir foi aproveitar as lições e aulas oferecidas a terceiros. Isto acontecia com relativa frequência com as garotas que eram privadas das aulas, mas que conviviam com outras crianças que tinham autorização para receber instrução. Muitas delas já na infância ansiavam pelo conhecimento, e

¹²⁷ Destacamos que esta é uma análise feita *a posteriori*. Estas estratégias muitas vezes não eram arquitetadas racionalmente. Muitas meninas, como foi o caso de Madame d'Épinay, correram atrás de suas ambições intelectuais e para isto se empenharam em descobrir meios alternativos para receberem instruções. O fato de a educação lhe ter sido negada, causava sentimentos negativos e controversos. Desta forma, por diversas vezes, estes atos eram guiados por sentimentos confusos e pouco claros. Destacamos também que embora uma mulher tenha utilizado das citadas estratégias, não significa que não tenha se empenhado em aprender por outras vias também. Para continuar com o exemplo já utilizado, citamos d'Épinay que mesmo tendo se empenhado em aprender através das migalhas na infância, na vida adulta buscou aprimorar seus conhecimentos nas trocas estabelecidas com seus parceiros intelectuais, amigos e amantes – tais quais Grimm e o Abade Galianni – e na participação dos salões.

tendo lhes sido negado o acesso à escola ou às lições, buscavam juntar as “migalhas”¹²⁸ que ficavam disponíveis para que assim conseguissem aprender algumas lições esparsas. Foram vários os casos das escritoras que ao escrever sobre seus anos de infância, sobre sua formação, relataram que se instruíram desta maneira. Este foi o caso, por exemplo, de Madame d’Épinay.

Filha única de um barão de carreira militar, Louise des Esclavelles teve uma infância plena e feliz. Como sua família gozava de uma confortável situação financeira e seu pai incentivava seus estudos, Louise teve a oportunidade de se instruir e aos nove anos já dava mostras de seu talento e inclinação para escrita. Neste período ela começou escrever suas *pseudomemórias* – obra que trazia muito de sua vida, mas também de sua imaginação¹²⁹.

Porém, quando tinha dez anos seu pai faleceu o que provocou um enorme revés em sua vida. Se antes era filha mimada de uma família com estabilidade financeira, com a morte do pai ela e a mãe vão morar na casa de uma tia, de quem depende de seus favores e sofre humilhações constantes¹³⁰. Mesmo sendo originária da nobreza, a queda de sua condição financeira após a morte do pai foi argumento definitivo para que fosse impedida de estudar. O pai foi o grande incentivador de seus estudos e após sua morte Madame d’Esclavelles, a mãe de Louise, não se interessou em manter os professores da filha. Muito pelo contrário, ela se mostrou extremamente conservadora e tolheu as ambições intelectuais da menina.

Além do mais, Madame d’Esclavelles e sua irmã acreditavam que era de suma importância “limpar” o espírito de Louise de todos os mimos que vivenciara até então. De arrancar-lhe a “arrogância” que tinha incorporado na infância. Desejavam habituá-la à submissão e modéstia, para isto a humilhavam frequentemente. Em suas *Pseudomemórias*¹³¹, ao se referir a essas frequentes humilhações, ela discorre sobre as advertências feitas por um tio:

Agora é preciso mudar de tom. Seu pai só era rico graças às benevolências do rei [...]. Você foi um pouco mimada por todas as adulações daqueles que dependiam de seu pai. A filha de um governador [da cidade de Valenciennes] tinha aí certamente um papel a ser desempenhado, por menor que fosse. Mas agora você não passa de uma

¹²⁸ Termo utilizado por Cristina de Pizán na obra *A cidade das damas* para se referir à maneira como mulheres que eram privadas de se instruir buscavam estudar aproveitando, através da observação atenta, da educação ministrada a terceiros. Para mais informações, cf. SOUZA, Daniele Shorne de. *A cidade das damas e seu tesouro; o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França no início do século XV*. Dissertação de mestrado entregue à linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

¹²⁹ Cf. BADINTER “Emilie...” , *Op. Cit.*

¹³⁰ *Ibidem*, p. 63.

¹³¹ Louise reservou por toda a vida o hábito por escrever sobre suas experiências. Ela escreveu sobre suas reflexões sobre a sociedade, costumes e cultura. Como também tratou das discussões e convivência com muitos dos homens de seu tempo – tais quais Rousseau, Grimm, Diderot. Logo, oferece aos seus leitores um excelente panorama da sociedade francesa do século XVIII. CF. BADINTER “Emilie...” , *Op. Cit.*

criança de dez anos que não tem nada [...]É preciso desfazer-se deste ar de superioridade e tomar como graça tudo que se fizer por você [...].¹³²

Para alcançar os devidos fins Louise foi proibida de estudar. Porém, seus sonhos prevaleceram e ela não se resignou a esta ordem. Percebendo que sua prima tinha aulas e lições, buscava se instruir ouvindo as lições que eram destinadas a ela. Foi desta forma, acompanhando na surdina as lições da prima, que Louise buscou suprir sua ambição intelectual ainda na juventude. Porém, mais uma vez seu horizonte de possibilidades em relação aos estudos lhe foi negado. Ela viu seus interesses ainda mais contrariados quando sua mãe e tia se posicionaram contra esta prática por considerarem que, por ser uma menina sem recursos, aquela educação não seria conveniente.

Louise foi então enviada para um convento para aprender a ser uma dama agradável e com conhecimentos úteis para sua vida de casada. Lá ela recebeu educação cristã que a tornou devota e submissa, segundo aponta Elisabeth Badinter, bem diferente da menina que havia sido educada pelo pai¹³³. Foi somente quando chegou à idade adulta que conseguiu se desvencilhar de seus compromissos matrimoniais, tendo então a oportunidade de se dedicar a se aproximar das discussões letradas e se dedicar à prática da escrita, como veremos a seguir.

A terceira, e talvez a mais eloquente maneira que muitas mulheres encontraram para se aproximar dos círculos letrados a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos e afinar a prática da escrita, foi pela participação nos salões.

Nas últimas décadas historiadores vêm se dedicando a estudar a participação feminina nestes ambientes, bem como sua relação com a produção escrita das mulheres. Essas pesquisas têm mostrado como a presença feminina nos salões foi indispensável para seu amadurecimento intelectual, e assim, para a escrita e publicação de suas obras.

Foi nos salões que muitas mulheres tiveram a chance de se aproximar do mundo das letras, de aperfeiçoar seus conhecimentos e praticar a escrita. Além do mais elas entraram em contato direto com os pensadores mais eloquentes do seu tempo – tais quais, Voltaire, Galiani, Byron, Grimm –, e tiveram a chance de com eles estabelecer laços de amizade que foram fundamentais para suas trajetórias intelectuais, como veremos adiante¹³⁴.

O salão era um centro cultural onde ocorriam debates sobre assuntos políticos, econômicos, sobre literatura, filosofia, entre outros assuntos caros aos letrados da época. Ademais, foi um centro de sociabilidade, lugar privilegiado para a formação e atuação de

¹³² ÉPINAY, Madame de, *Pseudo-memoires de Madame d'Épinay*, Tomo I, p. 13 *apud* BADINTER “Emilie...” *Op. Cit.*, p. 61.

¹³³ Cf. *Ibidem*

¹³⁴ Cf. MARTINS, “Da amizade...”, *Op. Cit.*

homens e mulheres. O salão iluminista foi um “[...] centro de cultura onde se cultivava a mistura intelectual e onde as mulheres entretinham os homens com seus gostos e sua maneira de ver o mundo. Mulheres e homens acabavam aí por se transformar”.¹³⁵ Neles se dava a divulgação de ideias e a apresentação de obras inéditas, bem como eram debatidas as obras recém-lançadas, formando um espaço para a crítica, bem como se firmando como um espaço de formação do público leitor.

Segundo Claude Dulong, os salões surgiram como apropriação das reuniões que princesas e rainhas – tais quais Isabel da Inglaterra e a duquesa Ana Amália, de Weimar – faziam em suas cortes nos séculos XVI e XVII. Neles, as anfitriãs reuniam em torno de si círculos de convivência onde homens e mulheres participavam de animadas reuniões. A principal ocupação era a conversação e o prazer social do convívio civilizado. Assim, ali se estabeleceram verdadeiros centros de efervescência cultural¹³⁶.

É importante atentarmos que a promoção destes encontros só foi possível porque as anfitriãs, se comparadas às mulheres comuns de seu tempo, gozavam de maior liberdade frente às obrigações tradicionais do feminino. Sua posição social as protegia das críticas e seus costumes faziam parte de uma concepção social e cultural de civilidade e elegância. Desta forma, tinham a oportunidade de transitar mais livremente em encontros sociais e ambientes culturais que não eram tidos como próprios para mulheres.

Porém, apesar destas reuniões promovidas na corte serem consideradas antecessoras dos salões, não podem ser consideradas como tal. Isto por que, em primeiro lugar, o salão passa a existir apenas quando os espaços culturais se desvencilham da corte ou do palácio real e se estabelecem nas residências nobres e burguesas.¹³⁷ E em segundo, por que apesar de ter conservado muitas de suas características, promovem várias inovações.

Segundo Martins, uma das maiores inovações dos salões em relação às sociabilidades de corte é que

(...) diferentemente da sociedade de corte, os salões são espaços sociais que promovem novas formas de interação social e de gênero, debates e trocas culturais e artísticas e, principalmente, são experimentos sociais no qual criaram novos e transgressores modos de representação de si e dos outros.¹³⁸

¹³⁵ MARTINS, *Op. Cit.*

¹³⁶ Cf. DULONG, *Op. Cit.*

¹³⁷ *Ibidem*, p. 469.

¹³⁸ MARTINS, *Ibidem*, p. 59.

A marquesa de Rambouillet abriu no século XVII o salão que se tornou o modelo dos “salões à francesa”. De sua mãe, uma dama italiana de desenvoltura brilhante e grande inteligência, recebeu educação primorosa que lhe rendeu conhecimento vasto sobre a cultura literária e diversos idiomas. Tais conhecimentos aliados à sua reputação brilhante e personalidade amável, possibilitaram que a marquesa estabelecesse muitos laços de amizades. Ela participava da corte de Henrique IV, mas por achá-la demasiadamente grosseira, se afastou e recriou as reuniões da corte em sua residência seguindo seus próprios padrões, atentando para os detalhes mais sutis, cuidando desde a decoração do ambiente, até do comportamento dos participantes, ela criou um local admirável para agradáveis encontros em sua residência. A boa conduta passou a ser atributo fundamental para se tornar um frequentador de seu famoso salão.

Assim como a marquesa de Rambouillet, as mulheres que abriram os primeiros salões no século XVII eram parisienses favorecidas pelo nascimento e/ou pela fortuna, cujos maridos eram liberais, estavam ausentes ou mesmo falecidos; outras eram solteiras, e desta forma, viviam livres do controle masculino e das obrigações domésticas. Apesar de a relativa independência ser importante, a bagagem cultural, bem como a postura exemplar e os hábitos polidos também eram fundamentais para que uma anfitriã tornasse seu salão reconhecido e prestigiado¹³⁹.

Muitas das anfitriãs dos salões franceses do século XVII eram conhecidas como *preciosas*¹⁴⁰. Segundo Martins, a partir de sua desenvoltura nos salões elas foram responsáveis por introduzir novos comportamentos femininos nos círculos das elites francesas – o que causou imenso escândalo aos elementos mais conservadores da sociedade.

Com posturas progressistas, elas desejavam romper com a posição tradicional feminina. Para isto buscavam adquirir conhecimento e autonomia. Segundo Martins elas podem ser consideradas *proto-feministas*, pois tinham uma “atitude inconformista com as convenções sociais e as ideias em voga a respeito da inferioridade do sexo feminino e da incapacidade feminina [...]”¹⁴¹

Defendiam, por exemplo, a capacidade de reflexão e autonomia feminina. Assumiam o dever de reagir contra um estado de coisas que ameaçava as frágeis conquistas das suas antecessoras¹⁴². Lutando contra a sujeição social e sexual da mulher, se posicionavam contra o

¹³⁹ *Ibidem*, p. 59.

¹⁴⁰ Segundo Martins a expressão *précieuse* passou a ser usada após a Fronda (1648 -1653), e se referia às damas que não desejavam ser apenas idolatradas, mas que por estarem insatisfeitas com a posição feminina desejavam o acesso ao conhecimento e à autonomia. Cf. MARTINS, “Da amizade...” *Idem*, p. 60.

¹⁴¹ *Ibidem*, pp. 60- 61.

¹⁴² DULONG, *Op. Cit.*, p. 480.

modelo tradicional de casamento e a maternidade, que segundo elas, eram fontes de desavenças entre homens e mulheres, como também da opressão feminina. Outra defesa feita pelas *preciosas* era o maior acesso à educação para as meninas, pois o saber deveria ser adquirido pelas pessoas talentosas e inteligentes e não restrito e não a uma pequena parcela de homens.

Em seu favor as *preciosas* valorizavam assuntos do coração e a civilidade, e com isto se dedicavam à produção de uma escrita que exaltava os sentimentos. Através do seu estilo buscavam inovar, romper com a autoridade masculina da linguagem formal e academicista. Para isto eliminavam palavras consideradas pedantes, arcaicas e muito técnicas.

(...) é verdade que as preciosas deram caça às palavras indecentes ou, para empregar um adjectivo que lançaram, *obscenas*. Elas condenavam todas as expressões que evocavam realidades fisiológicas grosseiras *defecar, clister, estar de parto*; recusaram aplicar o verbo amar simultaneamente às coisas materiais e às espirituais: *ama-se a amante, gosta-se do melão*.¹⁴³

Desta forma, para as preciosas, segundo Dulong, o *preciosismo* se encontrava no estilo, no seu modo de colocar sua liberdade e espontaneidade.

Com suas ideias emancipatórias e por questionar muitos dos valores de sua sociedade, é evidente que as preciosas foram duramente criticadas. Elas não eram vistas com bons olhos por muitos de seus contemporâneos, o que acabou reavivando a velha querela das mulheres, opondo os partidários das mulheres e os detratores.

Esta querela não ficou restrita aos debates filosóficos, ou às discussões dos salões. Ela foi discutida publicamente. Muitos autores escreveram obras literárias, ensaios e peças de teatro que criticavam, ou mesmo ridicularizavam as mulheres que tinham aspirações intelectuais. Contudo, houve ainda casos de autores mais incisivos que escreveram obras nas quais ridicularizavam mulheres anfitriãs dos salões que não se resignaram às imposições da ideologia dominante de gênero. Este foi o caso de Molière, importante dramaturgo do século XVII, que em forma de humor, teve a audácia de proferir inúmeras ofensas às mulheres sábias.

Em *LesPrécieuses ridicules*, de 1659, e um pouco depois, *Les femmes savantes*, de 1662, Molière apostava na caricatura para ridicularizar a ambição feminina de aprender e se colocar como igual ao homem nas discussões filosóficas, e assim, emancipar-se intelectualmente.

Ao analisarmos com cuidado a peça *Les femmes savantes* – traduzida para o português como *As Eruditas* – temos a chance de observar como ele constrói seu discurso e faz pesadas críticas às mulheres intelectuais. Na obra, a todo o momento estas mulheres são submetidas ao

¹⁴³*Ibidem*, p. 481.

escárnio do autor, que as coloca como mulheres que acima de tudo são vaidosas e pedantes, que amam, na verdade a si mesmas, sendo o seu gosto pela erudição apenas uma forma de envaidecimento. Logo, fica evidente que para Molière é a vaidade e o egoísmo que levam as mulheres ao mundo das letras, não um desejo legítimo pela sabedoria, como acontecia com os homens.

Seguindo a linha de vários pensadores do seu tempo, Molière defende que quem mais sofre com esta atitude é seu marido e os filhos. Ao se dedicar à filosofia – que são em muitos casos falaciosas e frívolas – as mulheres ficavam alheias à suas obrigações domésticas.

Não é nada direito que uma mulher estude mil coisas irreais./ E descuide na prática, das coisas mais banais./ Orientar os filhos no caminho da vida, dirigir e comandar a criadagem, manter a casa limpa e arejada, gastar o dinheiro com economia, taí uma filosofia./ Nossos pais nesse ponto, sabiam o que diziam quando afirmavam que mulher já não é nada tola se distingue uma réstia de alhos de uma de cebolas./ Um par de calças e um par de ceroulas. As mulheres antigas não liam./ Mas viviam./ Consideravam cuidar do lar um ato de cultura/ e, em vez de aprender a besteira da literatura,/ que a imaginação só entulha,/ manejavam o dedal, a linha e a agulha./ Ah, como estão longe disso as madames de agora!/ só escrever, citar autores, e a atividade do/ lar virou uma coisa indigna. (...) O racionalismo aqui virou uma doutrina/ e, racionalizando, ninguém mais raciocina/ Lê um romance e queima o refogado./ A outra declama versos e faz leitão assado/ com o fogão apagado ¹⁴⁴

Notamos que o desejo de muitas mulheres de não ficarem restritas às obrigações de mãe, esposa e dona de casa para Molière é um dos problemas que abatem sua sociedade. Que leva as famílias ao caos e faz com que damas sejam ridicularizadas por vizinhos e parentes.

Contudo, ainda que tenha havido uma enxurrada de críticas às anfitriãs, bem como às relações estabelecidas, os salões se multiplicaram e firmaram como um dos principais palcos das discussões letradas no século XVII e XVIII. Apesar de conservar muitas características de sua estrutura inicial, com o passar do tempo eles inovaram. Tornaram-se menos hierarquizados e mais voltados para o cultivo da polidez e da intelectualidade. Com a ampliação dos interesses das mulheres, foram estabelecidas novas formas de sociabilidades – não mais fundadas nas precedências, nos privilégios e nas posições sociais ocupadas, mas na cultura, no prazer da conversação e no cultivo da amizade. ¹⁴⁵

Os salões franceses do século XVIII foram extremamente importantes para as discussões ilustradas. Neles se encontravam homens de ciência, filósofos, letrados, aristocratas e burgueses ricos, com o intuito de promover a circulação do saber e a divulgação dos trabalhos produzidos para que assim fosse promovida a divulgação do ideário iluminista. Logo, estes

¹⁴⁴ MOLIÈRE. *As Eruditas*. Trad. Millôr Fernandes. L&PM: Porto Alegre, 2003., p. 53.

¹⁴⁵ MARTINS, “Da amizade...” *Op. Cit.*, p. 61.

foram espaços onde o livre debate e a exposição de ideias propiciaram aos homens e às mulheres oportunidades para o aperfeiçoamento intelectual e como defende Martins, o acesso à palavra falada e escrita¹⁴⁶.

Desta forma, os salões iluministas deixam de ser local apenas da galanteria e das sociabilidades mundanas e se transformam, sobretudo, em espaços culturais adequados aos interesses de homens e mulheres cultos que associavam à atividade intelectual o prazer da conversação e da amizade.¹⁴⁷ Logo, mesmo que as belas letras, a linguagem polida e os mais refinados sentimentos continuassem a ser o principal interesse do salão iluminista, o conteúdo das conversações se alterou.

Assim, defendemos que as práticas dos salões adquiriram grande importância na época das luzes por serem locais propícios para a divulgação e o alargamento do ideário esclarecido. Já para as mulheres foi uma oportunidade ímpar para adentrarem naqueles debates que estavam abalando as estruturas da sociedade tradicional. Era uma maneira que encontraram para se aproximar das discussões e com isto, aprender e se posicionar nos debates.

Notamos que neste espaço foi cada vez mais valorizado um modelo de feminilidade pautado na educação, na cultura e que dominasse as artes da conversação e de receber. A educação feminina caminhava ao lado deste novo modelo de feminilidade, pois foi a partir dela que as mulheres estabeleceram um modelo mais ativo e influente, correspondendo assim, às expectativas familiares e sociais. Segundo Martins,

Um modelo de feminilidade começa a ser valorizado e difundido pelos romances e manuais de educação para meninas desde meados do século XVIII: a mulher sensível, virtuosa, culta, porém modesta e moldada para o exercício de funções naturais e morais que uma nova concepção política da maternidade exaltava.¹⁴⁸

As *salonnières* – que podem ser comparadas às suas antecessoras, as *preciosas* – eram mulheres cultas, interessantes, que estavam à frente dos salões, entretendo e zelando pelas boas relações. Elas, que geralmente abriam as portas de suas residências para os encontros, participavam ativamente dos debates literários e filosóficos. Com suas opiniões, conhecimentos e boa desenvoltura na arte de receber despertavam a admiração, o que rendia uma boa reputação.

Por ser uma atividade que garantia à mulher uma posição social elevada, além da admiração de seus pares e ser signo de liberdade, ser anfitriã e frequentadora de salões, foi

¹⁴⁶*Ibidem*, p. 65.

¹⁴⁷*Ibidem, idem*.

¹⁴⁸*Ibidem*, p. 55.

segundo Elisabeth Badinter, a atividade mundana mais procurada pelas mulheres no século das Luzes.¹⁴⁹

Nos salões as mulheres tinham relativa autonomia. Logo, como ressaltado no início do capítulo, por ser um espaço menos hierarquizado onde se realizavam reuniões periódicas com debates filosóficos e culturais, as mulheres participavam dos salões para se inserir nos debates intelectuais e no caso em particular do século XVIII para tomar parte das discussões ilustradas que lhes pareciam mais interessantes dos que os livros de piedade e de devoção.

2.2 Amizade e criação literária

Os salões literários foram locais adequados para que as mulheres pudessem se inserir nos debates intelectuais e nas discussões correntes de sua época. Pouco mais distante das convenções e tradicionalismos no que diz respeito aos papéis e posturas adequadas a cada gênero, lá muitas barreiras de gênero foram borradas e os indivíduos tiveram a chance de interagir mais livremente.

Estas eram experiências não hierárquicas de trocas intelectuais e de afetividade entre homens e mulheres. Com isto, laços de amizades mistas foram favorecidos. Segundo Zechlinski

A amizade mostrava-se para as escritoras não só como uma tática de inserção nos espaços do saber, mas também como uma experiência de igualdade que lhes proporcionava desenvolver a imaginação sobre possíveis relações entre homens e mulheres em outras esferas da vida social¹⁵⁰.

Foi neste ambiente que Madame de Staël e Madame d'Épinay encontraram os parceiros e o incentivo para sua produção literária. À frente de seus próprios salões, elas estabeleceram relações de amizade com os expoentes intelectuais de seu tempo, o que sem dúvida exerceu grande influência em suas trajetórias intelectuais, se não diretamente na construção das suas obras propriamente dita, contribuindo com a leitura e a crítica amistosa.

Como Massimo Baldini evidencia, a amizade foi um sentimento considerado nobre e historicamente muito valorizado. E que devido a isto, foi objeto de reflexão filosófica dos mais proeminentes filósofos ocidentais desde a antiguidade. Com extremo cuidado no uso das

¹⁴⁹ BADINTER, “Émilie...” *Op. Cit.*, p. 36.

¹⁵⁰ ZECHLINSKI, Beatriz P., *Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: Gênero e Sociabilidades*. Tese de doutorado entregue à linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012., p. 115

palavras, estes homens não pouparam os mais belos elogios aos amigos, bem como não cessaram em valorizar estes laços sentimentais. Ao observarmos textos produzidos ao longo da história sobre o assunto, notamos que embora cada filósofo a tenha abordado sob um ponto de vista específico, há muitas peculiaridades do modo de concebê-la.

Platão, por exemplo, busca definir um amigo como um bem valioso:

Desde menino meu desejo era chegar a possuir alguma coisa. Todo mundo na verdade deseja algo na vida; há que gosta de possuir cavalos, um outro gosta de cachorros; alguém procura ouro; um outro honrarias. Eu, porém não sinto dentro de mim impulso para todas essas coisas. Em lugar disso, apaixonadamente minha alma se pretende a procurar um amigo. Um amigo bom gostaria de encontrá-lo realmente! Isso para mim é muito mais valioso que a mais linda perdiz e o galo mais charmoso. Mais ainda que um cavalo e um cachorro e bem mais que os tesouros de Dario. Na verdade é assim que eu sinto viva em mim a ânsia pela amizade.¹⁵¹

Já Aristóteles, afirma que é uma virtude necessária aos humanos:

A seguir, vamos tratar da amizade. Antes de mais nada podemos dizer que a amizade é uma virtude, ou está associada ao conceito de virtude e, por esta razão, além do mais, é uma coisa absolutamente necessária à vida. De fato, ninguém poderia optar a viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os outros bens.¹⁵²

Abelardo, no século XIII, enaltece os amigos ao compará-los com irmãos:

Um amigo verdadeiro vale mais do que qualquer dom de Deus, deve preferir-se a todas as riquezas./ Ninguém será pobre se possuir um tesouro semelhante que é tanto mais valioso quanto mais raro./ Irmãos são muitos, mas entre eles é raro um amigo;/ Aqueles cria-os a natureza, mas este é dado pelo afeto¹⁵³

Voltaire, no século XVIII, no verbete amizade do *Dicionário Filosófico* relaciona os laços de amizade com a virtude – para ele só poderia haver amizade nos corações virtuosos.

É um contrato tácito entre duas pessoas sensíveis e virtuosas. Digo sensíveis, porque um monge ou um solitário podem não ser malvados, mas, mesmo assim, viver sem conhecer a amizade. Digo virtuosas, porque os malvados têm somente cúmplices, os libidinosos companheiros de orgias, os gananciosos têm sócios, os políticos reúnem partidários, a classe baixa dos ociosos têm agitadores, os príncipes têm cortesãos; mas só os homens virtuosos têm amigos.¹⁵⁴

Nestes, assim como em muitos outros excertos reunidos por Baldini, a amizade foi historicamente muito valorizada. Considerada uma preciosidade, uma virtude que liga os

¹⁵¹ BALDINI, Massimo (ORG). *Amizade & Filósofos*. Trad. Antonio Angonese. Bauru: EDUSC., p. 43.

¹⁵² *Ibidem*, p. 59.

¹⁵³ *Ibidem*, pp. 91 – 92.

¹⁵⁴ BALDINI, *Op. Cit.*, p. 123.

indivíduos e os entrega à felicidade; Desta forma, esta importância garantida às amizades do século XVIII não é uma inovação da modernidade.

Não podemos esquecer que os indivíduos dos séculos XVII e XVIII tinham intensa admiração pela Antiguidade. Os textos antigos eram valorizados como pedras fundamentais da cultura ocidental. As academias de letras faziam questão de reafirmá-los como as grandes produções literárias. Todo indivíduo minimamente educado que desejasse adentrar nas discussões letradas ou que almejasse apenas ganhar ares intelectuais, consumia avidamente obras de escritores antigos. Ademais, estas produções literárias eram utilizadas a todo o momento, seja como forma de legitimação num discurso argumentativo ou de exemplo a ser seguido. Logo, este tema não era desconhecido pelos indivíduos modernos. O enaltecimento da amizade pela elite letrada do século XVIII se inseria nesta tradição.

Contudo, apesar dessa valorização estar enraizada historicamente, notamos que no período moderno – mais precisamente no século XVII - se deu uma grande inovação: a amizade mista. Isto porque tradicionalmente a amizade, assim como a ambição, era considerada um sentimento pertinente apenas aos homens. Foi neste momento que as mulheres começaram a estabelecer mais comumente amizades com homens¹⁵⁵.

Por ser um valor muito difundido pelas elites letradas, o salão foi fundamental para que se fortalecessem os laços de amizade entre homens e mulheres. Muitos deles tinham a oportunidade de se encontrar várias noites ao longo da semana¹⁵⁶ e com isto estreitar estes vínculos afetivos. Além do mais, como demonstrou Zechlinski, as práticas de leitura dentro dos salões eram muito favoráveis à aproximação dos indivíduos. Vista como uma prática de sociabilidade e realização do prazer, as obras eram lidas conjuntamente e em voz alta. Assim, envolviam seus participantes em uma sintonia intelectual, despertando sentimentos de empatia.

Se as pessoas estavam reunidas para realizar uma leitura, pressupunha-se que existiam afinidades entre elas e que elas queriam bem umas as outras. A leitura conjunta era a efetuação de uma troca intelectual (quando um fala e os outros escutam e depois comentam) e era também um momento de demonstração da afetividade: se uma pessoa lia para a outra era porque lhe queria fazer bem, significava que existia estima, admiração e vontade de agradar.¹⁵⁷

Possuir um amigo naquele ambiente significava ter um parceiro intelectual, com quem se podia enviar seus manuscritos e receber as primeiras críticas sobre ele. Um indivíduo que

¹⁵⁵ Cf. *Ibidem*.

¹⁵⁶ Destacamos que cada salão recebia seus convidados em uma noite na semana. Mas, como muitos de seus frequentadores e *salonnières* acabavam frequentando mais de um salão, muitas vezes se reuniam quase todos os dias em salões promovidos por diferentes anfitriãs. ZECHLINSKI, *Op. Cit.*, p. 120

¹⁵⁷ ZECHLINSKI, *Op. Cit.*, p. 121.

compartilhava suas opiniões acerca da sociedade, filosofia, literatura e acontecimentos cotidianos. Logo, a colaboração mútua era frequente, assim como o despertar da admiração e o cuidado com o objeto de sua afeição.

Este foi o caso da relação entre Madame d'Épinay e Grimm. Embora não se saiba ao certo como se conheceram – segundo Badinter, as informações em suas *pseudomemórias* são muito confusas; forma talvez encontrada por d'Épinay para despistar sobre suas gestações ilegítimas, bem como de sua dupla relação, já que foi amante de Francueil¹⁵⁸ e Grimm¹⁵⁹ por algum tempo – é certo que não demorou que ela se encantasse por Grimm¹⁶⁰. Com inclinações e gostos parecidos, não tardou também para que a amizade entre eles se estreitasse e se tornassem parceiros intelectuais – assim como brotasse o amor permitindo que ambos vivessem uma paixão.

Embora não se tenha muitos registros de suas cartas, Badinter afirma que as trocas intelectuais entre eles foram mútuas, além é claro, de um enorme sentimento os unir. Grimm e Madame d'Épinay foram companheiros inestimáveis. Mesmo quando a paixão acabou, a cumplicidade e companheirismo se mantiveram. Com todas suas diferenças e problemas pessoais, eles receberam e souberam apoiar um ao outro em momentos difíceis. Oferecendo apoio emocional e incentivo profissional, se tornaram importantes na trajetória um do outro.

Madame d'Épinay tinha problemas familiares, sofria com a separação do seu filho mais velho, bem como tinha saúde muito debilitada. Grimm era quem lhe dava apoio para seguir em frente, para cuidar de sua saúde. Bem como foi o grande incentivador para que ela publicasse sua mais célebre obra, *Les conversations d'Emilie*. Já Madame d'Épinay foi importante colaboradora em suas produções. Quando ele assumiu, em maio de 1753, a redação do *Correspondance littéraire*, ela passou a ajudá-lo. Assumindo, inclusive, juntamente com Diderot, o trabalho editorial quando Grimm precisava se ausentar de Paris devido suas viagens diplomáticas.

¹⁵⁸ Louis Claude Dupin, Senhor de Francueil (1715 – 1786) foi uma personalidade e destaque no meio cultural francês. Seu título – Senhor de Francueil – se referia à aldeia de que vinha, situada na região central da França. Apesar de não ser um filósofo iluminista, esteve muito envolvido nas discussões ilustradas. Amigo de muitos indivíduos ilustres de seu tempo, tais quais Rousseau, Grimm, Voltaire, Diderot, era um amante do teatro e da música. Ficou muito conhecido pela sua relação amorosa com Madame d'Épinay. E, apesar de não formalizar a união, o casal teve dois filhos.

¹⁵⁹ Friedrich Melchior, barão de Grimm (1723 – 1807) foi um escritor, diplomata, e crítico literário bávaro que residiu boa parte de sua vida na França. Logo que chegou ao território francês ele se aproximou de Rousseau, e em pouco tempo já estava familiarizado no círculo dos *philosophes*. Ao longo de sua vida ele atuou como crítico literário, redator e diretor de periódicos tais quais o *Correspondance littéraire* e *Nouvelles littéraires*, bem como atuou também como correspondente da corte do rei da Prússia, Frederico II.

¹⁶⁰ BADINTER, “Emilie...”, *Op. Cit.* Pp. 232 – 234.

Porém apesar de Grimm ter sido um grande amigo e companheiro de Madame d'Épinay, ele não foi o único. Como uma *salonnière* admirada e bem relacionada, ao longo de sua vida ela cativou diversas amizades que foram fundamentais nos momentos mais difíceis de sua vida. Por sua postura pouco tradicional e publicação de uma obra tão transgressora como *Les conversations d'Emilie*, não foram poupadas críticas direcionadas à ela. Porém, por a considerarem uma mulher valorosa com capacidade intelectual exemplar, não foram poucas as vezes que seus amigos, ou mesmo simpatizantes do seu pensamento, saíram em sua defesa publicamente.

Com a publicação da referida obra, foram inúmeros os elogios destinados a sua autora¹⁶¹. Jornais como *Le Mercure de France* e *Correspondance Littéraire*, além de colaborarem para a divulgação da obra, também não pouparam elogios a d'Épinay. Como por exemplo, Voltaire que declarou que sua obra era de um valor inigualável para a sociedade, já que ela contribuía para a fomentação da educação feminina digna – o que ele defendia ser direito de todas as mulheres¹⁶².

Ao observarmos com cuidado, notamos que não foram raros os casos de defesas públicas de obras produzidas por mulheres no século XVIII. Muitos filósofos e homens de letras de renome escreviam notas ou mesmo prefácios de livros escritos por suas companheiras de discussões filosóficas. Desta forma, muitas vezes, o carinho e admiração que sentiam por elas eram professados publicamente. O que era além de um apoio público, maneira de homenageá-las.

Ao fazer o prefácio de *Principia*, obra de Newton que Madame du Châtelet traduziu para o francês, Voltaire não poupou elogio à ela:

Esta tradução, que os mais talentosos homens da França deveriam ter feito e que os outros devem estudar, uma mulher a empreendeu e terminou, para espanto e glória de seu país. Gabrielle-Emilie [...] é autora desta tradução que se tornou necessária a todos aqueles que queiram adquirir os profundos conhecimentos que o mundo deve ao grande Newton.

Era muito para uma mulher conhecer a Geometria elementar, que não é nem mesmo uma introdução às verdades sublimes desta obra imortal. Sente-se que era preciso que Madame a marquesa du Châtelet se tivesse encaminhado bem antes na carreira que Newton lhe abria, que dominasse tudo aquilo que este grande homem ensinou. Tem-se aí dois prodígios: o primeiro, que Newton tenha escrito esta obra; o outro, que uma mulher o tenha traduzido.¹⁶³

¹⁶¹ A primeira edição de *Les conversations d'Emilie* foi publicada pela primeira vez sem o nome do autor. Mas pouco tempo depois, mesmo antes de ser publicada a segunda edição da obra, já era de conhecimento de todos que a sua autora era Madame d'Épinay.

¹⁶² DAVISON, Rosena. "Introduction". In ÉPINAY, Madame de. *Les Conversations d'Emilie*. Oxford: Voltaire Foundation, 1996., p. 05.

¹⁶³ VOLTAIRE, Prefácio. In: VOLTAIRE. *Principes mathématiques de la philosophie naturelle de Newton*, traduzido do latim por Madame du Châtelet, prefácio de Costes e *Éloge historique* de Voltaire. 2 vol. Paris.

Para Voltaire Madame du Châtelet havia chegado onde nenhuma mulher tinha conseguido até então, por isso seu feito ao fazer uma tradução de uma obra tão complexa e majestosa, como a de Newton, era inigualável.

Estes laços, exercidos na esfera privada, mas, sobretudo, manifestos na esfera pública, contribuíram para que a amizade entre os sexos fosse entendida como algo possível. Apesar de muitas amizades terem nascido nos salões, não foram raros os casos das que ultrapassaram seus limites, que foram registradas em cartas¹⁶⁴.

No século XVIII as cartas foram um importante meio de comunicação para diminuir as distâncias espaciais e afetivas. A escrita epistolar era uma importante prática social na qual as sociabilidades eram exercidas, bem como os laços eram estreitados. As cartas, mais do que portadoras das intimidades de seu escritor, trazem consigo traços de uma prática social, que no referido período, estava muito próxima ao modelo de sociabilidades dos salões, representando muitas vezes, uma extensão desta sociabilidade, um meio de estender as discussões e fortalecer as amizades¹⁶⁵.

Defendemos que a prática epistolar foi profícua para muitas mulheres que desejavam amadurecer sua escrita. Pois, mesmo que muitas vezes escrevendo diários íntimos, esta prática exigia um refinamento retórico, além de imenso cuidado com o uso das palavras e expressões utilizadas. Cartas não eram somente um meio escrito para a comunicação; eram, sobretudo, a expressão do respeito e da admiração. As palavras eram delicadamente escolhidas para, além de retratar com fidelidade os pensamentos e sentimentos de seu autor, proporcionar uma leitura agradável para o(a) destinatário(a).

Ao citar Anne Vicent-Buffault, Martins afirma que esta era uma prática do “entre-si”, com estilo confessional e íntimo. Enquanto muito se dizia nos salões, foi na escrita epistolar que alguns dos debates ficaram registrados.

Ao longo do século XVIII esta ligação entre amizade, sociabilidades de salão e gênero epistolar se estreita, formando um verdadeiro modelo de existência, mais permeável à igualdade dos sexos, à intimidade, à troca efusiva de afetos.¹⁶⁶

Desaint et Saillant, 1759. Reedição em fac-símile em 1966, Paris, Blanchard. *apud* BADINTER, “Emilie...”, *Op. Cit.*, p. 329

¹⁶⁴ As epístolas por seu caráter extremamente descritivo e cuidadoso ao trazerem questões sobre a sociedade e as intimidades dos indivíduos que as escreviam, são fontes históricas inestimáveis. Fornecem-nos informações preciosas acerca das experiências, sentimentos e práticas sociais de sociedades passadas.

¹⁶⁵ Cf. SCHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von. *Reading, interpreting and historicizing: Letters as historical sources*. Disponível em http://webdoc.sub.gwdg.de/ebook/p/2005/european_univ_inst/HEC04-02.pdf. Acessado em 15 de março de 2013.

¹⁶⁶ MARTINS. *Op. Cit.*, p. 62

Estes laços afetivos serviram de alicerce para muitas mulheres que desejavam se tornar escritoras. Por meio dessas relações muitas delas encontraram o apoio para sua produção literária e parceiros que as ajudavam no refinamento de sua escrita, no seu modo de se expressar, bem como que enriqueceram seu vocabulário.

Seus parceiros intelectuais as ajudaram a construir enredos, corrigir a sintaxe e o estilo,¹⁶⁷ pois na maioria das vezes elas não tinham familiaridade como o modelo formal de escrita com o qual os homens de letras manejavam com mais facilidade, nem com os modelos canônicos e institucionais tão familiares aos seus amigos. Desta forma, tal colaboração foi fundamental para o amadurecimento intelectual das mulheres, para o refinamento de sua escrita.

Apesar do apoio e incentivo não podemos minimizar a importância afetiva destas amizades para as *salonnières*, pois foram seus amigos que lhes ofereceram apoio quando suas capacidades intelectuais, assim como suas obras foram desacreditadas, ou até mesmo ridicularizadas. Muitas vezes, eles ofereceram o ombro amigo em meio a um ambiente que lhes era hostil. Alguns deles lutaram ao lado das *salonnières* contra os preconceitos e injúrias professadas por indivíduos mais conservadores que se colocavam contra a participação feminina nos salões e no mundo literário.

Foi por causa das conquistas afetivas de suas vidas que as mulheres se sentiram impulsionadas a entrar em um terreno tão arenoso para elas quanto era o das letras, se propondo a falar sobre o amor e sobre a própria amizade como elementos fundamentais para uma sociedade que desejasse seguir o rumo da civilidade.¹⁶⁸

De acordo com Beatriz Zechlinski, a afetividade é um dos aspectos a ser considerado ao analisarmos estas relações, pois além da dimensão intelectual e dos propósitos literários havia, sem dúvida, lugar para os afetos, que muitas vezes ganharam tal dimensão, que tornaram os amigos confidentes íntimos e em alguns casos, amantes por longo tempo.

Este foi o caso de Voltaire e Madame du Châtelet, ambos ativos frequentadores de salões com interesses filosóficos comuns.¹⁶⁹ Nenhum dos dois viveu à sombra do outro, cada um trilhou seu caminho, com influências mútuas e trabalhos paralelos. Porém, cada um tomou seu caminho, ela traduzindo a obra de Newton para o francês, e ele se envolvendo com as polêmicas de sua época. Entre as amizades que se desenvolveram nos salões e que foram registradas em cartas, destacamos também a relação de amizade entre Madame de Staël e Lord

¹⁶⁷ DULONG, *Op. Cit.*, p. 481

¹⁶⁸ ZECHLINSKI, *Op. Cit.*, p. 115

¹⁶⁹ BADINTER, “Émilie...” *Op. Cit.*, p. 278.

Byron. Ambos foram expressões da literatura romântica e através das cartas mantiveram, mesmo que à distância, uma relação sincera de amizade.¹⁷⁰

2.3 Mulheres e Literatura: Um encontro possível

Durante muito tempo a escrita produzida por mulheres suscitou intenso debate e dividiu opiniões. Esta discussão esteve presente nos meios cultos europeus desde a *Querelle des femmes* do século XV etomou novo fôlego no século XVII quando as bases sociais e mentais tomaram tal forma para que a literatura nacional se desenvolvesse e devido a isto, segundo a historiadora Beatriz P. Zechlinski, foi e ainda é considerada a época clássica da literatura francesa¹⁷¹. Neste momento, por toda a Europa, os índices de alfabetização atingiram níveis nunca antes vistos e aos poucos a prática da leitura se difundiu e se firmou como um hábito social, proporcionando desta forma, transformações nas práticas culturais.

Mais educadas que suas antepassadas, aos poucos as mulheres, sobretudo as da elite aristocrática que tinham maior acesso às bibliotecas e à educação refinada, se firmaram como leitoras, assim como parte do público leitor francês de camadas sociais mais diferenciadas. Porém, para muitas delas, o desejo de participar do ambiente literário não parou por aí. Muitas ambicionaram ser mais do que leitoras; desejavam escrever suas próprias obras.

No período moderno a atividade de escritora representava uma subversão aos padrões culturais e sociais a respeito do gênero. Desta forma, mesmo que elas não tivessem provocado nenhuma mudança nas convenções literárias e poéticas, apenas com o exercício da escrita, já estavam subvertendo a ordem excludente da sociedade de então, causando um mal estar nos setor mais conservadores da sociedade. Este foi o caso da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, que forçou os limites sociais, tanto em sua vida pessoal, quanto na sua forma de lidar com a escrita, e no conteúdo de suas obras.

Mary Wollstonecraft foi uma escritora inglesa que apesar de ser pouco conhecida fora dos círculos radicais, foi muito reconhecida ainda em vida. Sua produção foi muito abrangente, já que precisando prover economicamente a si e sua família, optou por se manter com o dinheiro ganho com sua produção escrita e se tornou escritora profissional por tempo integral, atitude

¹⁷⁰ SOARES, Fabiana R. da S. *As cartas em língua inglesa de Lord Byron para Madame de Staël: uma tradução comentada*. Disponível em <http://www.scientiainaductionis.ufsc.br/byron.pdf> Acessado em 21 de outubro de 2013.

¹⁷¹ Cf. ZEHLINSKI, *Op. Cit.*

incomum para as mulheres de sua época. Com vasta produção, ela foi colaboradora de jornais, onde publicou por algum tempo periodicamente seus romances.

Desde muito jovem Mary Wollstonecraft mostrou-se interessada pelo mundo das letras. Apesar dos poucos recursos financeiros de sua família e das barreiras impostas às mulheres, ela conseguiu se instruir minimamente. Mas foi apenas quando se aproximou dos círculos radicais ingleses que conseguiu aprimorar sua educação e aperfeiçoar a escrita e a leitura¹⁷². Logo, foi apenas após sua chegada à vida adulta que ela teve a oportunidade de mergulhar com mais profundidade na cultura escrita.

A leitura feminina era valorizada nos círculos radicais ingleses e foi a partir deste incentivo que Mary Wollstonecraft teve a oportunidade de escrever e passar para o papel todos os questionamentos e críticas à sociedade em que vivia. Com senso crítico e sentimento de inadequação muito latentes desde menina, Mary não poupava críticas às situações nas quais as mulheres viviam na Inglaterra. O casamento, por exemplo, foi muito cedo questionado por ela, que o entendia como fonte da infelicidade feminina.

Defensora ferrenha dos ideais democráticos, liberais e iluministas, seus escritos tinham forte cunho emancipatório e contribuíram para o debate acerca da igualdade entre homens e mulheres. Seu posicionamento crítico acerca dos direitos dos indivíduos – sejam eles homens ou mulheres – gerou intenso debate dentro dos círculos iluministas. Mesmo sendo duramente censurada por muitos intelectuais do seu tempo, foi respeitada por seus pares e interlocutores. Seus textos denunciavam os limites do pensamento liberal, apontando as limitações impostas ao feminino, expondo a contradição presente no ideal de *igualdade* erigido em sua época¹⁷³.

Em 1792 publicou *Vindication of the rights of women* [Em defesa dos direitos da mulher] quando apresentou suas ideias sobre a condição feminina. Neste livro a autora estabelece uma interlocução direta com Rousseau. Toca em questões que são apontadas e tidas como verdades irrefutáveis em várias de suas obras, principalmente no livro V de *Emile ou De l'éducation*.

Ao longo desta obra Wollstonecraft questiona a argumentação de Rousseau e procura desconstruir suas ideias acerca da natureza, do direito, da educação e das funções sociais das mulheres. Diferente do filósofo, ela acreditava que a igualdade individual passava necessariamente pela igualdade de direitos. Desta forma, enquanto Rousseau defendia a desigualdade natural entre os sexos, Wollstonecraft foi à direção oposta ao afirmar que as desigualdades entre os indivíduos não são naturais, mas sim fruto da cultura.

¹⁷² Cf. MIRANDA, *Op. Cit.*

¹⁷³ *Ibidem*, p. 09.

Para Wollstonecraft, o discurso dos filósofos iluministas acerca da educação feminina era perpetuador da inferioridade das mulheres. Logo, como concebia que esta era uma construção humana e não determinação natural, para ela a mudança na educação das mulheres era estritamente necessária para que elas se emancipassem e assim não vivessem mais no estado de dependência e inferioridade no qual se encontravam.

Seja defendendo a educação feminina equiparada à masculina, como citado anteriormente, seja pela defesa da inserção das mulheres no mundo do trabalho remunerado, seus posicionamentos eram de enfrentamento à ordem estabelecida. Ela se empenhou em desnaturalizar as então chamadas funções femininas, indo desta forma, na contramão dos pressupostos erigidos por filósofos iluministas, sobretudo por Rousseau.

Enquanto Rousseau teve o trabalho de delimitar o espaço de atuação da mulher, Mary buscou mostrar que estas barreiras podiam ser ultrapassadas; que as fronteiras de atuação feminina não eram naturais e imutáveis. Mary é exemplo de um duplo enfrentamento. Primeiro, da concepção de escritor, já que ela subvertia este ideal; segundo pelo tom de suas obras, que eram extremamente questionadoras dos valores morais da época.

Como já dito, a participação feminina na vida cultural e na literatura causou opiniões divergentes. Isto porque numa mesma sociedade os discursos de gênero eram e são múltiplos. Não devemos tomar a sociedade europeia como uma unidade coerente de ideias e concepções que seguem juntas para um mesmo ponto de encontro. Temos consciência de que múltiplos discursos se constituem e se transformam dentro de um grupo social ou na sociedade mais ampla. Eles se esbarram ou dialogam, formando muitas vozes que podem inclusive, ser contraditórias e que dão forma aos inúmeros comportamentos e mentalidades.

Se nos salões a presença feminina era bem vinda e sua influência nas transformações culturais comemorada, nas academias a pretensão feminina de adentrar no universo literário e erudito foi extremamente criticada. Os indivíduos mais reacionários destas instituições patrocinadas pelo Estado monárquico se colocavam radicalmente contra a entrada feminina nos seus círculos intelectuais, pois acreditavam que as mulheres empobreceriam a literatura francesa. Ademais, mulheres cultas que escreviam e obtinham respeito por sua capacidade intelectual representavam uma ameaça à ordem patriarcal, sendo o saber um privilégio masculino. Fez-se de tudo para que elas não participassem deste domínio exclusivo dos homens eruditos.

A escrita era considerada uma atividade de homens, um produto da racionalidade – e como já dito, a racionalidade era considerada predicado masculino exclusivamente. À mulher cabia a sensibilidade, a piedade e a maternidade. Desta forma, ela deveria ficar restrita à esfera

doméstica. Contudo, apesar das pesadas críticas que as escritoras recebiam, havia quem as defendessem.

Muitos homens, como observado anteriormente, acreditavam na competência feminina em produzir obras literárias ou mesmo de serem capazes de formar um público leitor com suas especificidades, mas com igual capacidade de gerar opiniões racionais e ponderadas acerca das obras lidas e analisadas. Desta forma, defendiam a presença das mulheres nos círculos letrados, bem como sua participação ativa no mundo literário não como seres passivos, mas, sobretudo como agentes de mudança.

Com sua paixão intelectual e perseverança para ultrapassar os obstáculos sociais e culturais, aos poucos as mulheres adentraram neste ambiente tradicionalmente frequentado e dominado por homens e com isto transformaram sensivelmente não apenas o mundo das letras, mas também a cultura francesa e a história da literatura. Devemos considerar que apesar de excluídas pela cultura dominante, muitas mulheres não ficaram resignadas a esta imposição. Elas buscavam se inserir na cena intelectual, mesmo estando conscientes de que mulheres que ambicionavam o acesso à cultura e ao saber eram muito censuradas e podiam ficar mal afamadas.

Desde o momento em que as mulheres adentraram no mundo literário elas foram marginalizadas pelo cânone¹⁷⁴. Por terem se instruído fora das instituições formais, como academias ou universidades, a escrita produzida por mulheres estava alheia aos padrões das exigências formais às quais estavam submetidos os escritores notáveis e famosos. Assim, por sua escrita não ser marcadamente acadêmica e canônica, era considerada pobre, de menor qualidade, uma literatura diferente, feminina.

O mesmo acontecia com os temas de suas obras, que traziam fortes marcas de sua experiência e da percepção que tinham da sociedade e da cultura. Seus enredos tratavam do cotidiano e dos sentimentos relativos ao universo feminino, por isto eram considerados menores. As escritoras abordavam temas que conheciam muito bem, que partiam de sua realidade mais próxima. Escreviam sobre assuntos relacionados ao cotidiano de pessoas da corte ou de pessoas comuns. Tratavam de temas como amor e casamento, das angústias e dos desejos femininos, ou mesmo produziam tratados sobre os assuntos que lhes eram caros, como por exemplo, a política, a educação ou mesmo sobre a própria prática da escrita¹⁷⁵.

Não estamos corroborando aqui para uma explicação de ordem determinista para a marca de gênero na produção cultural de homens e mulheres, muito pelo contrário. Partindo da

¹⁷⁴ Cf. ZECHLINSKI, *Op. Cit.*

¹⁷⁵ Cf. ZECHLINSKI, *Op. Cit.*

concepção do método analítico de gênero, compreendemos que os padrões comportamentais que homens e mulheres são levados a seguir durante a vida são construídos social e culturalmente. Ao adotarem os padrões direcionados a eles, os indivíduos constroem perspectivas muito diferentes para compreender o mundo à sua volta. Desta forma, sua construção, seja artística ou literária, também é muito distinta, já que o indivíduo parte de suas percepções para criar.

A partir disto, observamos que as configurações subjetivas de cada indivíduo sofrem influência de sua situação corpórea, pois tudo que lhe é pertinente, familiar ou mesmo considerado adequado, é extremamente circunscrito ao corpo e à sua natureza. Desta forma, a normatização produz diferentes experiências para homens e mulheres. Porém, não podemos deixar de citar que além das identidades de gênero, outras clivagens sociais – tais como a raça e a classe – estão presentes e corroboram para a construção das identidades subjetivas.

A escrita feminina esteve muito ligada à experiência identitária e social das escritoras. Segundo Gilbert e Gubar “a condição da mulher na sociedade teria moldado a expressão criativa feminina”¹⁷⁶. Logo, a prática da escrita significava a exteriorização de seus pensamentos, registro de suas percepções sobre uma sociedade da qual estavam quase excluídas. Por estes meandros, muitas vezes elas foram além. Ousaram passar para o papel seus sonhos e ambições. Realizaram na literatura o que havia lhes sido negado na vida.

Não podemos deixar de ter em mente que como num campo de batalha, o discurso, neste caso o literário, é atravessado por inúmeras vozes, às vezes dissonantes. E mesmo que a literatura tenha sido forma de expressão de muitos ideais inovadores que propunham formas de viver e pensar extremamente transgressoras, ela foi um instrumento extremamente conservador da manutenção da ordem.

A literatura pode ser utilizada para reafirmar valores estabelecidos, servir como instrumento discursivo forjador de verdades, mas pode também ser um espaço de criação/invenção, onde o escritor ou escritora tem a chance de ir além dos limites culturais e colocar no papel seus questionamentos mais íntimos. Devido a isto, ela se constituiu como terreno propício para a crítica social. Desta forma, a literatura pode ser entendida como um “campo de batalha”, onde os mais variados discursos culturais são produzidos com o intuito de divulgar ideias que disputam espaço e a aceitação do público leitor.

¹⁷⁶GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic*. New Haven: Yale University Press, 1979 apud BELLIN, Greivy Pinto. *A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem*. Revista Fronteiras. São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

Acreditamos que este foi o caso de Madame de Staël e Madame d'Épinay ao escreverem *Corinne ou l'Italie* e *Les conversations d'Emilie*. Como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, em ambas as obras as personagens principais são mulheres que estão muito próximas do ideal feminino compartilhado por suas autoras. *Emilie* é uma menina educada para ser livre. Sua educação é emancipadora, o conhecimento não é para que ela possa se tornar boa mãe e esposa somente, mas para que se torne uma mulher feliz. *Corinne* é uma mulher muito culta e refinada. Logo, a partir da compreensão da biografia das autoras, observamos que a experiência e suas concepções sobre a sociedade serviram de base para compor suas personagens. Elas transferiram para a escrita suas opiniões sobre a condição feminina, criando, desta forma, personagens que são a combinação de todos os atributos que elas acreditavam que as mulheres deveriam ter.

Luiz Costa Lima afirma que o conceito de *mimesis* deve ser pensado a partir da relação entre autor e leitor, pois para ambos a representação literária está além da própria produção textual. Segundo Lima, tanto o autor quanto o leitor partem de suas representações sociais, ou seja, das formulações que fazem a partir de seus valores e sentimentos do mundo ao seu redor, de si e do outro, para dar sentido ao texto literário¹⁷⁷. No caso do escritor esta representação está relacionada à sua criação literária e no caso do leitor à significação da obra, ao efeito que ela tem sobre suas representações sociais e imaginação.

A partir deste conceito podemos compreender porque os romances marcadamente femininos fizeram muito mais sucesso entre as mulheres. Temas femininos representando sua realidade, anseios e ambições, têm significação diferente para as mulheres, pois há correspondência entre os romances e as referências das leitoras – o que não acontece com os homens, já que a formação de suas identidades subjetivas ocorria a partir de outras significações socioculturais e de gênero.

As transformações nos temas e nas sensibilidades literárias proporcionaram também modificações semânticas na língua. Segundo Zechlinski, as mudanças na linguagem ocorreram devido à adaptação da língua para o mundo feminino¹⁷⁸. Novas construções textuais que foram moldadas a partir de novas sensibilidades e perspectivas, geraram novas necessidades semânticas.

Ao adentrar num campo masculino estruturado por uma linguagem marcada pelas posições subjetivas da masculinidade, as mulheres tiveram que inovar e encontrar suas próprias

¹⁷⁷ LIMA, Luiz Costa. "Introdução. In: LIMA, Luiz Costa. *Mimeses e a reflexão contemporânea* (org). EdUERJ: Rio de Janeiro, 2010.

¹⁷⁸ Cf. ZECHLINSKI, *Op. Cit.*

posições de enunciação. Buscaram aporte para uma produção marcadamente feminina, que trazia novas interpretações do mundo. Assim, a linguagem teve que ser adaptada aos temas femininos, às suas necessidades.

Não podemos esquecer, dessa forma, que a transformação da linguagem pelas mulheres significava uma adaptação às palavras e aos temas que elas conheciam melhor, que o tipo de educação e as leituras que elas faziam lhes permitiam conhecer. Inserir-se ao mundo das letras significava para as mulheres assimilar uma série de informações que eram próprias da educação dada aos homens e não a elas. Assim, parece bastante compreensível que elas tenham transformado a língua a seu favor, inventando uma linguagem pela qual pudessem ser reconhecidas.¹⁷⁹

Neste período de transformações da literatura as discussões acerca dos gêneros literários também foram intensas. Isto porque no século XVII o romance se destaca enquanto gênero, forma literária que trazia consigo não apenas uma nova estética ou construção linguística, mas também discussões acerca do status literário.

O romance, diferentemente da poesia, tinha um forte apelo popular. Com a crescente alfabetização e acesso das pessoas à literatura, este gênero literário se difundiu rapidamente pela sociedade francesa nos séculos XVII e XVIII.

Tratando de temas cotidianos, como a infidelidade, o casamento por interesse e a conquista do amor, as mulheres foram as principais leitoras destas obras, o que gerou descontentamento por parte dos indivíduos que compunham o cânone. Eles afirmavam que esta não era uma prática literária legítima, mas um meio encontrado para a fuga da realidade, onde as leitoras buscavam se isolar do mundo exterior para adentrar nos enredos tipicamente femininos. Desta forma, a leitura feminina, bem como os romances direcionados às mulheres, durante muito tempo não foram entendidos como obras com valor literário ou estético, foram marginalizados pela tradição literária de autoria masculina e colocados sob a rubrica negativa de “literatura feminina”.

Segundo Joan Dejean a intensa publicação de romances desencadeou uma guerra nos ambientes culturais franceses no final do século XVII e início do XVIII.¹⁸⁰ Este era um conflito sobre literatura, mas em suas entrelinhas estava declarada uma guerra ideológica, onde a manutenção do poder intelectual, ou a disseminação dele, era o cerne da questão. Rompendo os ambientes das academias, dos salões ou mesmo dos cafés, esta querela foi aos poucos se

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 64.

¹⁸⁰ Cf. DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um *fin de siècle**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

tornando pública.¹⁸¹ Antigos e Modernos buscavam divulgar seus pontos de vista e promover ataques públicos aos seus adversários. Muitos jornais e panfletos foram usados como forma de proferir estes discursos. O jornal *Mercure galant* trazia muitas destas discussões literárias.

Esta querela era composta por dois grupos antagônicos, os Antigos e os Modernos. Os primeiros defendiam o valor literário da poesia e das obras dos grandes homens da literatura antiga. Afirmavam que o romance e a entrada da mulher nesse domínio da escrita não apenas causavam a desvalorização da literatura nacional, mas representavam, sobretudo, o declínio da civilização francesa. Para eles era inquestionável o valor dos gêneros tradicionais, já que segundo eles o “bom gosto e valores literários corretos nunca variam: são eternos porque são compartilhados dentro dos limites de uma tradição secular da elite cultural”¹⁸².

Já os Modernos, eram a favor das transformações que ocorriam na literatura. Apoiavam a prosa e o romance. Para eles, estas novas formas literárias, bem como a inovação gerada com a entrada das mulheres, só enriqueceriam a cultura e a literatura. Os Modernos propunham repensar o cânone literário e colocavam sob suspeita a predominância do restrito círculo dos letrados e da academia de letras no julgamento de obras. Para eles o público leitor era capaz de julgar a qualidade literária de uma obra. Desta forma eles questionavam o cânone existente e eram simpáticos à aproximação entre a literatura e o povo¹⁸³. Sobre estas guerras culturais, Dejean coloca:

Durante o período no qual a França foi dividida pelas Guerras Culturais, o centro de energia literária nitidamente começou a mudar – da poesia para a prosa, dos gêneros tradicionalmente considerados os mais nobres (tragédia e épica) aos mais humildes (várias manifestações do que pensaríamos ser o romance, mas que com frequência eram conhecidos por nomes diversos ao tempo de seus desenvolvimentos). Esta evolução é vista em geral como um resultado das Guerras Culturais: a prosa, e o romance em particular, dominaram a literatura francesa do século XVIII (na realidade, também a dos séculos subsequentes) porque os Modernos venceram a disputa.¹⁸⁴

O romance era acessível a um público não especializado e garantia a possibilidade a qualquer pessoa que desejasse escrever de se tornar escritor. Logo, este debate estava muito ligado à questão da popularização da literatura, tanto em relação aos setores menos elitizados, quanto às mulheres, já que elas não eram apenas o público leitor deste gênero literário, mas

¹⁸¹Segundo Dejean, foi neste período que a opinião pública ganhou forma. Diferentemente do que coloca Habermas, para quem este desenvolvimento se deu quando “os indivíduos privados passaram a fazer uso público de suas faculdades de raciocínio no terreno literário”, para Dejean o nascimento do público ocorreu juntamente com o desenvolvimento da imprensa e mercado editorial. Logo, para Dejean, o “desenvolvimento de uma cultura pública crítica já tivera lugar antes do lançamento do Iluminismo. E ainda, que a esfera pública literária foi, tanto quanto a esfera pública política, em sua origem, um fenômeno francês”. *Ibidem*, pp. 69 – 70.

¹⁸² *Ibidem*, p. 84.

¹⁸³ ZECHLINSKI, *Op. Cit.*, pp. 62 – 66.

¹⁸⁴ DEJEAN, *Op. Cit.*, pp. 75 – 76.

também eram escritoras.

Apesar de esta participação ter sido celebrada pelos que eram a favor de uma maior participação feminina da vida cultural, houve muitas outras pessoas que se posicionaram absolutamente contra esta entrada das mulheres no campo literário. Para estas pessoas as mulheres enfraqueciam a literatura; sua escrita e seus romances não eram dignos de entrar nas instituições formais de produção literária. Nos séculos XVII e XVIII observamos esta dicotomia entre escrita de homens e de mulheres, porém foi somente mais tarde, no século XIX, que vimos esta diferenciação se acentuar.

Não podemos deixar de lembrar que este foi o período de apogeu da ciência, das verdades universais e da profissionalização técnico-científica. As mulheres, por serem consideradas inaptas para participarem deste processo, mais uma vez foram mantidas à margem. Foram impedidas de entrar e de participar de instituições profissionais ou intelectuais¹⁸⁵. Desta forma, em oposição ao cânone e à profissionalização, a escrita feminina foi considerada amadora e secundária.

Desta forma, afastadas das instituições formais de produção literária, as mulheres não faziam parte do mundo elitário e masculino das profissões intelectuais, mas sim do amadorismo, por suas obras serem consideradas de menor valor estético e literário. Logo, enquanto as escritoras se dedicavam a suprir o mercado literário feminino, afastadas das instituições acadêmicas e literárias, os homens se dedicavam à literatura considerada elevada e digna das academias e das universidades. Desta forma, ao tratarem da história da literatura, estas instituições relegaram ao segundo plano a escrita feminina. Nunca deram atenção para os estudos acerca da emergência das mulheres no campo literário, ou mesmo se preocuparam em analisar o valor estético e literário de suas obras, colocando-as assim, em um vazio literário.

Foi apenas na década de 1970 que surgiu uma crítica literária especializada no estudo de obras produzidas por mulheres, buscando segundo Margareth Hall, expor as práticas excludentes e sexistas presentes no campo literário. A crítica feminista pode ser interpretada como um produto de uma luta orientada para trocas entre o político e o social. Sua tarefa específica se converte na intenção de ampliar a ação política para o domínio da cultura.¹⁸⁶ O surgimento da teoria crítica feminista¹⁸⁷ esteve estritamente ligado ao feminismo e aos estudos

¹⁸⁵ SMITH, *Op. Cit.*, p.24.

¹⁸⁶ MOI, *Op. Cit.*, p. 36.

¹⁸⁷ Acreditamos ser fundamental atentarmos para o fato que este não era um movimento unitário. Ele foi extremamente plural. Nos anos setenta havia muitas lutas distintas dentro do movimento feminista. Propostas diversas apareceram e originaram correntes diversificadas.

de gênero, porque o feminismo dos anos setenta foi o primeiro movimento social e político a procurar fortalecer o campo da crítica literária acadêmica através do estudo de mulheres.¹⁸⁸

¹⁸⁸ GUERELLUS, *Op. Cit.*

CAPÍTULO III: ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: MADAME DE STAËL, MADAME D'ÉPINAY E A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE EMILIE E CORINNE

As mulheres no Ocidente têm demonstrado um vivo, produtivo e crescente interesse na questão do gênero, pelo menos desde o final do século XVIII.

Bonnie Smith

Que os Emiles futuros não tenham muitas ilusões.
As Sophies que se sonham ter como esposas correm o risco de ser, na realidade, Émilies.

Elisabeth Badinter

No século XVIII médicos, filósofos e educadores se empenharam em elaborar teorias fundacionais sobre o feminino. Dizendo-se observadores imparciais das leis naturais seus discursos delimitaram a natureza feminina, circunscreveram suas subjetividades, delimitando os comportamentos e espaços adequados às mulheres. Conforme apontamos nos capítulos anteriores, muitas mulheres não aceitaram, nem se adequaram a tais pressupostos deterministas e começam elaborar a crítica àqueles discursos.

Mesmo que a maioria delas não tenha elaborado uma crítica formal, nem organizado um movimento social, ao observarmos de perto sua produção escrita notamos o quão transgressoras foram suas ideias.

Madame d'Épinay e Madame de Staël foram duas daquelas mulheres que com suas personalidades fortes lutaram para expressar e defender seus ideais. Elas fizeram de sua capacidade reflexiva uma arma cultural contra o pensamento misógino ou mesmo condescendente. Desta forma, suas produções escritas são de caráter crítico, revelando a nós, leitores do século XXI, que apesar da pretensa universalidade de valores, a modernidade é bastante plural.

Neste terceiro e último capítulo, abordarmos os livros *Les Conversations de Emilie*, escrito por Madame d'Épinay, e *Corinne*, de Madame de Staël. Apesar de serem construções literárias muito diferentes, ambas são obras pertinentes para compreendemos o pensamento crítico das mulheres no contexto da Luzes. Embora não façam um enfrentamento direto à ordem de gênero, tal como Mary Woolstonecraft fez em *Vindication*, percebemos que nos dois livros suas autoras estão preocupadas em demonstrar que o modelo tradicional de gênero extremamente restritivo para as mulheres não era o único; havia outras possibilidades de subjetivação e vida para as mulheres, é o que aprendemos lendo essas escritoras.

Após termos realizado uma reflexão sobre a sociedade e cultura francesas, analisamos os modelos de feminilidade que tanto Madame d'Épinay, como Madame de Staël construíram em livros que são marco de suas produções, bem como da literatura moderna francesa.

Para tal análise daremos atenção especial para a trajetória individual das referidas autoras porque defendemos que suas obras e, sobretudo, as personagens principais, são construídas a partir de suas próprias experiências e dos atributos e qualidades que as autoras acreditavam ser essenciais às mulheres emancipadas, cultas, virtuosas e felizes.

3.1 Criada para ser feliz: Emilie e a formação da nova mulher

O século XVIII foi um período muito peculiar no que diz respeito à experiência da maternidade, sobretudo nas classes privilegiadas. Não são raras as fontes que nos permitem observar esta questão. Muitas mulheres deixaram registradas suas considerações, experiências e anseios em cartas e diários. Algumas chegaram, inclusive, a escrever obras literárias e publicar sobre o assunto. Porém, ousamos afirmar que nenhuma delas tenha vivenciado e refletido sobre a maternidade de forma tão intensa quanto Madame d'Épinay.

Como observamos nos capítulos anteriores, desde muito jovem sua vida foi conturbada. Na infância o laço afetivo mais intenso foi com o pai. Ele era muito terno e lhe inspirava confiança, dispensando os maiores cuidados e mimos. Desta forma, após sua morte, a pequena Louise perdeu sua principal fonte de afeto e zelo. Sua mãe possuía um caráter moldado no cristianismo austero; era rígida e emocionalmente distante. Acreditando zelar pelo bem da filha a privou de estudar em casa com a prima e a enviou para um convento, de onde Louise saiu apenas quando estava em idade de se casar¹⁸⁹.

Extremamente conformada ao seu destino, acreditando nos ideais cristãos de família e casamento, Louise casou-se com seu primo, Denis de La Vive d'Épinay em 1745, provavelmente por amor. Mas, ao contrário do que podiam supor seus sonhos juvenis, como aponta Mary Trouille, seu casamento foi fonte de amarguras e decepção:

Louise acreditava fervorosamente no ideal cristão de fidelidade conjugal e no novo ideal burguês de domesticidade (...) Seu marido, por outro lado, pertencia à geração de financistas da alta burguesia que tentava rivalizar com o estilo de vida da corte francesa através das despesas ostensivas e da demonstração pública de suas relações com cortesãs ricamente mantidas. Junto com outros valores aristocráticos, ele adotou a concepção de casamento que prevalecia entre a nobreza da corte, que aceitava e até esperava infidelidade por parte de ambos os cônjuges. A incompatibilidade dos pontos de vista do jovem casal sobre o casamento e a vida familiar logo se tornou evidente através de flagrantes casos de amor de seu marido, seu virtual abandono da família, sua irresponsabilidade financeira e a frustração do desejo de Louise de amamentar seus filhos e educá-los em casa.

[Louise fervently believed in the Christian ideal of conjugal fidelity and the newly evolving bourgeois ideal of domesticity (...). Her husband, on the other hand, belonged to the generation of financiers of the haute bourgeoisie who attempted to rival the lifestyle of the French Court through ostentatious spending and by publicly flaunting their relations with richly kept courtesans. Along with other aristocratic values, he had adopted the conception of marriage prevailing among the court nobility, who accepted and even expected infidelity on the part of both spouses. The incompatibility of the young couple's views on marriage and family life soon became

¹⁸⁹ Cf. BADINTER, "Emilie..." *Op. Cit.*

evident through her husband's flagrant love affairs, his virtual abandonment of his family, his financial irresponsibility, and his thwarting of Louise's desire to breastfeed their children and to educate them at home.]¹⁹⁰

Logo, o curto período em que esteve casada – por volta de quatro anos – foi muito penoso para Louise. Vivendo inúmeras humilhações, seu casamento foi fonte de amargura e decepção. Da mesma forma foi a sua experiência com a maternidade, pois devido às convenções sociais imperantes em sua classe social foi impedida de amamentar e de cuidar pessoalmente de seu filho Louis¹⁹¹.

Estes golpes que Louise sofreu no começo da vida de mulher casada e de mãe contribuíram para que a saúde fosse paulatinamente se fragilizando. Porém, foram estes reveses que aos poucos foram transformando seu espírito.

Mesmo com a separação e afastada de seus filhos ainda pequenos,¹⁹² Louise não desistiu dos cuidados maternos. Por meio das cartas ela buscava exercer a maternidade, encurtar as distâncias, bem como expressar seu cuidado e os sentimentos maternos. Entre 1756 e 1758 escreveu diversas de cartas – destinadas à governanta de sua filha Angelique e ao seu filho Louis – que depois foram reunidas e publicadas com o título de *Lettres à mon fils* [Cartas à meu filho] e que serviram de base para a composição do *Les conversations d'Emilie*.¹⁹³

Podemos afirmar sem receio de nos equivocarmos, que Madame d'Épinay foi uma mulher que se reinventou ao longo de sua trajetória de vida. Para tanto, ela teve que primeiramente romper com seus paradigmas interiores, repensar os valores que desde criança

¹⁹⁰TROUILLE, Mary “La Femme Mal Mariée: Mme d'Épinay's Challenge to Julie and Emilie”. Disponível em http://muse.jhu.edu/journals/eighteenth-century_life/summary/v020/20.1trouille.html. Acessado em 12 de setembro de 2012.

¹⁹¹ A respeito da maternidade no século XVIII não podemos deixar de lembrar que esta era uma atividade que não estava no horizonte cotidiano e afetivo da maioria das mulheres das elites; que principalmente entre as mulheres da nobreza e da alta burguesia, cuidar dos filhos, assim como realizar atividades domésticas, não era considerado uma atividade respeitável. Desta forma, desde os primeiros dias de vida, as crianças eram cuidadas por amas de leite, que muitas vezes, as levavam para suas residências e as devolviam para a família quando já estavam completamente desmamadas – cerca de três ou quatro anos depois. Desta forma, a criança tinha pouco, ou nenhum contato com a família nos primeiros anos de vida. Após este período, era comum que as crianças não permanecessem em casa. Cf. BADINTER, “O mito...” *Op. Cit.*

¹⁹² Com seu marido Denis de La Vive D'Épinay, Louise teve dois filhos Louis-Joseph (1746) e Suzanne-Thérèse (1747), porém a menina veio a falecer com cerca de dois anos de idade. Com Francueil ela teve mais dois filhos: Angelique (nascida em 1749 e mãe de Emilie) e um outro menino de quem se tem pouquíssimas informações (nascido em 1753). O que se sabe é que ainda muito pequeno foi entregue a uma instituição religiosa e quando adulto tornou-se bispo. Como coloca Elisabeth Badinter, Madame d'Épinay foi muito seletiva no que diz respeito à maternidade. Ela apresentou um amor seletivo por seus filhos. Apesar de ser mãe de quatro crianças, era apenas sobre dois deles que ela se referia constantemente e que registrou em sua biografia – Louis e Angelique. Os outros dois quase não são mencionados, “Fica para a posteridade que ela teve dois filhos que foram a única satisfação de sua ociosa juventude”. BADINTER, “Émilie...” *Op. Cit.*, p. 117.

¹⁹³ Cf. DAVISON, *Op. Cit.*

tinha sido levada a aceitar como únicos e certos. Assim, aos poucos ela foi descobrindo a si mesma, bem como reconhecendo seus desejos e suas ambições.

O conformismo no qual tinha sido educada na juventude, aos poucos foi se esvaindo e a coragem para ousar, para viver de acordo com suas convicções, ganhando força. Desta forma, o período de crise após seu divórcio em 1749, contribuiu para seu amadurecimento e fortalecimento, para que ela se tornasse um indivíduo autônomo. Enfim, neste período Louise reuniu forças para tomar as rédeas de sua vida.

Contudo este não foi um caminho fácil. Como suas biógrafas costumam afirmar, Madame d'Épinay sofreu muito com todos os reveses de sua vida. A começar por sua saúde que ficou bastante prejudicada – ela sofria muito com dores de estômago causadas por um câncer. Porém, embora a doença debilitasse sua saúde e seus problemas a tivessem devastado, aos poucos ela encontrou forças para se reerguer e traçar seu próprio caminho.

Acreditamos que o desejo de “fazer-se” seguindo seus sentimentos foi o motor da guinada na vida de Madame d'Épinay. Após sua separação ela começou a se libertar das amarras sociais. Iniciou um romance com Francueil¹⁹⁴, e pouco tempo depois com Grimm¹⁹⁵, e começou a se dedicar às atividades que lhe causavam prazer, como a escrita e a pedagogia. Foi neste período, segundo Elisabeth Badinter, que sua ambição intelectual começou a aflorar, bem como suas críticas sociais tomaram forma.

Em sua maturidade Madame d'Épinay já não era mais aquela mulher amedrontada e insegura. Ela havia se permitido mudar. Acreditava em si, no seu potencial como ser humano. Convivia com diversos homens proeminentes do Iluminismo francês, como Diderot, d'Alembert, Voltaire, Galliani e Rousseau. Porém, não se sentia inferior, não se intimidava frente a eles, chegando a estabelecer um debate intelectual com Rousseau relativamente à sua obra *Julie ou La Nouvelle Heloise* [Julia ou a Nova Heloisa].¹⁹⁶

Eles se conheceram em 1748, através de Francueil. O filósofo foi convidado a participar de seu salão *La Chevrette*, quando uma de suas comédias – *L'engagement téméraire* [O engajamento temerário] – era preparada para ser encenada no local. Rousseau se instalou por algum tempo em uma das dependências de sua residência. Madame d'Épinay, por sua vez, não cansava de ouvir seus conselhos sobre a arte pedagógica. Aos poucos eles foram se aproximando e suas conversas se tornando mais íntimas, os assuntos teóricos dando lugar às

¹⁹⁴ Para mais informação ver nota n. 155.

¹⁹⁵ Para mais informações ver nota n. 156.

¹⁹⁶ Cf. TROUILLE, *Op. Cit.*

confidências. Rousseau também se interessava por ela. O instigava o carinho e o desejo que ela tinha de participar mais ativamente da educação de seus filhos.

Para Madame d'Épinay a arte de educar, assim como para muitos de seus contemporâneos, não era um saber inato ou instintivo. Era um conhecimento que devia ser aprendido e aperfeiçoado; são necessárias *luzes* – para utilizarmos um termo muito caro os setecentistas – para educar uma criança, saber lidar com todas as demandas e circunstâncias que a cercavam.

Suas conversas com Rousseau foram decisivas para sua concepção pedagógica¹⁹⁷. Embora muitas de suas ideias não sejam compartilhadas pelo filósofo, não podemos minimizar a influência que Rousseau teve na formulação de sua teoria pedagógica, bem como para a produção de sua célebre obra, *Les conversations d'Emilie*. Segundo Badinter

Graças a ele, ela esteve particularmente atenta ao desenvolvimento e à higiene do corpo de suas jovens crianças. Observou seus respectivos caracteres para lhes dar uma educação personalizada e se dedicou a despertar seu interesses e sua curiosidade pelo jogo, muito mais do que impor-lhes, como fazia outrora, verdades já prontas. Rousseau não devia tampouco ser estranho à importância que ela atribuía à observação da natureza.¹⁹⁸

Contudo, apesar da extrema relevância de Rousseau em sua escrita (ele inclusive teve a oportunidade de fazer apontamentos preliminares sobre *Lettres à mon fils*, já que em confiança, d'Épinay permitiu que ele fosse o primeiro a ler e ponderar sobre tal empreendimento), ele não foi o único interlocutor de Madame d'Épinay. Duclos¹⁹⁹ também exerceu influência em seu pensamento.²⁰⁰ Ele também era um amigo muito estimado da autora, que soube auxiliá-la, contribuindo muito para a formação intelectual de Madame d'Épinay.

¹⁹⁷ Apesar de ser mais comum os historiadores abordarem a influência de Rousseau para a formação do pensamento pedagógico de Madame d'Épinay, Mary Trouille destaca que a convivência com d'Épinay foi muito importante para algumas questões do pensamento rousseauísta. Ela destaca principalmente que os anos de convivência contribuíram para que a concepção acerca da mulher e de suas capacidades ganhassem novos contornos. TROUILLE, *Op. Cit.*

¹⁹⁸ Cf. BADINTER, “Émilie, Émilie...” *Op, Cit.*,

¹⁹⁹ Charles Pinot Duclos (1704 – 1772) fazia parte do grupo de filósofos e eruditos de sua época. Foi um importante membro da Academia Francesa de Letras, como também contribuidor da Enciclopédia. Por ser um protegido de Madame de Pompadour, uma dama influente da sociedade parisiense, em 1750 tornou-se historiógrafo do rei, substituindo Voltaire. Sua obra *Confessions du compte de **** [Confissões do conde de ***], de 1740, foi um best-seller do século XVIII, que contribui para a sua imagem de libertino, que só foi amenizada com a publicação em 1751 da obra *Considérations sur les mœurs* [Considerações sobre os costumes].

²⁰⁰ Destacamos que apesar de ir na contramão de muitos dos pressupostos rousseauístas, Madame d'Épinay não rompeu totalmente com tais pressupostos. Acreditamos que esta é uma questão muito interessante de ser abordada, contudo, por não ser o objetivo principal desta pesquisa, não a abordaremos mais cuidadosamente. Contudo, apesar de discordarmos de alguns levantamentos feitos pela autora, este tema foi abordado por PINHEIRO, Juliana L. *Madame d'Épinay e Rousseau: um debate filosófico sobre a educação feminina*. Monografia entregue ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná como trabalho de final de curso para obtenção do título de bacharel em História. Curitiba, 2009. Disponível em

Porém, apesar da aparente solidez da afeição entre Madame d'Épinay e Rousseau, o laço entre eles não conseguiu sobreviver à rivalidade intelectual. A amizade e a cordialidade foram interrompidas no momento em que d'Épinay colocou-se como adversária do filósofo no terreno pedagógico; quando decidiu que seus princípios pedagógicos tinham que ser publicados para que servissem como modelo educacional e assim pudesse ajudar outras mães.

Os laços afetivos que proporcionaram um debate filosófico muito rico, aos poucos foram dando lugar à hostilidade. A admiração que Madame d'Épinay sentia pelo filósofo cedeu frente ao olhar crítico em relação às teorias rousseauístas sobre a educação. Ela começou a perceber que as ponderações do filósofo em relação à mulher eram muito limitadas e ambivalentes. Já Rousseau, que inicialmente apoiava sua amiga para que ela escrevesse e desenvolvesse suas habilidades pedagógicas, passou a acusá-la e desmoralizá-la. Segundo Trouille, em *Confessions* [Confissões] ele a descreveu como preguiçosa e vaidosa, banalizou seu trabalho e seus leitores, utilizando vários termos pejorativos para falar da autora e de sua obra²⁰¹.

Notamos como esta rivalidade entre Rousseau e Madame d'Épinay desvela o preconceito masculino no que diz respeito à participação feminina no universo intelectual e literário. Que Rousseau se sentisse ameaçado com o sucesso de d'Épinay é absolutamente compreensível no meio literário. Porém, devemos refletir acerca da forma como ele constrói suas críticas. Destacamos que não estamos defendendo que Rousseau deveria se resignar aos pressupostos de d'Épinay, mas sim atentando para o modo que ele fez a crítica à escritora.

O ponto de partida de suas críticas é o fato de Madame d'Épinay ser mulher. Ao se referir à sua rival, Rousseau o faz de cima para baixo. Busca evidenciar que apesar dela almejar publicar uma obra de qualidade e se igualar aos homens de letras, ela não era uma mulher de letras, não fazia parte daquele grupo.

Por ela ser mulher ele se sentia a vontade para ridicularizá-la, chamando-a de “vaidosa” e “preguiçosa”. Seus leitores eram denominados de “ouvintes indulgentes”. Desta forma, entendemos que este posicionamento sintetiza o preconceito contra as escritoras, principalmente contra as mulheres que ousaram desafiar a ordem masculina. Em contrapartida revela também que muitas escritoras se mostraram obstinadas em escrever e publicar suas obras, já que mesmo recebendo muitas críticas não deixaram de buscar as realizações no campo literário.

<http://www.generos.ufpr.br/files/eb0e-monografia-juliana-locatelli-com-capa.pdf> Acessado em 01 de agosto de 2011. Cf. também BADINTER, *Op. Cit.*

²⁰¹ Cf. TROUILLE, *Op. Cit.*

Em 1771, com pouco mais de quarenta anos, Madame d'Épinay passou a se dedicar aos cuidados e à educação de sua neta, a pequena Marie Renée Thérèse Emilie de Belzunce, a pequena Emilie²⁰². Nesta época a menina estava com quatro anos e mesmo com todas as dificuldades geradas pela doença que a maltratava, Madame d'Épinay tomou para si a responsabilidade de educar a neta de maneira diferente de como eram educadas as meninas de sua classe social no século XVIII.

A educação da pequena Emilie passou a ser naquele momento o principal objeto de sua atenção. Educar a neta segundo suas convicções e escrever sobre este processo foi, ao nosso ver, uma forma de realização pessoal para Madame d'Épinay. Ela estava tendo a chance de se dedicar à pedagogia, conhecimento que tanto admirava; e de educar sua estimada neta – já que não teve a chance de cuidar da educação de seus filhos; planejar uma educação aos moldes da que sonhara receber quando era menina, mas que lhe fora negado; e ainda estava elaborando uma resposta aos pressupostos rousseauístas publicados nas já citadas obras *Julia ou a Nova Heloísa* e *Emilio*.

Desta forma, publicado em 1776, *Les conversations d'Emilie* foi fruto deste período que Madame d'Épinay ficou responsável pela educação da neta. Suas ponderações pedagógicas são evidentemente resultado de uma formação cultural e, sobretudo, de suas reflexões cotidianas produzidas pelo convívio e nas lições ministradas à Emilie,

(...) d'Épinay ressalta o fato de que sua abordagem da educação foi retirada de sua experiência como mãe e educadora de crianças reais, o que a habilitou a unir teoria e prática e trazer seus métodos e objetivos para o mundo real. A própria experiência de d'Épinay como mãe e avó fez com que ela fosse cautelosa com os tratados pedagógicos escritos por homens como Rousseau, que nunca criaram filhos.

²⁰²Em 1762 Denis de La Vive d'Épinay foi destituído do seu cargo de coletor geral. Endividado, ele teve que entregar muitos de seus bens. Neste interim, Madame d'Épinay, mesmo já estando separada, teve que colocar o suntuoso prédio em que vivia para alugar e ir morar em uma modesta residência em Monceau, nos arredores de Paris. Sua renda ficou muito abalada. Ela e sua família passaram a viver como uma família burguesa modesta, tendo inclusive que dispensar empregados para que pudesse manter a residência na qual vivia com sua filha, a mãe e Grimm. Contudo, apesar de se declarar satisfeita com tais mudanças, o destino e seus filhos eram fonte de enorme preocupação para d'Épinay. A única saída encontrada por ela foi casar rapidamente sua filha com um homem que pudesse provê-la e que não fosse muito exigente em relação ao dote. Então, em 1764, com pouco menos de quinze anos, Angélique se casou com um homem vinte e três anos mais velho, o visconde Dominique de Belzunce, senhor de Méhain em Navarra. Com o casamento eles foram morar em Méhain, em um velho castelo feudal, cheio de poços e rodeado por uma natureza selvagem. Conforme aponta Badinter, ela vivia isolada do mundo, com isto suas chances de se educar foram esvaídas. Seu destino foi medíocre e sua vida infeliz. Tornou-se uma mulher limitada com devoção religiosa latente. Logo, atentamos para o paradoxo de sua vida. Enquanto ela pregava que as mães deveriam zelar pela formação de seus filhos, ser presente em suas vidas e proporcionar-lhes formação completa e emancipadora, ela própria trilhou um caminho muito distinto em relação à maternidade. Como citado anteriormente (ver nota 188), ela foi uma mãe muito seletiva no cuidado e amor por seus filhos. E no que diz respeito ao futuro de sua única filha, foi negligente em relação ao que ela mesma pregava. Dedicou-se a arranjar-lhe um casamento por interesses, relegando para segundo plano a felicidade da jovem menina, como também seu desenvolvimento cultural e intelectual.

[...] d'Épinay underlines the fact that her own approach to education was drawn from her daily experience as the mother and educator of real children, which enable her to join theory with practice and to gear her methods and goals to the real world. D'Épinay's own experience as a mother and grandmother made her wary of pedagogical treatises written by men like Rousseau who never raised children of their own.]²⁰³

Publicada pela primeira vez anonimamente em Leipzig²⁰⁴, a obra foi muito bem recebida pela crítica. Seu sucesso foi tanto que poucos anos depois foi lançada a segunda edição em Paris. Desta vez, entre outras modificações, aparece o nome da autora.

Além de receber muitos elogios de seus pares intelectuais e de ser matéria de resenhas publicadas nos jornais franceses – tal qual o *Correspondence Littéraire* e o *Mercure de France* –, em carta à Grimm a czarina Catarina II²⁰⁵ declarou ter lido e apreciado a obra de d'Épinay. Nela, a imperatriz que anteriormente já havia se manifestado a favor de uma educação feminina equiparada à masculina, declarou que desejava que a obra fosse traduzida para o russo.

Em formato dialógico²⁰⁶ o livro é composto por vinte partes – denominadas *conversations* [diálogos] –, nas quais mãe e filha conversam sobre os mais variados assuntos que compõem o universo cotidiano infantil, tal qual a instrução, as novas descobertas e sentimentos, ou mesmo a formação religiosa, moral e social da pequena aprendiz. Contudo, antes de atentarmos para os pressupostos educacionais erigidos por d'Épinay, é importante lembrar que paradigmas estavam sendo quebrados pelo simples fato de uma mulher ter produzido uma obra na qual defendia uma educação ministrada por mulheres para formar meninas e futuras mulheres.

Como citado nos capítulos anteriores, Madame d'Épinay assim como Rousseau, estava chamando as mulheres para assumirem a função de mãe. Porém, ao contrário do que postulava o referido filósofo, para Madame d'Épinay as mulheres deveriam ter uma formação completa e bem cuidada para que elas pudessem ser as principais responsáveis pela educação de seus filhos:

²⁰³ TROUILLE, *Op. Cit.*

²⁰⁴ Cidade independente do estado da Saxônia, na Alemanha. Fundada no século XII, no período moderno ficou muito conhecida por ser um importante centro cultural.

²⁰⁵ Catarina II (1729 – 1796), também conhecida como Catarina, a Grande, foi a déspota esclarecida de origem alemã que reinou a Rússia entre 1762 e 1796. Buscando se alinhar aos ideais das Luzes, estava a par de muitas discussões e publicações iluministas, pois trocava correspondências com filósofos como Voltaire e Diderot.

²⁰⁶ Conforme afirma Elisabeth Badinter, os diálogos em *Les conversations d'Emilie* são construídos a partir da experiência dialógica dos salões iluministas, nos quais ocorriam debates e trocas de ideias. Logo, há uma certa horizontalidade nas conversações, por mais que haja níveis de conhecimento e autoridades distintas, há troca de conhecimento entre as partes que compõem o diálogo. No caso da referida obra, os diálogos são como pontes construídas pelas quais mãe e filha adquirem e trocam experiências – sejam elas na própria vivência da maternidade ou na prática da conversação e da observação, tendo a chance de adquirir novos conhecimentos. Cf. BADINTER, “Emilie...” *Op Cit.*, p. 41.

Mãe - Creio que na França, para que uma mãe se sinta capaz de educar seus filhos, seja obrigada, de maneira cada vez mais estrita, a formar-se sozinha, contando cada vez menos com a ajuda das pessoas com quem gostaria de dividir estes cuidados.

[Mère - Je crois qu'en France une mere a une obligation d'autant plus étroite de se former elle-memê, pour être en état de veiller sur l'éducation de se enfans, qu'elle a moins de secours à attendre des personnes avec qui ele voudrait partager ce soin.]²⁰⁷

Esta é uma grande ousadia para o período, pois não se aceitava que as mulheres tivessem a mesma educação que os homens e muito menos que elas fossem preceptoras de seus próprios filhos. Mesmo que não houvesse nenhuma outra transgressão, esta já seria a grande inovação de *Les Conversations d'Emilie*. Contudo, a autora não parou por aí.

O programa de estudos que Louise planejou para Emilie era bastante vasto e inovador, abrindo a possibilidade para que outras meninas de sua classe social seguissem seu modelo educacional e tivessem a chance de ter uma educação completa. Segundo Elisabeth Badinter

O programa de estudos que Louise reserva para a neta, quando esta estiver crescida, é de uma rara ambição para a época. Abre amplamente às mulheres os domínios da literatura francesa, inglesa, italiana. Um pouco de Metafísica, Moral, Geografia, História e Ciências Sociais. Madame d'Épinay achava que mesmo este programa era bastante insuficiente, pois aos seus olhos as mulheres poderiam almejar toda a sorte de conhecimentos. Mas, como a sociedade da época não lhes permitia mais, era preciso contentar-se com este mínimo. (...) E a grandeza incomparável de Madame d'Épinay é ter compreendido dois séculos antes de muitos outros que as mulheres deviam batalhar, elas mesmas, por sua felicidade, em vez de ficar esperando unicamente pelos homens.²⁰⁸

Alguns dos diálogos são iniciados com a pequena Emilie fazendo alguma pergunta sobre o que a inquietava²⁰⁹. Em outros momentos a mãe propõe algum assunto para discussão. Há ainda aqueles diálogos que se iniciam com o encontro das duas, quando a conversa entre elas parece fluir de maneira muito espontânea.

Desta forma, apesar da obra ser um tratado pedagógico, a sobriedade e a rigidez tão comuns na escrita dos filósofos, pedagogos e religiosos, não está presente. O tom do livro é leve. Os diálogos levam o leitor para o cotidiano de mãe e filha. A personalidade, os modos e a inteligência da pequena Emilie tomam forma em cada uma de suas falas.

Madame d'Épinay foi muito cuidadosa na composição da obra. Aos olhos do leitor, Emilie é percebida como uma menina real. Quase conseguimos ver as expressões de seu rosto,

²⁰⁷ ÉPINAY, *Op. Cit.*, p. 188.

²⁰⁸ BADINTER, "Emilie..", *Op. Cit.*, pp. 376 – 377.

²⁰⁹ Apesar de Madame d'Épinay não ser a mãe de Emilie, na obra ela se coloca como se fosse sua mãe. Não podemos deixar de lembrar que este é um livro que visava servir de guia para mães. Com a publicação da obra, a autora desejava que os diálogos servissem de exemplo para que elas educassem suas filhas. Desta forma, acreditamos que apresentar as personagens como mãe e filha é uma forma de aproximar as personagens de suas leitoras.

observar seu desenvolvimento. Nas questões levantadas por ela o leitor consegue perceber sua inquietação na busca pelo novo, sua vivacidade e ingenuidade pueril. Suas ponderações são muito pertinentes para uma criança e poderiam ter sido feitas por qualquer pessoa com bagagem educacional equivalente. Acreditamos que este tenha sido um dos trunfos da obra de Madame d'Épinay. Emilie é factível, não é uma representação infantil artificial, uma idealização abstrata, que age exatamente como o quedela era esperado, que não questiona ou reage, simplesmente recebendo o que lhe é ensinado.

Outro detalhe que faz com que seu livro difira de seus contemporâneos é a importância dada aos laços sentimentais e à intimidade. Mesmo nas lições mais pragmáticas a mãe não deixa de demonstrar afeto para com sua filha, bem como Emilie não se acanha em demonstrar amor e admiração pela mãe.

Fica evidente que a proposta de Madame d'Épinay é aproximar mães e filhas. Muitas expressões ao longo do texto indicam esta proximidade. Emilie se refere à mãe como “mamãe” [maman] ou mesmo “querida mamãe” [Chère maman]. A mãe, por sua vez, a chama de “minha criança” [mon enfant], “minha pequena amiga” [ma petite amie]. Com isto, notamos como Madame d'Épinay constrói também uma intimidade afetuosa entre mãe e filha. Em vários trechos Emilie se dirige à mãe de maneira espontânea, fala abertamente sobre seus anseios e inseguranças. Os assuntos são abordados de maneira amena, sem atropelos nem admoestações, havendo certa horizontalidade na relação entre a mãe-tutora e filha-aluna, algo bem incomum na época.

Apesar de começarem a ocorrer transformações nas relações materno-filiais na segunda metade do século XVIII, de maneira geral o convívio entre mães e filhos era muito restrito. Demonstrações de afeto ou intimidade não eram frequentes. Muito pelo contrário, mães e filhos eram quase que desconhecidos. Contudo, Emilie foi formada para ser uma nova e aperfeiçoada mulher. A sua relação com a mãe fazia parte desta nascente concepção de sensibilidade em relação à maternidade²¹⁰.

Emilie era incentivada a desenvolver sua sensibilidade e até mesmo a falar sobre seus sentimentos. Por diversas vezes ela revela suas inseguranças e emoções à mãe. Na décima sétima conversação, por exemplo, ela se queixa da ausência da mãe e relata seus sentimentos:

²¹⁰ Esta mudança, segundo o historiador Philippe Ariès, está vinculada às transformações sociais e culturais promovidas pela cultura burguesa. Naquele momento a família nuclear começa a se tornar uma realidade, bem como o amor e a intimidade entre seus membros passam a ser cada vez mais valorizados. Neste contexto, o seio familiar passa a ser o local de afetividade e intimidade e a residência familiar um local seguro, longe dos olhos estranhos e das ameaças desconhecidas. Esta transformação, segundo Ariès, triunfará nos séculos XIX e XX, porém o historiador destaca que este processo não foi homogêneo, pois os valores tradicionais continuavam muito arraigados. ARIÈS, *Op. Cit.*

Émilie - Há quanto tempo, Mamãe querida, não nos sentávamos, uma ao lado da outra, frente a frente, e como esse tempo demorou cruelmente a passar! Mas, olhe para a senhora, graças a Deus, fora de perigo; suas forças voltaram a olhos vistos, e hoje, a senhora me parece quase radiante.

Mãe - É verdade que há seis meses não me sentia tão bem assim ... Foi por esta razão que, esta noite, só quis minha criança ao meu lado, cuidando de mim.

Émilie - A senhora quer dizer, a sua criança infeliz, que foi, de modo impiedoso, afastada da senhora. Quando a senhora esteve muito mal, não me foi permitido vê-la. Quando melhorou, tive permissão para entrar, mas não me permitiram ficar, com medo, dizem, de comovê-la. Somente há oito ou dez dias foi-me permitido ficar um pouco e prestar-lhe algum serviço. Mas, graças a Deus, estamos aqui, frente a frente!

[Emilie – Qu’il y a longtemps, ma chère Maman, que nous n’avons été assise l’une à côté de l’autre, tête, et que ce temps a été cruel à passer! Mais vous voilà, grâce à dieu! Hors de danger; vos forces reviennent à vue d’œil, et aujourd’hui surtout ous me paraissez presque radieuse.

Mère – Il est certain que depuis plus de six mois je ne me suis pas sentie aussi bien... Aussi je n’ai pas voulu avoir pendant cette soirée d’autre garde à côté de moi que mon enfant.

Emilie – Dites votre enfant malheureux, qu’on a impitoyablement éloigné de vous. Quand vous avez été très mal, il ne m’a pas été permis de vous voir. Quand vous avez été mieux, j’ai eu la permission d’entrer, mais on m’a défendu de rester, de peur, ont-ils dit, de vous causer de l’attendrissement. Ce n’est que depuis huit ou dix jours qu’il m’est permis de rester un peu, et de vous rendre quelque petit service. Mais grâce à dieu! Nous voici tête.]²¹¹

O modelo pedagógico proposto por Madame d’Épinay pretende formar meninas com uma nova sensibilidade. Como veremos adiante com Madame de Staël, o modelo de feminilidade proposto por Madame d’Épinay tem seu centro na sensibilidade. É este atributo que servirá de guia para todos os outros. Sem esta característica todas as outras –tais quais a liberdade individual e o desenvolvimento das faculdades intelectuais – não teriam a mesma proeminência.

Contudo, apesar de observarmos diversas inovações na educação de Emilie, não podemos afirmar que Madame d’Épinay propôs uma ruptura com a educação feminina que era praticada por seus contemporâneos. Sua proposta de educação, assim como a mulher que pretende formar, é muito complexa e se não for avaliada com cuidado corremos o risco de cair num reducionismo simplificador.

Assim como veremos no caso de Corinne, personagem título do livro de Madame de Staël, a educação de Emilie visava a idealização da mulher perfeita. Mas não se trata da perfeição intangível, repleta de virtudes que não correspondem à realidade e que não fosse

²¹¹ ÉPINAY, *Op. Cit.*, p.340.

factível ou possível de ser alcançada. A idealização literária, tanto de Madame d'Épinay, como de Madame de Staël, é factível. Elas têm consciência que suas personagens têm defeitos e virtudes e que apesar de serem meninas ou moças com espírito elevado, foi a educação que lhes moldou o caráter. Foi a formação e o meio em que viveram desde a infância, que garantiram à Emilie e Corinne as qualidades para serem mulheres admiráveis.

Por defender que a principal causa da aparente desigualdade entre os sexos é a educação inferior destinada às meninas, a pedagogia proposta por Madame d'Épinay busca formar uma mulher com capacidade reflexiva equivalente à de um homem de sua classe social – além é claro, de ser uma dama digna de frequentar os mais requintados ambientes franceses.

Para isto desde as primeiras lições a mãe-preceptora se empenhou em desenvolver a capacidade reflexiva e argumentativa de Emilie:

Mãe - (...) A reflexão é o antídoto contra os defeitos naturais das mulheres.

Émilie - Os defeitos das mulheres! Quais são, portanto esses defeitos?

Mãe - A leviandade, a frivolidade, a preguiça, a inconsequência, a fraqueza, o destempero.

Émilie - Oh, meu Deus! Por que elas possuem todos esses defeitos?

Mãe - A delicadeza e a mobilidade de seus órgãos contribuem para isso. Mais que tudo, pode ser que seja a frivolidade na qual se mantém a juventude das meninas. Esta é a desgraça da educação habitualmente comum. Disso resulta que elas só podem trazer para o mundo o caráter de espírito que receberam e a aparência que lhes foi dada, algo que os homens percebem, julgando-as imediatamente e tratando-as quase com a mesma estima e consideração que vocês têm por suas bonecas.

Émilie - Oh! Isso é muito bom de saber.

Mãe - E de se prever.

Émilie - Sim. Oh! Vou refletir para jamais cair em nenhuma dessas armadilhas, pois é humilhante para nós. E depois, terei caráter. Mas para refletir de modo proveitoso, vejo que é necessário primeiro, saber muitas coisas, e depois, ter a justeza das ideias, pois se não a temos, enganamo-nos em nossas reflexões, e se nos enganamos em nossas reflexões, podemos nos enganar em nosso comportamento.

Mãe - Provavelmente, minha querida amiga, uma grande parte da felicidade depende da justeza das ideias, e é o hábito de refletir que a constitui. Ela nos ensina a não exagerarmos, a não enfraquecermos, a ter a coragem de enxergar tudo da maneira mais verdadeira.

[Mère - (...) La réflexion est le contre-poison des défauts naturels des femmes.

Emilie - Les défauts de femmes! quel sont donc ces défauts?

Mère - La légèreté, la frivolité, la paresse, l'inconséquence, la faiblesse, l'exaltation de tête.

Emilie - eh, mon dieu! Pourquoi donc ont-elles tous ces défauts?

Mère - La délicatesse et la mobilité de leurs organes y contribuent. Plus que cela peut-être la frivolité dans laquelle on entretient la jeunesse des filles. Voilà le malheur des éducations communément ordinaires. Il en résulte qu'elles ne peuvent apporter dans le monde que la trempe d'esprit qu'elles ont reçues et tournure qu'on leur a donnée, que les hommes s'en aperçoivent et les jugent tout de suite et qu'ils les traitent avec à peu près autant d'estime et de considération que vous en avez pour votre poupée.

Emilie - Oh! cela bon savoir.

Mère - Et à prévoir

Emilie - Oui. Oh! Je réfléchirai tant que je ne tomberai pas dans aucun de ces pièges; car c'est humiliant pour nous. Et puis... j'aurai du caractère, moi. Moi pour réfléchir

avec profit, je vois qu'il est bien nécessaire d'abord de savoir beaucoup des choses et puis d'avoir bien de la justesse dans les idées; car si on n'en a pas on se trompe dans ses réflexions et si on se trompe dans ses réflexions on peut se conduire tout à travers.

Mère – Sans doute, ma chère amie, une grande partie du bonheur dépend de la justesse des idées, et c'est l'habitude de réfléchir qui la donne. Elles apprennent à ne rien s'exagérer, ne rien affaiblir à voir le courage de voir tout dans le jour le plus vrai.²¹²

Emilie é levada a refletir sobre os mais diversos temas. Sua mãe guia os diálogos de maneira que a menina não receba respostas prontas e definitivas, mas que vá aos poucos desenvolvendo sua capacidade reflexiva e argumentativa. Na primeira conversação, em um diálogo cotidiano a pequena Emilie interroga a mãe:

Émilie - Sim, Mamãe; mas por que a senhora não gosta dos macacos? Eu gosto deles.

Mãe - Por que você gosta deles?

Émilie - É que eles me divertem; são engraçados, eles fazem caretas!

Mãe - Se você os visse de perto, talvez eles não a divertissem tanto assim, você acharia que eles são de má índole, traidores, maliciosos, ladrões...

Émilie - É mesmo?... Que pena ... Mas como eu os vejo pela janela, eles não vão me fazer mal. Eles têm uma cara engraçada ... Gostaria, contudo, de vê-los de perto.

Mãe - E o que é um macaco? Já que você gosta deles, deve saber o que é.

Émilie - Sim, claro, é um animal.

Mãe - Ele é como um cachorro, como um gato?

Émilie - Claro que não, Mamãe; ele é como um macaco.

Mãe - E com que animal você acha que ele mais se parece?

Émilie - Não sei, Mamãe. A senhora gostaria de me dizer?

Mãe - Com o homem; a fisionomia, as mãos, os pés são parecidos.

Émilie - O homem é um animal?

Mãe - É um animal racional.

Émilie - Por que você diz que é um animal racional, Mamãe?

Mãe - Esta é a maneira como expressamos a diferença entre o homem e os animais, pois o homem é a única criatura que faz uso da razão e da palavra.

Émilie - Os homens são, portanto, animais! Isso é engraçado! E nós, Mamãe, também somos animais?

Mãe - Quando digo 'o homem', falo de todas as criaturas humanas; quando digo 'um homem', estou indicando somente uma criatura do gênero masculino; e quando digo 'uma mulher', estou indicando uma criatura do sexo feminino.

[Emile – Oui, Maman, mais pourquoi n'aimez-vous pas les singes? Moi, Je les aime bien.

Mère – Pourquoi les aimez-vous?

Emilie – C'est qu'ils m'amuse; ils sont drôles, ils font des grimaces!

Mère – Si vous les voyiez de près, ils ne vous amuseraient pas autant peut-être, vous les trouveriez d'un naturel méchant, traîtres, malins, voleurs...

Emilie – Bom!... C'est dommage... Mais, comme j'eux vois par la fenêtre, ils ne me feront pas de mal. Ils ont une drôle de mine... Je voudrais pourtant bien les voir de près.

Mère – Et qu'est-ce que c'est un singe? Puisque vous les aimez, vous devez savoir ce que c'est.

Emilie – Oui, sûrement, c'est un animal.

Mère – Est-il comme un chien, comme un chat?

Emilie – Mais non, Maman il est fait comme un singe.

Mère – A quel animal trouvez-vous qu'il ressemble le plus?

Emilie – je ne sais pas, Maman. Voulez-vous bien me dire?

Mère – C'est à l'homme; il en approche par la figure, les mains, les pieds.

²¹² ÉPINAY, *Op. Cit.*, pp. 512 – 513.

Emilie – Est-ce que l’homme est um animal?

Mère – C’est un animal raisonnable.

Emilie – Pourquoi dites-vous un animal raisonnable, Maman?

Mère – C’est la manière dont on s’exprime pour distinguer l’homme des bêtes, parce que l’homme est seule creature qui ait l’usage de la raison et de la parole.

Emilie – Les homes sont donc des animaux! Cela c’est drôle! Et nous, Maman, sommes-nous aussi des animaux?

Mère – Quand je dis ‘l’homme’ j’entends toutes les creatures humaines; quand je dis ‘un homme’, alors je désigne seulement une creature humaine du genre masculine; et quand je dis ‘une femme’ je désigne une créature humaine du genre féminin.]²¹³

Nessa passagem notamos que a pequena Emilie dá sua opinião sobre os macacos – que eles são “engraçados”, que a “divertem” – e somente em seguida sua mãe, sem repreendê-la, mostra um ponto de vista menos superficial a respeito destes animais. Madame d’Épinay apresenta opinião mais pragmática – os aponta como “desagradáveis” e “maldosos” – fazendo referência ao seu comportamento no mundo selvagem. E em seguida, retira de vez esta discussão do plano fantasioso, abordando-a pelo viés natural.

Ao aproximar o macaco dos humanos, podemos observar como as discussões ilustradas acerca do Homem e da Natureza eram valorizadas por Madame d’Épinay – que como já dito, mesmo não tendo a chance de ter recebido educação formal completa, na convivência com seus contemporâneos letrados teve a chance de aprimorar seus conhecimentos e de se aproximar das discussões da filosofia natural tão em voga naquele momento. Mesmo que de uma maneira bastante simples, ela as introduziu na educação de Emilie.

A menina estava sendo preparada para ser uma mulher que além de ter instrumentos conceituais para refletir sobre o mundo ao seu redor, estava a par dos debates que ocorriam nos círculos ilustrados. Logo, sua instrução não era limitada para que desempenhasse apenas as funções de mãe e esposa. Emilie era instruída para se tornar um indivíduo autônomo e capaz:

Mãe - Estou lhe dizendo a verdade. Não me permito fixar os limites do saber para pessoas de nosso sexo; talvez nem seja necessário uma regra geral a esse respeito; mas, na minha infância era comum não se ensinar nada às meninas. Elas aprendiam minimamente as obrigações religiosas para serem capazes de fazer a primeira comunhão. Elas tinham um professor de dança muito bom, um professor de música muito ruim e um professor de desenho medíocre. Além disso, um pouco de história e de geografia, mas sem nenhum atrativo; tratava-se apenas de memorizar nomes e datas que eram esquecidos assim que o professor se aposentava. Era a isso que se reduzia uma educação impecável. Sobretudo, não nos falavam jamais de razão; e quanto à ciência, achava-se que era muito inadequada para pessoas de nosso sexo, evitando-se zelosamente todo tipo de instrução.

[Mère – Je vous dis la vérité. Je ne me permets point de fixer les bornes du savoir aux personnes de notre sexe; peut-être ne faut-il pas même une règle générale à cet égard; mais du temps de mon enfance ce n’était pas l’usage de rien apprendre aux filles. On

²¹³ ÉPINAY, *Op Cit.*, pp. 50-51.

leur enseignait lès devoirs de religion tant bien que mal, pour lès mettre em état de faire leur premiere communion. On leur donnait um fort bom maître à danser, um fort mauvais maître de musique, et tout au plus um médiocre maître de dessin. Avec cela um peu d'histoire et de géographie, mais sans aucun attrait; Il ne s'agissait que de retenir des noms et des dates, qu'on oubliait dès que Le maître était reforme. Voilà à quoi se réduidaient les éducations soignées. Sur-tout on ne nous parlait jamais raison; e quant à la science, on La trouvait très-deplacée dans les persones de notre sexe, et l'on évitait avec soin toute espece d'instruction.]²¹⁴

Notamos que a educação proporcionada à menina foi primorosa e completa. Sua preceptora procurou desenvolver inúmeras habilidades, bem como cativar virtudes admiráveis. Desde cedo Emilie teve lições sobre geografia, biologia, religião, leitura, e, é claro, sobre questões referentes à sociedade e à família. Antes dos cinco anos a pequena Emilie já sabia ler e escrever. Entre suas lições estavam a leitura e discussão de fábulas com a mãe, como também era instigada a refletir acerca dos assuntos naturais, sociais e familiares.

Contudo, apesar de crer que as possibilidades de existência das mulheres iam muito além do que a ideologia da época das Luzes defendia, Madame d'Épinay não rompeu totalmente com os parâmetros do que era ser uma mulher refinada em sua sociedade. Por mais que ela tenha oferecido à Emilie uma educação formal que ia muito além dos limites estabelecidos, ela a ensinou também a desempenhar atividades consideradas próprias às damas.

Madame d'Épinay buscou aliar o sentimento de independência, de liberdade interior e juízo crítico ao respeito à tradição e às convenções sociais. Seu objetivo era que a neta tivesse autonomia de pensamento e ação, mas que fosse aceita na sociedade. Desta forma, ainda menina Emilie aprendeu a costurar, bordar, a cuidar de si e de seus afazeres.

Mãe - Quando você tem a preocupação em desenvolver sua razão e adorná-la com conhecimentos úteis e sólidos, você se abre para tantas novas fontes de prazer e de satisfação, você constrói tantas maneiras de enriquecer sua vida, tantos recursos contra o tédio, tantos consolos na adversidade, que você adquire dons e conhecimentos. São bens que ninguém pode tirar de você, que a liberam da dependência dos outros, pois você não precisa mais disso para ocupar-se e ser feliz; são bens que, ao contrário, colocam os outros na sua dependência: pois, quanto mais dons e saberes temos, mais úteis e necessárias tornamo-nos para a sociedade. Sem contar que se trata do remédio mais eficaz e mais seguro contra a alienação, que é a inimiga mais temida da felicidade e da virtude.

Émilie - Ah, terei tantas flechas em meu estojo contra este inimigo perigoso, que o matarei.

Mãe - Isto é absolutamente poético!

Émilie - A senhora não se lembra mais das flechas de Apolo de ontem à noite?

Mãe - Na verdade eu estava muito longe naquele momento. É isso, entretanto, que significa mostrar convenientemente sua ciência e sem afetação!

²¹⁴ ÉPINAY, *Op. Cit.*, pp. 238-239.

Émilie - Já aprendi a costurar, a consertar meus lenços, a cuidar de minhas roupas, a fazer alguns bordados, a fazer também alguns de meus ajustes e os de minha boneca. Mãe - Você está enobrecendo um pouco a agulha ao colocá-la entre suas flechas; mas não tem problema. É certo que ao se dedicar aos trabalhos convenientes ao nosso sexo você possui em seu estojo uma flecha a mais contra a inação, e você aprende a não precisar dos outros. Assim, eis muito claramente o benefício: liberdade e força. Acrescente a essas informações aquelas do espírito, aquelas que dão impulso e vigor à alma, e você avançará sensivelmente em direção à perfeição.

[Mère – Lorsque vous portez soins à cultiver votre raison, et l’orner de connaissances utiles et solides, vous vous ouvrez autant de sources nouvelles de plaisir et de satisfaction; vous vous préparez autant de moyens d’embellir votre vie, autant de ressources contre l’ennui, autant de consolations dans l’adversité, que vous acquérez de talents et connaissances. ce sont de biens que personne ne peut vous enlever, qui vous affranchissent de la dépendance des autres puisque vous n’en avez pas besoin pour vous occuper et pour être heureuse; qui mettent au contraire les autres dans votre dépendance: car plus on a talents et de lumières, plus on devient utile et nécessaire dans la société. Sans compter que c’est le remède le plus efficace et le plus sûr contre le désœuvrement, qui est l’ennemi de plus redoutable de bonheur et la vertu.]

Émilie – Ah, j’aurai tant fleches dans mon carquois contre cet ennemi dangereux, que je le tuerai.

Mère – Comment, voilà qui est tout à fait poétique!

Émilie – Vous ne vous souvenez donc plus fleches d’Apollon d’hier au soir?

Mère – Vraiment, j’en étais fort loin en ce moment. Voilà pourtant ce que c’est que de montrer la science à propos et sans affection!

Émilie – J’ai déjà appris à coudre, à raccomoder mes mouchoirs, à voir soin de mes nippes, à travailler un peu en broderie, à faire un peu mes ajustements et ceux de ma poupée.

Mère – Vous ennoblissez un peu l’aiguille, en la plaçant parmi vos fleches; mais il n’y a pas grand mal à cela. Il est certain qu’en vous appliquant aux ouvrages convenables à notre sexe, vous avez une bonne fleche de plus dans votre carquois contre le désœuvrement; et vous apprenez à vous passer des autres. Ainsi voilà au profit tout clair: liberté et force. Joignez à ces occupations celles de l’esprit, celles qui donnent du ressort et du nerf à l’âme, et vous avancerez sensiblement vers la perfection.]

Logo no início podemos observar que a mãe esclarece a pequena Emílie qual é o principal benefício de se cultivar a razão: abrir muitas fontes de prazer e satisfação [vous vous ouvrez autant de sources nouvelles de plaisir et de satisfaction]. Com isto, entendemos que além de justificar suas lições e obrigações cotidianas, a mãe quer que a menina valorize o cultivo da razão tanto quanto ela; que ame o conhecimento. Para isto, Madame d’Épinay utiliza argumentos muito fortes, podemos dizer que são quase irrefutáveis. Como não amar o conhecimento se além de ser um meio de encontrar o prazer, é o único bem que ninguém nunca poderá roubar, algo que garante independência, único antídoto ao tédio e consolo na adversidade?

Neste trecho ainda podemos observar um pouco dos conhecimentos já adquiridos pela pequena Emílie, bem como suas habilidades na conversação. Ao falar “Ah, terei tantas flechas em meu estojo contra este inimigo perigoso, que o matarei” [Ah, j’aurai tant fleches dans mon carquois contre cet ennemi dangereux, que je le tuerai], e posteriormente “Então você não se

lembra das flechas de Apolo de ontem à noite?” [Vous ne vous souvenez donc plus fleches d’Apollon d’hier au soir?] fica evidente que Emilie já havia recebido lições sobre História Antiga e mais precisamente sobre mitologia greco-romana.

Não podemos deixar de ressaltar que este não era um conteúdo indicado para meninas, o que por si só demonstra a audácia de Madame d’Épinay. Contudo, neste mesmo trecho podemos perceber que ela foi além. Tornou Emilie uma menina com capacidade reflexiva e argumentativa muito elevada. Notamos que ao mencionar Apolo, Emilie estabelece uma analogia com sua vida, com sua missão de tornar-se uma sábia. Ela compara as batalhas travadas por Apolo e seu uso das flechas com o seu percurso no aperfeiçoamento individual, sendo os conhecimentos as suas armas.

Por fim, podemos observar como Madame d’Épinay estabelece uma clara valorização do equilíbrio entre racionalidade e obrigações sociais. Para isto, assim como a filha, ela procura fazer analogias. Ao citar a “agulha” e a “flecha”, ela se refere na verdade, aos trabalhos domésticos, aqueles pertinentes ao sexo feminino (segundo suas próprias palavras), e ao conhecimento teórico. Apenas com o equilíbrio entre estes dois polos uma mulher alcançaria a perfeição. Esta é, a nosso ver, a questão fundacional da pedagogia de Madame d’Épinay, da formação de Emilie, e assim, de seus valores em relação às mulheres na sociedade e na cultura.

Ao longo das vinte conversações que compõem o livro progressivamente as lições de Emilie vão se tornando mais complexas. A educação é progressiva e o gradual aumento da complexidade é pertinente à bagagem intelectual adquirida, como também ao crescimento da menina – que no início da obra tem cinco anos e no final já tem dez anos.

Na primeira conversação, por exemplo, Emilie e sua mãe conversam sobre os animais e a inclusão dos seres humanos na Natureza. Já na oitava, após Emilie ter amadurecido intelectualmente, mãe e filha refletem sobre a composição familiar. Fazendo uso novamente das analogias, as duas passam a discutir sobre a monarquia francesa. Neste momento, para explicar o papel do rei em um país, a mãe estabelece a analogia entre o rei e o pai de família²¹⁵.

²¹⁵ Esta era uma analogia muito utilizada nos séculos XVII e XVIII. No Absolutismo o poder real se fundamenta no poder patriarcal objetivando a obediência dos súditos ao rei. O bispo e teólogo Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), uma das personalidades mais influentes em assuntos religiosos, políticos e culturais da França na segunda metade do século XVII, defendia que a desigualdade natural dos homens é o que leva ao exercício do poder de uns sobre os outros. Desta forma, é a superioridade do soberano real que lhe garante o direito de governar os súditos. Foi este princípio que aproximou a figura real da paternal, pois, assim como o pai zela pelos seus filhos e esposa, o rei cuida dos súditos. Esta teoria foi muito influente na sociedade francesa, e “até o século XVII, repertir-se-á constantemente: o pai é para seus filhos o que o rei é para seus súditos, o que Deus é para os homens, ou seja, o que o pastor é para seu rebanho. Segundo Elisabeth Badinter esta analogia reforça que o poder – seja do Rei, de Deus, do pastor ou do pai – só pode ser exercido através de intermediários. Eles são vigilantes que na ausência da autoridade exercem poder. Desta forma, seu poder não é irrestrito. Na família esta relação é bem

Notamos como a mãe guia o diálogo de uma maneira muito perspicaz. De maneira sutil a conversa que está pautada na questão familiar, vai aos poucos se tornando uma discussão acerca da organização do Estado francês e das classes sociais. A partir disto, acreditamos que formar uma cidadã consciente da organização política e social também é importante para Madame d'Épinay, pois sem estes conhecimentos a emancipação intelectual tão almejada ficaria incompleta.

Logo, ao contrário do que acreditava Rousseau ao afirmar que as crianças devem ser afastadas da sociedade para que não absorvam seus vícios, desde pequena Emilie estava ciente de seu lugar numa sociedade que tinha organização e costumes que deviam ser conhecidos e respeitados. Além do mais, desde menina foram ensinados os hábitos cortesês e respeitáveis, tendo aprendido a importância de saber se portar em sociedade, de ser uma moça com atitudes polidas e hábitos refinados para que fosse uma moça com modos admiráveis.

Nas últimas conversações, quando Emilie já adquiriu conhecimentos e aptidões sobre diversos assuntos e sabia se portar com polidez, aos poucos foi inserida na sociedade. Empolgada com uma festa ocorrida no dia anterior, a pequena Emilie comenta:

Émilie - Ah, Mamãe, que dia agradável passamos! Admita que a Senhora Marechal²¹⁶ sabe fazer as honras de uma festa...

Mãe - Mesmo sendo uma aldeã.

Émilie - Como ela deu atenção a todos! Como todos estavam felizes e à vontade!

Mãe - Cada um à sua maneira, sem dificuldade, sem embaraço, sem faltar com a decência em um só momento; em meio à sinceridade, à alegria e à confusão reinante.

Émilie - Como aquelas pessoas eram educadas, atenciosas e amáveis! É correto que se diga: Tal Senhor, tal criado.

Mãe - Realmente, jamais vi festa mais agradável e mais interessante para todos os que dela tomaram parte.

[Emilie – ah Maman, l'agréable Journée que nous avons passé! Convenez que Madame la Maréchale sait bien faire les honneurs d'une fête.

Mère – Même villageoise

Emilie – Comme elle s'est occupée de tout le monde! Comme tout le monde a été heureux et à son aise!

Mère – Chacun à manière, sans gêne, sans embarras; sans manquer un moment à la décence; au milieu de la franchise, de la gaieté et de la confusion des états.

Emilie – Comme ses gens sont polis, attentifs et prévenants! On a bien raison de dire: Tel maître, tels valets.

Mère – Je n'ai véritablement jamais vu une fête plus agréable et plus intéressante pour tous ceux qui devaient y prendre part.]²¹⁷

visível. A mãe tem autoridade sobre o filho, mas como este poder lhe foi delegado e a autoridade máxima é do pai, então ela deve se reportar a ele – já que a autoridade paterna é absoluta e não deveria ser contrariada”.

²¹⁶ *Madame la Maréchale*: em francês, esposa de um marechal.

²¹⁷ ÉPINAY, *Op. Cit.*, p. 361.

Nem sempre Emilie era acompanhada por sua preceptora – que como já destacado anteriormente, estava com a saúde muito debilitada – nestas ocasiões tinha longas conversas com ela sobre suas experiências. Muito observadora, na décima nona conversação, Emilie narra para ela os detalhes do casamento que havia tido no dia anterior.

Mãe - Ah, eis você regressando, Émilie! Então, como foi tudo?

Émilie - Maravilhoso, Mamãe, maravilhoso.

Mãe - Conte-me tudo, por favor.

[Mère – Ah, vous voilà de retour, Emilie! Eh bien comment tout cela s'est-il passé?

Emilie – A merveille, Maman, à merveille.

Mère – Conte-moi cela, je vous prie.]²¹⁸

Demonstrando ser muito atenta com tudo o que acontecia à sua volta, a menina narrou cuidadosamente o evento à mãe, garantindo especial atenção aos modos dos convidados, ao discurso do pastor e ao jantar de celebração. A mãe, atenta às histórias, fez muitas perguntas à menina a fim de que a pequena Emilie tivesse chance de expressar suas opiniões e demonstrar, assim, como estava assimilando as lições recebidas.

Como em outras conversações, aproveitando os comentários de Emilie, a mãe conduz a conversa para que ela tenha oportunidade de ter lições a partir desta experiência:

Mãe - Você crê, portanto, que esse dia a agradará?

Émilie - Oh, muito; eu lhe dou minha palavra muito sinceramente.

Mãe - Contudo, parece-me que você saiu para a cerimônia esta manhã com um ar mais alegre do que este que você trouxe.

Émilie - Pode ser, Mamãe. É que acreditava, de fato, que um dia de casamento fosse mais alegre.

Mãe - E sobre o que você está fundando sua opinião?

Émilie - Mas, Mamãe, é o dia que se realiza o que todo mundo deseja. É, portanto o caso de ser alegre.

Mãe - Você tem razão. Mas ao realizar o desejo de toda uma família este instante marca a época mais decisiva da nossa vida, sem nos dar respostas sobre suas consequências. A cortina que esconde nosso futuro entreabre-se. No meio da alegria que nos envolve, lançamos um olhar preocupante: pois, como estabelecer sem inquietação, sem um terror secreto, este longínquo onde tudo é indeciso, onde tudo é vago e onde, entretanto, tudo interessa? Aliás, este dia a faz contrair um compromisso eterno. Isso não lhe parece terrível para seres tão fracos, tão variáveis, tão inconstantes, tão fugidios, tão passageiros? Um compromisso eterno que não é mais possível ser rompido, quaisquer que sejam as consequências! Caso este compromisso venha a ser desastroso, é o fim da felicidade de toda uma vida; se ele é venturoso, seu início adverte-lhe, desde de sempre e a seu despeito, de seu fim, pois tudo o que começa tem que necessariamente ter um fim. A lei inexorável a qual tudo está submetido, a levará, a partir daquele momento, progressivamente, em direção ao término desta união tão terna, sobre a qual a felicidade de sua vida foi fundada,

²¹⁸*Ibidem*, p. 360.

mergulhando nos pesares e nas lágrimas aquele, dos dois, que ela terá condenado a sobreviver.

[Mère – Vous pensez donc que cette journée vous amusera?

Emilie – Oh, beaucoup; je vous en donne ma parole avec toute confiance.

Mère – Cependant il me semble que vous êtes partie ce matin pour la cérémonie, d'un air beaucoup plus gai que celui que vous en raportez.

Emilie – Cela peut être, Maman. C'est que je croyais un jour de mariage beaucoup plus gai en effet.

Mère – Et sur quoi fondiez-vous cette opinion?

Emilie – Mais Maman, c'est le jour qui accomplit ce que tout le monde désire. C'est donc le cas d'être gai.

Mère – Vous avez raison. Mais en accomplissant le désir de toute une famille, ce instant marque l'époque la plus décisive de notre vie, sans nous répondre de ses suites. Le rideau en nous cache l'avenir s'entr'ouvre. Au milieu de la joie qui nous environne, nous y portons un regard inquiet: car comment fixer sans trouble, sans une terreur secrète, ce lointain où tout est indécis où tout est vague et où néanmoins tout intéresse? Ce jour vous fait d'ailleurs contracter un engagement éternel. Cela ne vous paraît-il pas redoutable pour des êtres si faibles, si variables, si inconstans, si fugitifs, si passagers? Un engagement éternel qu'il n'est plus possible de rompre, quelles qu'en soient les suites! Si cet engagement devient malheureux, c'en est fait du bonheur de tout cela vie; s'il est heureux, son commencement vous avertit, dès à présent et même malgré vous, de sa fin, puisque tout ce qui commence doit aussi nécessairement finir. L'inéxorable loi à qui tout est soumis, vous entraînera dès cet instant, progressivement vers le terme de cette union si tendre, sur laquelle le bonheur de votre vie était fondé, et plongera dans les regrets et dans les larmes celui des deux qu'elle aura condamné à survivre.]²¹⁹

Notamos como a mãe aproveitou a cerimônia do casamento de conhecidos seus para ensinar à menina a respeito do matrimônio. Como fez em outros momentos, a mãe buscou afastar a visão fantasiosa da menina apresentando-lhe uma percepção mais profunda e reflexiva sobre a questão, objetivo que aparentemente ela alcança, pois a conversa continua:

Émilie - Ah, Mamãe, como tudo isso que a senhora está dizendo é triste! Felizmente eu viajei esta manhã (...) sem pensar em nada disso.

Mãe—Isto porque não é você que deveria se casar.

Émilie - A senhora acha, então, que Babet fez todas essas reflexões?

[Emilie – Ah, Maman, comme tout ce que vous dites-là est triste! Heureusement je suis partie ce matin (...) sans penser à rien de tout cela.

Mère – C'est que ce n'était pas vous qui deviez vous marier.

Emilie – Vous croyez donc Babet a fait toutes ces réflexions?]²²⁰

Observamos que neste momento a mãe conseguiu incutir na pequena Emilie a importância da reflexão nos momentos decisivos da vida. Fez a menina perceber que mesmo nas situações mais alegres, os atos sempre têm consequências e que por isto deve-se ponderar bastante antes de se tomar as decisões.

²¹⁹ ÉPINAY, *Op. Cit.* 361.

²²⁰ ÉPINAY, *Op. Cit.*, p. 360.

Para que a menina tivesse uma percepção do peso que suas atitudes podem ter no futuro, mais uma vez a mãe a afasta da visão romaneada e apresenta a ela questões práticas. No caso do casamento, segundo Madame d'Épinay, a decisão é tão importante que influenciará diretamente no seu futuro, bem como no de outras pessoas de sua família. Apesar de toda alegria que o enlace pode proporcionar, deve haver cuidado para que a felicidade não vire tristeza e arrependimento.

A questão de um casamento mal feito é, segundo, Mary Trouille, muito frequente no século XVIII e por isto foi uma questão abordada por muitas mulheres.²²¹ O casamento de Madame d'Épinay foi muito conflituoso e fonte de infelicidade, logo, parecia ser urgente para ela tratar deste assunto com a sua filha-neta.

Na obra *A história de Madame Montbrillant: Pseudo-memórias de Madame d'Épinay* [Histoire de Madame Montbrillant: Pseudo-Memoires de Madame d'Épinay], como no trecho acima, a autora busca oferecer aos seus leitores uma perspectiva realista do matrimônio, demonstrando, sobretudo, que diferentemente do que defendia Rousseau, as mulheres poderiam encontrar realização pessoal e felicidade fora do casamento.

Ademais, acreditamos que ao dar estas advertências para a pequena Emilie, Madame d'Épinay alertava para que ela fosse cuidadosa na hora de escolher seu noivo, atentando para as consequências de sua escolha, já que sua felicidade dependeria dela. Como a própria Madame d'Épinay teve um casamento profundamente conflituoso devido às personalidades e visões de mundo muito diferentes, acreditamos que mesmo não declarando abertamente, ela deixava uma advertência para pequena Emilie: “sua felicidade no casamento depende de você escolher alguém que seja certo para você; apenas com reflexão e responsabilidade ao se fazer escolhas você poderá ser feliz no futuro”.

A partir destes apontamentos defendemos que Madame d'Épinay buscou instruir Emilie para que ela tivesse consciência de que suas ações teriam consequências e por esta razão deveria ser muito cautelosa em sua escolha matrimonial para que também fosse realizada no amor e na sexualidade.

Emilie é uma construção literária que representa um modelo idealizado por Madame d'Épinay que transgride em relação do modelo feminino hegemônico, mas também reafirma boa parte dele. Por ser uma personagem formada a partir de vários eixos identitários, traz incongruências e paradoxos que são da autora, o que a torna ainda mais interessante fazendo com que esta obra seja fonte riquíssima com vasta gama de possibilidades analíticas.

²²¹ Cf. TROUILLE, *Op. Cit.*

3.2 Bela e livre: erudição e sensibilidade de Corinne

Nascida num meio social e intelectual favorecido, Germaine Louise Necker recebeu esmerada educação visando uma formação intelectual o que a tornou um expoente do seu tempo. Com personalidade forte, aptidão para os estudos e tendo crescido cercada pelos intelectuais mais admirados da França, não demorou para que sua personalidade brilhante aflorasse e se destacasse pela primorosa produção em várias áreas, como a poesia, literatura e política²²².

Oriunda de uma família de liberais, desde jovem Germaine se mostrou favorável à causa constitucionalista, o que a tornou uma ativista conhecida e respeitada às vésperas da Revolução Francesa²²³; mas por outro, despertou a antipatia de muitos, inclusive de Napoleão Bonaparte, que motivou seu exílio quando ele tomou o poder em França. Ao tratar desse período de sua vida a historiadora Bonnie Smith destaca:

Filha de pais suíços, identificando-se enfaticamente como francesa, casada com um embaixador sueco, exilada de Paris e por fim de muitas áreas controladas por Bonaparte, ela na verdade muitas vezes escreveu afastada do centro político e do

²²² Como uma letrada inserida nas discussões de seu tempo, Madame de Staël buscou estabelecer diálogo intelectual com muitos dos homens de letras mais proeminentes de seu tempo. Houve muitas trocas epistolares, bem como publicações que expunham a opinião de Staël e que a colocava em debate direto com muitos indivíduos. Este foi o caso, por exemplo, de quando ela buscou se aproximar de Napoleão Bonaparte e expor suas opiniões sobre o processo político francês – postura que ele desaprovou e que o levou a repudiá-la. Outro caso é o da reflexão que ela fez sobre a obra de Rousseau. Para tanto, ela publicou em 1788 o ensaio *Lettres sur les ouvrages et le caractère de J. J. Rousseau* [Cartas sobre as obras e o caráter de Jean-Jacques Rousseau]. Conhecido como sua primeira obra de peso, nela a autora faz uma análise profunda de importantes obras do filósofo, e como o próprio título pressupõe, tecendo comentários acerca do próprio autor. Referimos sobre as análises que Madame de Staël fez de *Julie ou la Nouvelle Héloïse* e *Emile* nas quais, ela busca refletir acerca das ideias de Rousseau sobre as mulheres. Por este não ser o tema da pesquisa, não nos dedicamos especificamente a esta questão, mas acreditamos que seria uma análise interessantíssima e que pode ser relacionada com a presente pesquisa. Tivemos a chance de observar, mesmo que brevemente, que as opiniões e observações que Staël fez sobre a construção e a idealização rousseauísta é muito complexa. Mais que enaltecer o filósofo, sua produção e considerações, nos parece que Staël concorda com muitos de seus apontamentos; reforça muitas de suas ideias – como, por exemplo, a ideia de ser a natureza feminina muito distinta da masculina. Contudo, faz isto questionando, criticando o pensamento rousseauísta – mesmo que sem romper com ele. Logo, a partir de tal complexidade, defendemos que suas ideias devem ser lidas e analisadas com extremo cuidado para uma compreensão da questão - trabalho que buscaremos realizar futuramente.

²²³ A relação de Madame de Staël com a Revolução Francesa foi muito intensa. Ao defender os ideais constitucionais e liberais encontrou muitos opositores quando eclodiu a Revolução. Por defender uma monarquia constitucional aos moldes da Inglaterra, Madame de Staël era criticada por republicanos e também pelo partidários do Rei. As críticas dirigidas à ela eram duras e se referiam ao fato de uma mulher desejar participar das discussões políticas. Contudo, sua resposta foi à altura de sua educação. Suas opiniões sobre tais acontecimentos foram registradas no texto *Considerações sobre a Revolução Francesa* [Considérations sur la Révolution Française], publicado postumamente. Outro texto produzido por ela acerca do processo revolucionário foi o Memorial para a defesa da Maria Antonieta [*Mémoire pour la défense de Marie-Antoinette*], no qual, como o título sugeria, ela se empenhou em escrever sua opinião acerca da condenação da rainha.

poder. Zelosa administradora da fortuna da família, de Staël amava a essência da política, mas em constante fuga da polícia de Napoleão, era forçada a observá-la de uma distância extrema.²²⁴

Apesar dos inúmeros infortúnios e da insegurança gerada por tal situação, o período em que esteve afastada da França foi muito profícuo para Madame de Staël. Ela teve a oportunidade de viajar por diversos países da Europa – Inglaterra, Alemanha, Itália e Rússia; participar dos círculos sociais e letrados mais proeminentes daqueles países; aproximar-se de muitos escritores e filósofos; bem como fortalecer a crítica a Napoleão e sua política imperialista que estava crescendo em diversos países europeus.

Orientada por muitas leituras feitas sobre a Itália e nos depoimentos apaixonados que seus amigos alemães faziam sobre aquele país, encantada com a cultura que lhe era tão admirável quanto instigante, Madame de Staël decidiu que iria escrever sobre o glorioso passado italiano. Então, em dezembro de 1804 resolveu partir para a Itália com dois objetivos principais: recuperar sua saúde que estava bem debilitada e reunir documentação que serviria posteriormente para a produção de seu romance *Corinne*.

A viagem de Staël durou cerca de seis meses e embora o itinerário dela e de sua personagem *Corinne* não sejam exatamente os mesmos, a autora visitou muitos dos locais por onde *Corinne* e *Oswald* viajaram. Vários deles eram de difícil acesso e por isto pouco acessíveis às damas de seu tempo. Mas, conforme destaca Béatrice Didier, Madame de Staël não desanimou frente aos obstáculos, chegando inclusive a subir o Vesúvio revestido de caminhar com trechos em mula.²²⁵

As anotações feitas em seu diário foram muito úteis para a composição da obra. Mas também se baseou em suas leituras. Como fonte de embasamento leu Dante, Petrarca, Ariosto e Maquiavel, além é claro, como já citado, muitos de seus contemporâneos. Para completar sua pesquisa, se aproximar um pouco mais da história e da cultura italiana, Staël visitou museus e conversou com arqueólogos.

Desta forma ela solidificou seus conhecimentos sobre o país, criando as bases teóricas para produzir uma obra literária extremamente valorosa que é construída, segundo aponta Didier, sobre três pilares literários: guia de viagem, tratado sobre a Itália e romance. Segundo ela, pensar sobre esta obra, excluindo um destes pilares é limitador. Mesmo que estejamos analisando um de seus aspectos, temos que ter no horizonte a dimensão da obra, pois isto garante sua riqueza e altíssimo valor literário, conforme seus críticos não cessam de afirmar.

²²⁴ SMITH, *Op. Cit.*, p. 75.

²²⁵ Cf. DIDIER, Béatrice. *Corinne ou l'Italie de Madame de Staël*. Colection Folio, Gallimard, 1999.

Outro aspecto a ser destacado é que no romance, através do narrador onisciente, a autora postula várias questões, dá voz aos seus posicionamentos. Com a liberdade literária possibilitada por tal gênero literário, Madame de Staël teve liberdade para tratar de temas que lhe eram caros, enfatizando questões que são construídas sobre três eixos: a *retórica dos paralelos*, onde podemos observar que Madame de Staël construiu seus argumentos sempre em pares de oposição (norte x sul, Itália x Inglaterra, antigo x moderno). *Viagem à Itália*, onde a partir dos conhecimentos adquiridos em suas viagens e as leituras, Staël construiu um verdadeiro panorama sobre a cultura e história italianas. E por fim a *exposição da condição feminina*, onde a autora busca trazer à tona o papel das tradições e dos preconceitos na sujeição das mulheres.

Ao tratar das relações entre razão e paixão na obra de Madame de Staël, Bresciani destaca que no *Essai sur les Fictions* [Ensaio sobre a ficção] a autora faz considerações acerca do uso da ficção na literatura. Para ela, esta forma literária é um meio de seduzir os leitores, tocá-los pela sensibilidade. É através de suas reflexões que o autor pode tocar os jovens, fomentar o seu interesse pelos seus argumentos e assim contribuir para a formação de seu caráter, pois “a identificação com os personagens produz no leitor emoção e interesse pelo argumento, o que faz com que a “mensagem” moral que se deseja passar tenha acesso às mentes por um caminho suave e eficaz, ao contrário daqueles proporcionados pelos áridos tratados dos moralistas”²²⁶.

Por ser uma escritora proeminente, seu romance não passou em branco. Segundo Narcelli Piucco, *Corinne ou l'Italie* foi muito lido e comentado nos jornais, sendo traduzido para seus respectivos idiomas em países como Inglaterra, Itália, Alemanha e França. Devido ao grande sucesso, entre os anos de 1807 e 1810 o livro foi editado catorze vezes²²⁷.

O romance está dividido em vinte livros de três a cinco capítulos cada. Na obra, caminhando lado a lado com o enredo, a autora apresenta uma prestimosa descrição da Itália. Enfatizando sua história, cultura e costumes, Madame de Staël expõe todo seu brilhantismo ao tratar de muitas questões delicadas. Como veremos a seguir, a autora não se eximiu de declarar abertamente suas opiniões sobre a política, o papel da História, dos costumes e do caráter das nações, a influência das convenções na formação das individualidades, dos preconceitos, a questão feminina, entre tantos outros.

²²⁶ BRESCIANI, Maria Stella de. “Razão e paixão na política”. In: BLAJ, Ilana; MONTEIRO, John M. (org). *História e Utopias: textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História*. ANPUH, 1996. Disponível em <file:///C:/Users/Flora/Downloads/ANPUH.S17.01.pdf>. Acessado 03 de agosto de 2013., p. 15.

²²⁷ Cf. PIUCCO, *Op. Cit.*

Corinne é a personagem forte que dá o tom na trama. É ela quem guia Oswald nas viagens pela Itália, demonstrando conhecimento e erudição. Ao seu companheiro cabe a interlocução e a representação do conservadorismo frente ao liberalismo e às transgressões de gênero de Corinne. A relação entre eles acaba em tragédia por conta de suas ideias e concepções de mundo tão diferentes.

Corinne está muito próxima do ideal feminino de Madame de Staël. A personagem é construída como um espelho da autora. Corinne é uma mulher rica, muito culta e refinada, que acredita na liberdade feminina frente ao conservadorismo e enxerga na erudição e na *politesse* os mais belos predicados femininos. Assim como Madame d'Épinay, Madame de Staël partiu de suas experiências pessoais e de suas concepções sobre a sociedade para compor, entre outras personagens, Corinne. Ela transferiu para a escrita suas opiniões sobre a condição feminina, criando uma personagem que é a combinação de todos os atributos que ela acreditava que as mulheres deveriam ter.

O romance se inicia com a apresentação ao leitor da história de Lord Oswald, um jovem de família rica e importante, dotado de muito espírito e bela estampa. Oswald é um militar escocês de vinte e cinco anos que vive atormentado pelas lembranças e remorsos do passado. Assim, apesar de ser um jovem com um coração muito generoso e espírito justo e correto, não encontrou a felicidade.

Devido a um romance não aprovado por seu pai e o desgosto que lhe causara, Oswald vivia dominado pela melancolia, que por tão intensa acabou debilitando sua saúde e o fez viajar para respirar os ares meridionais. Partiu para a Itália para cuidar de sua saúde e curar as feridas de sua alma.

Desta forma, o primeiro livro do romance é dedicado a Oswald. Nele, Madame de Staël, além de contar sua história, é extremamente cuidadosa ao traçar o perfil psicológico da personagem:

Aos vinte e cinco anos ele se sentia desencorajado com sua vida; seu espírito julgava tudo antecipadamente, e sua sensibilidade ferida não mais experimentava as ilusões do coração. (...) Ele tinha, contudo, um caráter móvel, sensível e apaixonado; reunia tudo o que poderia impelir os outros e a si mesmo: mas a tristeza e o arrependimento haviam-no tornado tímido perante seu destino: acreditava desarmá-lo ao nada exigir dele. Ele esperava encontrar no estrito apego a todos seus deveres e na renúncia aos verdadeiros prazeres, uma garantia contra os males que cortam a alma; aquilo que experimentara causava-lhe medo e nada lhe parecia valer neste mundo a sorte de seus males: mas quando se é capaz de senti-los, que tipo de vida pode ser colocada ao abrigo?

[A vint-cinq ans il étoit découragé e la vie ; son esprit jugeoit tout d'avance, et a sensibilité blessée ne goûtait plus les illusions du coeur. (...) Il avoit cependant un caractère mobile, sensible et passionné ; il réunissoit tout ce qui peut entraîner les autres et soi-même : ais le malheur et le pénier l'avoient rendu timide envers la destinée, il croyait la désarmer en n'exigeant rien d'elle. Il espéroit trouver dans le strict attachement à tous ses devoirs, et dans le reconseillement aux jouissances vives, une garantie contre les peines qui déchirent l'âme : ce qui il avoit éprouvé lui faisoit peur, et rien ne lui paroissoit valoir dans ce monde la chance de ces peines ; mais quand on est capable de les ressentir, quel est le genre de vie que peut en mettre à l'abri ?]²²⁸.

Com uma narrativa bem elaborada a autora sensibiliza seus leitores com a história deste jovem que apesar de possuir todos os recursos materiais para ser feliz, tinha uma “sensibilidade extremamente ferida”; era atormentado pelo sentimento de culpa e arrependimento que o tornavam extremamente infeliz. A vida era para ele uma sequência de dias onde não encontrava prazer ou felicidade. As pessoas já não o interessavam mais – apesar de seu nobre coração reconhecer as virtudes individuais. Simplesmente, a vida já não lhe agradava “E o que mais caracterizava a sua infeliz situação era a vida daquela mocidade mesclada aos pensamentos duma idade avançada” [ce qui caractérisoit le malheur de sa situation, c'étoit la vivacité de la jeunesse unie aux pensées d'un autre âge].²²⁹

Antes de chegar à Itália, ele conhece o Conde Eferuil, personagem que estabelecerá ao longo da história um contraponto com a personalidade da personagem principal. O conde era um francês que havia perdido sua fortuna e que esperava ir à Itália para herdar algum dinheiro de um parente distante. Com modos muito elegantes, de espírito dócil e atencioso, logo cativou a simpatia de Oswald, que o convidou para ser seu guia enquanto estivesse na Itália. Porém, apesar da empatia, a autora evidencia que suas personalidades são muito distintas.

Ambos foram homens ligados aos exércitos de seus países e apesar dos privilégios que sua classe social lhes proporcionara, tanto Oswald, como o Conde haviam sofrido grandes reveses na vida. Porém, o modo como se relacionavam com seus problemas era bastante diferente. Enquanto o primeiro havia se tornado introspectivo e melancólico, o segundo apresentava um desprezo pela desgraça. Como Madame de Staël coloca:

(...) era doce, obsequioso, fácil no trato, sério somente com o amor-próprio, e digno de ser amado como amava, isto é, como um bom companheiro dos prazeres e dos perigos, mas não compreendia nada sobre compartilhar os males. Estava cansado da melancolia de Oswald, e por ter bom coração, tanto quanto por gosto, desejava dissipá-la.

²²⁸ STAËL, Madame de. *Corinne ou l'Italie*. Paris: Editions des Femmes, 1979. pp. 21 -22.

²²⁹ *Ibidem*, p. 23.

[(...) étoit doux, bligant, facile em tout, serieux seroeux seulement dans l'amour-pope, et digne d'être aié comme il aimoit, c'est-à-dire comme un bon camarade de plisirr et de périls mais il ne s'endroit point au patarge des peines. Il s'ennuyoit de la mélancolie d'Oswald, et par bon coeur, autat pat le goût, il auroit souhaité de dissiper.]²³⁰

O encontro entre os dois personagens permite que Madame de Staël sinalize pela primeira vez no romance a importância que atribuía à pátria na formação dos indivíduos. Ao longo do romance fica evidente que para a autora os indivíduos, sua formação moral e psíquica, são frutos de sua nacionalidade.

Logo que chega à Itália Oswald conhece Corinne, uma mulher que à primeira vista o intriga e o encanta. Seus olhares se encontram pela primeira vez no momento em que ela era homenageada pelo povo italiano, recebendo, “à moda dos antigos”, a coroação no Capitólio.

Muitos homens e mulheres ocupavam as ruas enfeitadas à sua espera e enquanto aguardavam não cessavam de exaltar seu gênio inigualável e seu talento excepcional:

Um dizia que sua voz era a mais tocante da Itália, outro, que ela dançava como uma ninfa e que desenhava com tanta graça quanto com imaginação: todos diziam que jamais se escreveu ou se improvisou tão belos versos, e que, na conversa habitual, ela tinha, de modo alternado, uma graça e uma eloquência que encantavam o espírito.

[L'um disoit eu a voix étoit la plus touchante d'Italie ; l'autre, que presonne ne jouit la tragédie comme elle ; l'autre, q'elle dans comme une nynphe, ey qu'elle dessinoit avec autant de grâce que d'invention : tous disoient qu'on n'avoit jamais écrit ni improvisé d'aussi beaux vers, et que, dans la conversation habiuelle, elle avoit tour à tour une grâce et une éloquence qui charoin tous les esprits.]²³¹

Oswald percebe como os italianos a admiravam e respeitavam. Mesmo sem saber ao certo o que esperar, aguardava ansiosamente para conhecer a homenageada que estava chegando num cortejo majestoso, com sua carruagem puxada por quatro cavalos brancos, evidenciando seu esplendor.

Notamos que a narrativa construída pela autora é muito cuidadosa neste trecho, pois cada palavra é cuidadosamente escolhida para descrever o momento, a imagem de Corinne e os sentimentos que ela despertava:

(...) os quatro cavalos que puxavam a charrete de Corinne se colocaram no meio da multidão. Corinne estava sentada na charrete, construída à moda antiga, e jovens meninas, vestidas de branco, andavam a seu lado. Por onde ela passava, lançava-se, abundantemente, perfumes no ar; todos iam para as janelas para vê-la e estas janelas eram decoradas, pelo lado de fora, com potes de flor (...) Ela estava vestida como uma

²³⁰ STAËL, *Op. Cit.*, p. 23.

²³¹ *Ibidem*, p. 44.

Sibila de Dominiquin: um xale da Índia envolto na cabeça, e seus cabelos, do mais belo negro, entremeados a esse xale; seu vestido era branco, tecidos azuis estavam presos abaixo de seus seios, e sua roupa era muito pitoresca, não se afastando muito, contudo, dos costumes habituais a ponto de ser-lhe atribuída afetação. Sua atitude na charrete era nobre e modesta: percebeu-se que ela estava contente de ser admirada, mas um sentimento de timidez misturava-se à sua satisfação e parecia pedir perdão por seu triunfo; a expressão de sua fisionomia, de seus olhos, de seu sorriso, cativavam (...) Seus braços eram de uma beleza estonteante; alta, mas um pouco forte, à maneira das estátuas gregas, caracterizando energicamente a juventude e a felicidade; seu olhar tinha algo de inspirador. Via-se, na sua maneira de saudar e de agradecer os aplausos que recebia, algo de natural que provinha do brilho da situação extraordinária na qual ele se encontrava; ela dava, ao mesmo tempo, a ideia de uma sacerdotisa de Apolo, avançando em direção ao templo do Sol, e de uma mulher perfeitamente simples nas relações habituais da vida; enfim, todos os movimentos tinham um charme que excitava o interesse e a curiosidade, a surpresa e a afeição.

[...] Les quatre chevaux blancs qui traînoient le char de Corinne se firent place au milieu de la foule. Corinne étoit assise sur ce car construit à l'antique, et des jeunes files, vêtues blanc, marchaient à côté d'elle. Partout où elle passait, l'on jetoit en abondance des parfums dans les airs ; chacun mettoit aux fenêtres pour avoir, et ses fenêtres étoient parées en dehors de pots de fleurs (...). Elle étoit vêtue comme une Sibille du Dominiquin, un schall des Indes tourné autour de sa tête, et ses cheveux, de plus beau noir, entremêlés avec ce schall ; e robe étoit blanche, une draperie bleue se rattachoit au-dessous de son sein, et son costume étoit très-pittoresque, sans s'écarter cependant assez des usages reçus, pour que l'on put y trouver de l'affection. Son attitude sur le char étoit contente d'être admirée ; mais un sentiment de timidité se mêloit à sa joie, et sembloit demander grâce pour son triomphe ; l'expression de sa physionomie, de ses yeux, son sourire, intéressoit pour elle (...) Ses bras étoient d'une éclatante beauté, sa taille grande, mais un peu forte, à la manière des statues grecques, caractérisoit énergiquement la jeunesse et le bonheur, son regard avoit quelque chose d'inspiré. L'on voyoit dans sa manière de saluer, et de remercier pour les applaudissements qu'elle recevoit, une sorte de naturel qui relevoit l'éclat de la situation extraordinaire dans laquelle elle se trouvoit ; elle donnoit à la fois l'idée d'une prêtresse d'Apollon, qui s'avançoit vers le temple du Soleil, et d'une femme parfaitement simple dans les rapports habituels de la vie, enfin tous ses mouvemens avoient un charme qui excitoit l'intérêt et la curiosité, l'étonnement et l'affection.]²³²

Naquele instante um misto de emoções tomou conta de Oswald. Ele sentiu-se eufórico e ansioso. Estava inquieto com a comoção que Corinne causava em todos aqueles italianos. O fato de ela ser uma mulher o intrigava ainda mais, já que aquela não era uma situação comum em sua cultura. Contudo, ele não deixou de se admirar com a situação, elogios e gentilezas que eram à ela dedicados – muitos poetas romanos tinham escrito sonetos e odes em seu louvor. Então, não tardou para arranjar um encontro com aquela dama de espírito mais gracioso que até então conhecera.

Com a ajuda do Conde Eferuil, Oswald vai até a casa de Corinne, local onde ela reunia os espíritos mais elegantes e admiráveis da Itália. Lá, sociabilidades ao modo dos salões

²³²*Ibidem*, pp. 45 – 46.

franceses eram promovidas e com sua graciosidade e exímia desenvoltura como anfitriã, cativava a admiração de todos.

Porém, seus predicados não paravam por aí. Corinne era uma erudita. Demonstrava conhecimento de música, pintura, teatro, literatura, poesia e história. Desta forma, a partir de seus conhecimentos e boa desenvoltura na arte de receber despertava a admiração e ganhava o reconhecimento de seus pares.

Apesar de seu encanto imediato, Oswald não deixou de sentir certo estranhamento com alguns hábitos da moça. Em primeiro lugar, ela não revelava sua origem, o nome de família. Mesmo seus amigos mais próximos não sabiam ao certo sua origem:

Discutia-se para saber em qual cidade da Itália nascera; mas os Romanos sustentavam enfaticamente que era preciso ter nascido em Roma para falar italiano com aquela correção. Seu sobrenome era ignorado. Sua primeira obra aparecera cinco anos antes, e trazia apenas o nome de Corinne. Ninguém sabia onde ela vivera, nem o que fora antes dessa época, tendo agora aproximadamente vinte e seis anos. Este mistério e esta publicidade ao mesmo tempo, esta mulher de quem todo mundo falava e cujo verdadeiro nome ninguém conhecia, pareceram ser, para lord Nelvil, uma das maravilhas do país singular que ele viera conhecer. Na Inglaterra ele teria julgado com muita severidade tal mulher, mas não aplicava à Itália nenhuma das conveniências sociais, e a coroação de Corinne inspirava-lhe sobretudo um interesse que poderia fazer nascer uma aventura de Ariosto.

[On diputoit pour savoir quelle ville d'Italie lui avoit donnée la naissance ; mais les Romains soutenoient viement qu'il faloit être né à rome pour parler l'italien avec cette pureté. Son nom de famille étoit ignoré. Son premier ouvrage avoit paru cnq ans auparavant, e portoit seulement le nom de Corinne. Prsonne ne svoit où elle avoit maintnt à peu près vingt-six ans. Ce mystère et cette publicité tout à la fois, cette femme dont tout le monde parloit, et dont on ne connoissoit pas le véritale nom, paruret à lord Nelvil l'une des merveilles du singulier pays qu'il venoit voir. Il auroit jugé très-sévèrement uns telle femme en Angleterre, mai il n'appliquoit à l'Italie aucune des convenances sociales, et le couronnement uns aventure de l'Arioste.]²³³

Por si só já era um comportamento que intrigava por demais o jovem inglês que acreditava ser a família fundamental para a identidade e o reconhecimento individual – principalmente para as mulheres, que deveriam sempre se resignar ao nome e às imposições familiares.

Outra fonte de inquietação era o comportamento livre de Corinne, já que ele era de um país onde o modelo de comportamento feminino era muito distinto do dela, que valorizava o conhecimento, as belas artes e a História. Ela era uma mulher que claramente buscava a felicidade, seja declamando poemas, tocando sua lira ou mesmo interpretando peças de Shakespeare. Enfim, era um espírito livre e autêntico, que mexia com as verdades e

²³³*Ibidem.*, p. 40.

representações de gênero de um homem que estava acostumado ao modelo feminino pautado na submissão e atuação circunscrita ao ambiente doméstico.

Com o passar dos dias, o carinho e a intimidade entre eles foi crescendo. Eram raros os momentos que não estavam na companhia um do outro. Apesar de inicialmente Oswald ter cogitado a possibilidade de seu companheiro em solo italiano ser somente o Conde Eferuil, o destino o surpreendeu e sua companheira nas viagens pela Itália passou a ser Corinne. Ela era a guia dos passeios que faziam primeiramente em Roma e posteriormente em outros lugares. Em cada visita aos monumentos e construções históricas, Corinne contava as histórias que ali haviam sido consagradas; narrava acontecimentos da Antiguidade e do Renascimento, sem esquecer de citar os grandes personagens históricos e a importância das artes e da literatura na construção do passado esplendoroso da cultura italiana.

A História é uma questão muito importante em *Corinne ou l'Italie*. A aproximação e convívio de Corinne e Oswald são permeados pela história da Itália. Como citado, eles se encontram pela primeira vez quando ela era “coroada à moda dos antigos” (palavras da própria Madame de Staël), e seus encontros são, em sua maioria, visitas às construções e aos monumentos históricos. Suas conversas são pautadas em questões históricas e culturais dos países, sobretudo a Itália. Nestas discussões questões sobre a civilização, artes e política são levantadas e os pontos de vista das personagens expostos. Logo, notamos o quanto a História é uma questão cara à autora, tanto para a compreensão dos países, como para a formação individual – já que para ela a formação individual não está dissociada da nacionalidade; muito pelo contrário, sofre influência direta dela. Ao viajarem pelas regiões italianas, conheceram diversas construções - Coliseu, Igreja de São Pedro, Capitólio – e através da voz de Corinne, Staël disserta sobre suas impressões da Itália e de seu povo.

Desta forma, percebemos que para Staël os monumentos são resquícios representativos de um passado glorioso. Eles retomam períodos (principalmente a Antiguidade e o Renascimento) do esplendor, elegância pelo gosto; enfim, uma cultura primorosa. Para ela, a arte romana, suas construções históricas e monumentos são representações do gênio italiano, e não um fim em si, mas estão intrinsecamente relacionadas com o esplendor da Itália e de seu povo. Mesmo que subliminarmente, fica evidente que estes monumentos são parte de uma história que deve ser lembrada para servir de exemplo. Logo, Madame de Staël partilha da concepção dos historiadores do século XVIII, a da história exemplar na qual o passado é resgatado e valorizado por sua importância para o presente.

Corinne era uma mulher muito intensa, que provocava sentimentos controversos em Oswald, que se a admirava e desejava estar ao seu lado vivendo momentos sublimes de felicidade e liberdade, também sentia aflorarem sentimentos antigos de culpa e melancolia.

Apesar de perceber que eram muito diferentes, aos poucos o encantamento inicial de Corinne por Oswald foi se transformando em amor. Contudo, a felicidade pelo sentimento recíproco não era o único sentimento aflorando em suas almas. A ansiedade e as incertezas estavam corroendo seus sentimentos mais puros.

Corinne conhecia os costumes ingleses nos quais Oswald fora criado - e que desta forma estavam arraigados em sua alma. Desta forma, mesmo se sentindo feliz por ter cativo seu coração, sentia uma grande insegurança, pois não sabia até que ponto os preconceitos do seu amado não sobressairiam ao amor. Em carta, Corinne declara:

Repito, milorde, desculpe-me por este amor por minha pátria, que me faz querer que ela seja amada por um homem como o senhor, e não julgue, em absoluto, com a severidade inglesa, os testemunhos de benevolência que uma italiana crê poder dar, sem nada perder aos olhos dela nem aos seus.

[Je le répète, mylord, pardonnez-moi cet amour pour ma patrie, qui me fait aimer d'un homme tel que vous ; et ne jugez point avec la sévérité anglaise les témoignages e bienveillance qu'une Italienne croit pouvoir donner, sans rien perdre à ses yeux, ni aux vôtres.]²³⁴

Ao receber a carta Oswald sente seu coração saltar de alegria. Ele que vivia oprimido pela tristeza, se sentia mais leve. Todos seus pesares e temores se desfaziam no seio da esperança. Porém, este novo amor não o fizera esquecer sua história. Ele se sentia imensamente culpado com esta relação que ia ao desencontro de suas convicções, aos pressupostos de sua formação, que somados ao peso da culpa pela perda do pai, lhe causavam extremo desconforto. Contudo, mesmo com esses sentimentos conflituosos aos poucos ele foi se entregando às emoções inesperadas e intensas que seu amor por Corinne propiciava. Contudo, seu sentimento não conseguiu ser pleno e leve.

Assim, por mais que ambos sentissem uma paixão avassaladora, este não era o único sentimento aflorando. Os dois tinham consciência que mesmo que houvesse uma força que os unisse, também havia um abismo que os separava. Enquanto Corinne sentia-se pequena frente à força dos austeros costumes ingleses, Oswald tinha acessos de melancolia, pois se sentia dominado pelos encantos de Corinne e sabia que seu pai não aprovaria esta relação:

²³⁴ STAËL, *Op. Cit.*, p. 86. Vol. II

Ainda que não tivesse dado sua palavra de que fosse desposar Lucile Edgermond, ele sabia que a intenção de seu pai fora a de dar-lhe como esposa, e ele teria que se conformar. Enfim, Corinne não era conhecida por seu verdadeiro nome, e levava, há muitos anos, uma vida demasiadamente independente; um casamento como esse não teria obtido (lord Nelvil acreditava) a aprovação de seu pai, e ele sentia que não era deste modo que poderia expiar seus erros para com ele.

[...] Il eût pas donné sa parole d'épouser Lucile Edgermond, il savoit que l'intention de son père avoit été de la lui donner pour femme, et il désiroit s'y conformer. Enfin Corinne n'étoit point connue sous son véritable nom, et même, depuis plusieurs années, une vie beaucoup trop indépendante ; un tel mariage n'eût point obtenu (lord Nelvil le croyoit) l'approbation de son père, et il sentoit que ce n'étoit pas ainsi qu'il pouvoit expier ses torts envers lui.²³⁵

Em diálogo com Oswald, ela completa:

Mas a vida, sei, não pertence inteiramente ao amor. Os hábitos, as lembranças, as circunstâncias criam à nossa volta não sei qual enlace que nem mesmo a paixão pode destruir.

[...] la vie, je le sais, n'appartient pas tout entière à l'amour. Les habitudes, les souvenirs, les circonstances créent autour de nous je ne sais quel enlacement que la passion même ne peut détruire.²³⁶

Contudo, mesmo com este turbilhão de sentimentos controversos, em seu íntimo os dois passaram a considerar a união matrimonial – mesmo que este compromisso tivesse significados muito diferentes para os dois.

Estes sentimentos se intensificam quando Oswald descobriu que Corinne era filha de um importante lorde inglês e que havia sido prometida para ser sua esposa, mas devido ao seu comportamento vívido e espírito livre, tinha sido considerada inadequada pelo pai de Oswald que escolheu sua irmã, Lucile, para desposá-lo.

Os dois acreditavam que o futuro era incerto. Procuravam não fazer planos, buscando com isto, viver o presente, com aquilo que tinham em mãos. Contudo, eles não podiam evitar seu passado para sempre. Após evitarem falar do passado, ou especular sobre o futuro, decidem contar suas histórias.

Oswald o faz primeiro. Através de uma carta narrava que quando esteve na França se apaixonou perdidamente e estabeleceu um relacionamento com Madame d'Arbigny. Porém, apesar do enorme amor que sentiam, não se casaram. Seu pai, sabendo dos acontecimentos e temendo que o filho se casasse com tal francesa, frequentemente escrevia-lhe pedindo que regressasse ao seu país, que voltasse para seu lar. Mas ele não obedeceu aos chamados paternos.

²³⁵ STAËL, *Op. Cit.*, p. 114.

²³⁶ *Ibidem, idem.*

Mesmo sabendo que o pai estava doente Oswald se deixou levar pelos caprichos de sua amada e quando descobriu seu caráter já era tarde. Quando decidiu voltar para a Inglaterra, após mais de um ano longe de sua terra natal, seu pai havia falecido muito decepcionado com a sua conduta. Desde então ele se culpava pela melancolia que tomara conta da alma de seu pai e que o levou ao leito de morte.

Ao final de sua narrativa Oswald deixou claro para Corinne que já havia errado uma vez ao não seguir seu destino, tentando se desvencilhar dos costumes e compromissos que estavam a ele atrelados, causando desgosto àquele a quem mais devia lealdade e respeito. Essa era sua maior dor, o motivo da culpa que lhe acompanhava.

Mesmo não se sentindo bem com todas estas revelações, Corinne decide cumprir sua palavra e conta sua história para Oswald. Para isto, ela entrega seu caderno de anotações ao jovem rapaz. Nele contava que era filha de uma jovem artista italiana e de um importante lorde inglês. Que viveu durante os primeiros anos de sua vida na Itália, cercada de arte e história. Foi incentivada desde cedo a refinar seus predicados e a buscar a felicidade. Porém, sua vida sofreu um revés. Com a morte da sua mãe ela foi mandada para morar com o pai na Inglaterra. Apesar de ele ser muito carinhoso e demonstrar nobres sentimentos em relação à filha, sua vida naquele país tinha sido muito difícil.

Ela declarou que não conseguira se adaptar aqueles costumes severos e às rígidas regras às quais era submetida. Seu pai havia se casado novamente e com sua madrasta teve mais uma filha, Lucile. Na carta Corinne declarava que tinha grande carinho pela irmã, que desde pequena já apresentava traços de que seria uma dama inglesa, mas nem este laço de ternura conseguira aproximar Corinne dos costumes ingleses e de sua madrasta, Lady Edgermond – que para ela era a personificação de todos os costumes femininos e de dignidade tão valorizados pelos ingleses.

Em tom melancólico e com grande dor em suas palavras, Corinne afirmava que logo que chegou à casa paterna Lady Edgermond se incumbiu de tirar todos os seus “maus hábitos italianos”. Ela fora proibida de recitar versos, de cantar ou mesmo “tagarelar” durante as refeições e, sobretudo, tratar de assuntos que não eram pertinentes às meninas de sua idade e posição como, por exemplo, o amor.

Em tom repreensivo, Lady Edgermond advertiu a pequena Corinne:

Minha querida criança, aqui não é como na Itália, as mulheres não possuem outra vocação senão as tarefas domésticas; seus dons vão entretê-la na sua solidão; talvez você venha a ter um marido que se contentará com isso: mas, em uma cidade pequena como esta, tudo o que chama a atenção, atrai inveja, e você não conseguirá se casar

se se acreditar que você tem gostos estranhos aos nossos hábitos; aqui, a maneira de existir deve ser submetida aos antigos hábitos de uma província longínqua.

Ma chère enfant, ce n'est pas ici comme em Italie. Les femmes n'ont d'autre vocation parmi ous que les devoirs domestiques ; les talentsue vous avez vous désennuieront dans la solitude peu-être aurez- vous un mari qui s'en fera plisir : mais dans une petite ville comme celle-ici, tout ce qui attire l'attention excite l'envie, et vous ne trouveriez pas du tout à vous marier, si l'on croyoit que vous avezdes goûts étrangers à nos moeurs : ici la manière d'exister doi être soumise aux anciennes habitudes d'une province éloignée.²³⁷

Segundo Corinne, para os costumes severos dos ingleses sua individualidade, seus gostos e virtudes de nada valiam; eram considerados motivo de desagrado e vergonha. Isto a foi tornando muito infeliz, sentia que estava sendo sufocada pelos costumes. Porém, mesmo com todas estas dificuldades seu pai tentou arranjar-lhe um pretendente. Para o espanto de Oswald, este pretendente era ele mesmo.

O pai de Corinne, lorde Edgermond, e o pai de Oswald, lorde Nelvil, eram muito amigos, devido a isto o pai da moça propôs o casamento. Mas, após conhecê-la, lorde Nelvil não concordou com o enlace e propôs que o compromisso fosse selado entre Oswald e a filha mais nova de lorde Edgermond, Lucile. E assim foi acordado. Oswald e Lucile deveriam se unir em matrimônio tão logo ela atingisse a idade para o casamento.

Sem compromisso firmado, com a morte de seu pai, Corinne solicitou à sua madrasta autorização para retornar à Itália para poder viver à sua maneira. Seu pedido foi aceito, mas com duas condições. Lady Edgermond a proibiu de usar o nome de sua família e de jamais regressar, já que seria dada como morta.

Com esta história Corinne sanou as dúvidas de Oswald. Agora ele entendia o motivo para ela não utilizar o nome de sua família, de não mencionar seu passado. Porém, estas revelações trouxeram à tona uma dolorosa verdade: Corinne fora cogitada para ser sua esposa e rejeitada por seu pai, que escolheu a irmã da moça para desposar Oswald.

Quando finalmente descobriram essa história, o amor de Oswald e Corinne assaltado por uma profusão de sentimentos controversos, entra em crise. Apesar do temor da separação devido ao peso das convenções sociais, eles decidem ficar juntos e lutar por seus sentimentos.

Assim, ele parte para a Inglaterra a fim de reabilitar Corinne junto à sua família e à sociedade já que ela era considerada morta. Porém, ao se deparar de novo com sua cultura, novos sentimentos adormecidos vêm à tona.

Por um desencontro de informações e opiniões, Oswald acredita ter sido esquecido por Corinne. Ao acreditar nesse abandono, aliado ao tormento de suas descobertas sobre a opinião

²³⁷*Ibidem*, pp 87 – 88.

do seu pai sobre ela, bem como o peso dos costumes de seu país no que dizia respeito ao matrimônio e ao lugar das mulheres, fez com que Oswald se casasse com Lucile.

Corinne que era uma mulher forte, livre e independente, sucumbiu frente à sua paixão por Oswald. Sentindo-se abandonada e traída por seu grande amor, ela perdeu o brilho e a graciosidade. Sua força física foi se esvaindo à medida que a dor pelo amor perdido vai se espalhando por sua alma.

O amor verdadeiro, que nascera da admiração e do respeito não conseguiu vencer as diferenças culturais e as convenções sociais. O sentimento que os unia era também o mesmo que plantava dúvidas. Como já dito, Oswald tinha uma concepção de gênero muito marcada pelas obrigações sociais tradicionais atribuídas às mulheres. Corinne representava a transgressão, pois sabia que não poderia se adequar ao modelo feminino que ele aprovava.

Quando estavam vivendo o amor, o destino, assim como o passado, representavam fonte de angústia. Tentavam aproveitar o presente porque em seu íntimo sabiam que haveriam de enfrentar muitos empecilhos. Mesmo quando cogitaram a hipótese de se unir em matrimônio, sabiam também que cada um tinha uma concepção diferente do casamento.

Para ambos a realização do matrimônio representava uma traição ao que acreditavam, ao seu destino. Para Oswald pensar no casamento implicava inserir Corinne em seu mundo e seu amor na ordem social. Além de ser um meio de proteger sua amada dos olhos maldosos de seus conterrâneos, de dar-lhe um nome e uma família – mesmo que isto representasse traição ao seu pai e seus compromissos com Lucile. Já para Corinne o casamento representava a perda de sua liberdade. Ela temia que com este enlace perdesse também sua identidade:

No entanto, o que havia de singular e de independente no gênero de vida que adotara devia inspirá-la a manter-se longe do casamento; e certamente ela teria rejeitado essa ideia caso seu sentimento não a tivesse cegado a respeito de todo a dor que ela sofreria desposando um inglês e renunciando à Itália.

[Néanmoins, ce qu'il y avoit de singulier et d'indépendant dans le genre de vie qu'elle avoit adopté, devoit lui inspirer de l'éloignement pour le mariage, et sûrement, elle en auroit repoussé l'idée, si son sentiment ne l'eût pas aveuglée sur toutes les peines qu'elle auroit à souffrir en épousant un Anglais, et en renonçant à l'Italie.]²³⁸

Ela era um espírito livre que valorizava sua independência e felicidade individual. Atormentava-lhe a ideia de ter que ser submissa a um marido ou mesmo a uma cultura com a

²³⁸*Ibidem*, p. 150.

qual não se afinava. Além disto, a possibilidade de ter que viver novamente na Inglaterra, sob os costumes severos que a tinham feito imensamente infeliz, era fonte de angústia.

Madame de Staël dá voz aos seus preceitos sobre matrimônio através de Corinne. A autora foi uma mulher que buscou viver o amor e a sexualidade de maneira livre. Lutou com todas as suas forças para ser senhora do seu destino. Como já citado, quando jovem seus pais encontraram um pretendente que ela desaprovava, William Pitt, um jovem inglês com aspirações políticas liberais. Porém, mesmo desagradando profundamente sua mãe, ela repeliu o pretendente e assumiu ela mesma a busca por um marido. Tal fato foi motivo de discórdia entre mãe e filha e mesmo em seu leito de morte, Suzanne Necker não deixou de se manifestar sobre seu profundo desapontamento e tristeza com a decisão da filha.

Mesmo se sentindo culpada pela decepção que causou à sua mãe, Germaine buscou trilhar seu caminho²³⁹. Ela escolheu para marido o embaixador sueco em Paris, o barão Erik de Staël-Holstein. Este foi um casamento de conveniência. Biógrafos, tal qual Cristhofer Herold, afirmam que a principal motivação da jovem em se casar era emancipar-se, livrar-se do pesado jugo materno. Devido a isto, a agora baronesa de Stäel, escolheu o pretendente que lhe conveio. Um homem muito mais velho, com uma boa posição social e que era muito compreensivo. Porém, mesmo sendo um casamento baseado no companheirismo e na compreensão o divórcio ocorreu em 1797.²⁴⁰

Livre como a sua personagem Corinne, Madame de Staël não buscou ser um exemplo de integridade moral aos olhos da sociedade. Ela vivia conforme lhe convinha. Atreveu-se a escrever sobre política. Além do mais, manteve ao longo de sua vida muitos casos amorosos. Assim como Corinne, vivenciou sua sexualidade de forma livre. Não reprimiu desejos em nome de uma cultura que para ela, era fonte de opressão e infelicidade.

Mesmo que não tenha declarado diretamente, a autora evidencia que o amor entre Corinne e Oswald se concretizou por que Corinne deu o primeiro passo, pois Oswald não teve coragem para tal aproximação. A iniciativa da confissão e declaração dos sentimentos de ambos foi dela. Todas atitudes transgressoras que afrontavam muitos dos pressupostos de gênero da época.

²³⁹ Destacamos que um importante eixo de análise que o romance *Corinne ou l'Italie* nos oferece é relacionar a relação entre Oswald e seu pai e de Lady Edgermond e Corinne. Acreditamos que o sentimento de culpa de Oswald em relação ao pai (muito relacionado às questões matrimoniais do jovem), e o peso da uma educação austera e fria na juventude de Corinne, são analogias do relacionamento e sentimentos materno-filiais entre Madame de Staël e sua mãe, Suzanne Necker.

²⁴⁰ Cf. HEROLD, *Op. Cit.*

Oswald sofria com todos os pesares que aquele amor lhe causava. Vivia atormentado por não conseguir se desprender de seus valores e ser feliz. No meio de seus questionamentos, de sua insegurança frente aquela moça que representava o avesso de seus valores, ele questiona sua amada acerca de seu passado e ela lhe responde “sou livre e vos amo como nunca amei ninguém. Que mais podeis exigir? (...)” [je suis libre, et je vous aime comme je n’ai imé, répondit Corinne; que voule-vous de plus?]²⁴¹

Acreditamos que por meio de Corinne Madame de Staël defendeu que as mulheres deveriam ser donas de seus desejos e de sua vida amorosa e que estes são os meios para se atingir a felicidade.

Notamos como a oposição entre as convenções sociais e a felicidade é uma questão muito cara para Madame de Staël. Corinne era uma mulher livre que tinha todos os instrumentos para encontrar a felicidade: era muito rica, culta, admirada e, além do mais, tinha encontrado o amor. Porém, mesmo que este sentimento fosse correspondido, as amarras psicológicas de Oswald impediram que eles ficassem juntos e conseguissem vivenciar o amor de forma livre. Estas eram amarras tão arraigadas que ele se sentia menos culpado sendo infeliz, mas respeitando-as, do que sendo feliz, mas rompendo com a tradição familiar e dos costumes de seu país.

Embora Madame de Staël discorra sobre a perversidade dos costumes, fica claro que para ela esta é uma força avassaladora da qual é muito difícil se desvencilhar. Ela sabia que as tradições e os costumes são forças tão irresistíveis quando cruéis. Mesmo Corinne, que recebeu uma educação afastada das obrigações sociais convencionais tinha consciência que mesmo o mais sublime e intenso dos sentimentos não podia se sobrepor a elas:

Mas a vida, sei, não pertence inteiramente ao amor. Os hábitos, as lembranças, as circunstâncias criam à nossa volta não sei qual enlace que nem mesmo a paixão pode destruir. Partido, por um momento, ele se reconstruirá, e a hera voltará ao pé do carvalho.

[Mais l’avie, j’en sais, n’appartient pas tout entière à l’amour. Les habitudes, les souvenirs, les circonstances créent autour de nous j’en sais quel enlacement que la passion même ne peut détruire. Brisé pour un moment, il se reformerait, et l’ierre viendrait à bout du chêne.]²⁴²

Ao narrar o estranhamento que a cultura e os costumes ingleses lhe causaram, Corinne não poupou críticas à submissão desmedida tão presente entre os indivíduos. Para ela, todos

²⁴¹ STAËL, *Op. Cit.*, p. 123.

²⁴² *Ibidem*, p. 201.

seus conhecimentos e vivacidade nada valiam naquela cultura onde apenas se valorizava a perpetuação de regras e comportamentos. Afirmava que a entristecia não poder colaborar com ideias, ou usar a criatividade e espontaneidade em seu cotidiano, pois estas eram atitudes consideradas inadequadas. O que mais causava estranhamento era a conformidade das mulheres, que para ela nasciam e morriam sem ter vivido de verdade:

O nascimento, o casamento e a morte compunham toda a história de nossa sociedade, e esses três acontecimentos se diferenciavam mais aqui do que em outros lugares. Imaginem o que era, para uma italiana como eu, ficar sentada à mesa de chá várias horas por dia após o almoço, com as amigas de minha sogra. Ela se compunha de sete mulheres, as mais austeras da província, duas das quais, senhoritas de cinquenta anos, tímidas como aos quinze, mas muito menos alegres do que naquela idade.(...)Às vezes, passava dias inteiros com as amigas de minha sogra, sem escutar uma palavra sequer que correspondesse a uma ideia ou a um sentimento; não eram permitidos nem gestos ao falar; via-se no rosto das jovens o mais belo frescor, as cores mais vivas, e a mais perfeita imobilidade: singular contraste entre a natureza e a sociedade! Todas as idades tinham prazeres semelhantes: tomava-se chá, jogava-se whist, e as mulheres envelheciam fazendo sempre a mesma coisa, ficando sempre no mesmo lugar: o tempo estava certo de que não as perderia, ele sabia onde agarrá-las. (...) Havia algumas que, pela natureza e pela reflexão, desenvolveram seu espírito, e eu descobrira algumas entonações, alguns olhares, algumas palavras ditas em voz baixa, que escapavam ao aceitável; mas a menor opinião provinciana, - entretanto, toda poderosa em seu pequeno círculo-, sufocava inteiramente esses germes: pareceríamos rebeldes, mulheres de virtude duvidosa, caso tivéssemos decidido falar, nos mostrando de certa forma; e, o que era pior que todos os inconvenientes, não havia nenhuma vantagem nisso.

[La naissance, le mariage et la mort composoient tout ela histoire de notre société, et ces trois évènements différoient là moins qu'ailleurs. Représentez- pour vous ce que c'étoit pour une Italienne comme moi, que d'être assise autor d'une table à thé plusieurs heures par jour après dîner, avec la société les plus graves em province; deux d'entre eles étoient des demoseiles de cinquante ans, timidez comme à quinze, mais beaucoup moins gaies qu'à cet âge. (...) Je passois quelquefois des jours entiers dans les sociétés de ma belle-mère, sans entendre dire um mot qui répondît ni á une idée, ni à um sentiment; l'on ne se permettoit pas même de gestes em parlant; on voyoit sur le visage des jeunes filles la plus belle fraîcheur, les couleurs les plus vives, et la plus parfaite immobilité: singulier contrase entre la nature et la société. Tous âges avoient des plaisirs semblables: l'on prenoit le thé, l'on jouoit au whist, et les femmes vieillissoient en faisant toujours la même chose, en restant toujours à la même place. (...) Il y en a avoit quelques-unes qui, par la nature ey la réflexion, avoient développé leur esprit, et j'avois découvert quelques accens, queque regards, quelques mots dits à voix basse, qui ortoient de la ligne comunue; mais l'apetite opinion de petite pays, toute-puissante dans son petite cercle, étouffoit entièrement ces germes: on auroit eu l'air d'une muvase tête, d'une femme de vertu douteuse, si l'on s'étoit livré à parler, à se montrer de qualquer manière; et ce qui étoit pis que tou les incovénients.]²⁴³

Como podemos observar, a questão cultural é muito importante para Madame de Staël, pois, embora ela reconheça que cada indivíduo é único, é a cultura – bem como a educação

²⁴³ STAËL, *Op. Cit.*, pp. 91 – 93.

recebida - que vai moldar-lhe o espírito. Logo, uma cultura austera, que é centrada na perpetuação de hábitos, forma mulheres submissas e sem brilho – já que suas potencialidades são tolhidas em nome das convenções sociais. Para Madame de Staël, numa cultura na qual se privilegia o desenvolvimento das potencialidades humanas, que valorize a educação, a liberdade e a criação, os indivíduos têm maiores chances de desenvolver seu espírito e encontrar a felicidade.

Ao longo do romance este questionamento é tratado de forma muito cuidadosa pela autora. Através de Oswald e Corinne, Madame de Staël se preocupa em apresentar opiniões contrárias sobre o peso das tradições na vida dos indivíduos. Ele defende o respeito aos costumes e ela os questiona:

Não creio, respondeu lorde Nelvil, que comprometa Corinne mostrando a afeição que ela me inspira: mas se isto fosse verdade, eu ficaria demasiado feliz que a devoção de minha vida...

– Ah! Por favor, interrompeu o conde d’Erfeuil, não acredito em nada disso; só se é feliz pelo que é conveniente. A sociedade tem, não importa o que façamos, um forte domínio sobre a felicidade; e aquilo que ela não aprova, não se deve jamais fazer.

– Viveríamos, portanto, sempre em função do que a sociedade dirá sobre nós, retomou Oswald; e o que pensamos e sentimos não nos servirá jamais de guia! Se fosse assim, se devêssemos imitar constantemente uns aos outros, para que serviria uma alma e um espírito para cada um de nós?

[– Je ne crois pas respondis lord Nelvil, que je compromete Corinne, en montrant l’attachement qu’elle m’inspire; mais si cela étoit vrai, je serois trop heureux que le devoement de mas vie...

- Ah! Pour heureux, interrompit le comte d’Erfeuil, je n’en crois rien; on n’est heureux que parce qui est convenable. la société a, quois c’on face, beaucoup d’empire sur le Bonheur, et c’est qu’elle n’approuve pas, el ne fous jamis le faire.

- On devroit dn toujours pour ce que a société dirá de nous, repris Oswald; et ce qu’on pense et ce qu’on sent ne et viroit jamais de guide! S’il en entouit ainsi, si l’on devoit si mettre constenment les uns et les autres, à quois une bonee une l’âmé et un esprit pour chace un?]²⁴⁴

Em nenhum momento Madame de Staël é enfática em suas opiniões. Não faz um enfrentamento direto, ou mesmo coloca um ponto final nesta querela. Porém, mesmo não apresentando uma opinião definitiva, nas entrelinhas e com o desfecho do enredo ela expressa sua opinião: a força dos costumes tradicionais pode ser atroz na vida dos indivíduos; se submeter cegamente aos costumes, sem levar em conta os sentimentos verdadeiros e as inclinações individuais, pode ser fonte de infelicidade e frustração.

²⁴⁴STAËL, *Op, Cit.*, p. 230.

Ademais, acreditamos que ao estabelecer o debate a autora faz uma crítica aos costumes dos países, tomando a Inglaterra como alvo. Este país é tido pela autora como um local onde tanto a cultura como a natureza contribuíram para a produção de indivíduos austeros. O clima, a vegetação, juntamente com os hábitos, costumes e tradições, são percebidos por ela como elementos fundacionais do caráter dos ingleses, bem diferente da Itália, que era considerado o país onde a natureza favorecia o florescimento dos espíritos mais criativos e esplendorosos e a cultura uma fonte de inspiração.

No século XVIII a Itália era muito admirada por conta de sua questão cultural. O solo Italiano, que desde o renascimento vinha sendo enaltecido por ser considerado o berço da civilização ocidental, era tido como local inspirador, da beleza e liberdade dos costumes. Em oposição aos rígidos laços morais de outros países europeus do norte – que eram tidos como severos e fechados. Já a Inglaterra, apesar de ser vista como país de cultura austera, onde as normas sociais e códigos morais imperavam – além de ser muito conservadora principalmente no que diz respeito à condição feminina –, era muito considerada modelo de liberdade política e econômica a ser seguido.

Como citado anteriormente, Staël era uma mulher engajada das grandes discussões de seu tempo. Logo, muitas das defesas e que ela faz em suas obras, fazem parte do parte do imaginário do seu tempo. A nosso ver, é isto que acontece na questão acerca dos dois países destacados em *Corinne ou l'Italie*.

Ao longo da obra tivemos a oportunidade de perceber que se por um lado ela se posiciona a favor do modelo político inglês, por outro, como citado, criticava seu modelo cultural, que segundo ela, ia quase que na contra mão do italiano. Já a cultura italiana, para Staël, era tida como particularmente inspiradora e libertadora. Proporcionava aos indivíduos a possibilidade de experimentação e vivência da felicidade – em contraposição aos países de cultura austera. Desta forma, a escolha da Itália para tal enredo não foi ao acaso. Em sua obra o país é tido como talvez o único local onde um espírito tão livre como o de Corinne poderia aflorar²⁴⁵, já que a liberdade foi fator crucial na formação de suas subjetividades, como também para sua formação intelectual. Logo, defendemos que para Staël a realização individual, a felicidade, assim como o amor verdadeiro, são produtos da liberdade tão presente na cultura e solo italiano.

²⁴⁵ Lembramos que a situação política da França naquele momento era duramente criticada por Madame de Staël. O país tão querido e enaltecido por ela estava passando por um período crítico de supressão das liberdades políticas e individuais devido à política implantada por Napoleão Bonaparte

A partir destas questões, tivemos a oportunidade de ao longo da obra observar como as subjetividades das personagens estão fortemente ancoradas na cultura, sobretudo as identidades nacionais. Estas entram em choque, já que são construídas a partir de concepções e percepções muito distintas ou até mesmo antagônicas. Porém, estas identidades conflitantes não são suficientes para criar uma animosidade entre Corinne e Oswald, já que outras são confluentes, como a identidade de classe, por exemplo. Logo, podemos perceber o quanto a questão nacional é importante para a autora.

Para Madame de Staël o que ela chama de “caráter de um povo”²⁴⁶ é crucial tanto para a formação coletiva quanto para a individual. Para ela é a nação que garante certas características aos indivíduos - sejam elas físicas, como a cor da pele, ou subjetivas, como o temperamento. Isto fica muito evidente ao longo do romance, pois a todo o momento Madame de Staël caracteriza as personagens a partir de sua nacionalidade, legitima certas características a partir dela, bem como destaca o peso da cultura na formação dos indivíduos.

A perspectiva de classe que também é muito presente na escrita de Madame de Staël – mesmo que ao nosso ver não seja um traço ou posicionamento consciente da autora – é muito evidente na composição de Corinne, bem como das outras personagens. Todas elas vêm da elite e são de famílias ricas e respeitadas. São personagens que de uma forma ou de outra, graças a sua posição social receberam uma educação para se tornarem indivíduos cultos e refinados.

A educação de Corinne foi primorosa, tanto que quando foi morar na Inglaterra – quando tinha quinze anos – já sabia conversar sobre diversos assuntos, declamar, pintar. Era muito ativa e demonstrava gosto por estas atividades. Quando adulta, além de tocar lira, demonstrava ser versada em literatura, artes, música e história. Ela ainda declamava e interpretava como ninguém, além de se portar como uma dama da mais alta extirpe.

Estes conhecimentos e atributos não estavam disponíveis para todos os indivíduos. Muito pelo contrário, eram destinados a uma pequena parcela da população, a elite. Somente membros dos grupos mais abastados tinham a oportunidade de proporcionar aos seus filhos e filhas uma formação tão completa como a dela.

Isto nos mostra o quão paradoxal e incoerente podem ser as subjetividades. Se por um lado Madame de Staël, assim como Madame d’Épinay, era extremamente crítica em relação a

²⁴⁶ Esta expressão é utilizada por Madame de Staël na obra *Dez anos de exílio*. Livro de caráter auto-biográfico, publicado postumamente em 1821, possui forte caráter político e traz reflexões sobre suas viagens por diversos países da Europa no período em que estava exilada da França. Cf. STAËL, Madame de. *Diez anos de destierro*. Buenos Aires, Centro Editor da América Latina, 1978.

algumas questões sociais e culturais, por outro ela mantinha um posicionamento extremamente conservador no que diz respeito às questões econômicas e sociais.

Madame de Staël é crítica em relação à ideologia de gênero, às imposições culturais que afastam os indivíduos da felicidade, bem como a normatização acerca do feminino e da submissão feminina. Porém, em nenhum momento ela faz uma reflexão acerca da dominação de classe

Pensamos serem estes os limites do pensamento crítico que Staël estabelece em sua obra e que transfere para a construção da sua personagem principal. Ao nosso ver, ela é extremamente crítica com as questões que a tocam de maneira conflituosa. Já aquelas que não são perturbadoras, não fazem parte de seu arcabouço analítico. Podemos dizer, inclusive, que por não serem agentes de instabilidade e sentimento de inadequação, são questões que estão na “zona de conforto” no pensamento de Madame de Staël, por isto não estão presentes em sua obra.

Logo, a partir da experiência de Staël, como também da de Madame d’Épinay, podemos observar o quão paradoxal era a condição das mulheres das classes mais altas no século XVIII. Pelo viés social elas eram privilegiadas, estavam inseridas nos círculos culturais mais elevados, tendo inclusive muitas delas oportunidade de uma formação completa e emancipatória. Pelo viés de gênero elas estavam excluídas de muitos locais, como os espaços públicos, a política e as academias. Desta forma, a situação das mulheres da elite era muito controversa, assim como suas subjetividades.

Madame de Staël foi uma amante da erudição e do conhecimento. Como anfitriã de seu salão, era admirada e recebia os mais belos elogios dos homens de letras mais respeitáveis de seu tempo. Logo, percebemos como este ideal de civilidade e de formação intelectual feminina é passado para o papel no processo de construção subjetiva de Corinne - que é poeta, artista e dona de uma sensibilidade inigualável. Desta forma, assim como Staël, ela representa uma transgressão do modelo feminino vigente.

Para finalizar, como citado anteriormente, defendemos que Madame d’Épinay elaborou em Corinne uma personagem que é uma idealização de si própria. Suas características subjetivas, assim como as físicas são muito próximas às de Corinne²⁴⁷. Porém, defendemos que a aproximação que Staël estabelece entre elas vai além. Corinne é uma mulher que possui todos os predicados de uma mulher admirável. É a encarnação de perfeição. Suas qualidades são as armas que possui para ser feliz. Mas ela acaba sendo vítima de uma sociedade que foi erigida

²⁴⁷Para a comparação física entre Madame de Staël e Corinne, atentar para a descrição que Staël faz da personagem na página 124 e para a ilustração da autora no anexo III – página 160.

sobre preconceitos e normas sociais que afastam os indivíduos da felicidade. Como coloca Béatrice Didier, o enredo de *Corinne ou l'Italie* é a aventura de uma mulher maravilhosa que é vítima da sociedade.

Defendemos que esta era a maneira que Madame de Staël entendia sua trajetória. Para ela, que considerava-se um gênio, alguém incomparavelmente inovador, que tinha consciência de seu poder intelectual e pouca modéstia, os preconceitos contra ela, e principalmente sua situação de exilada, eram frutos de uma sociedade corrompida que ao invés de valorizar seus expoentes, fazia com que seu brilho se esvaísse.

Logo, areditamos que a trajetória de Corinne – uma mulher erudita, dotada de uma genialidade ímpar que buscou ser dona do seu destino, mas que sucumbe devido às convenções sociais e preconceitos – é um paralelo com a da própria Madame de Staël, que lutou com todas suas forças pelo que acreditava. Buscou exercer sua liberdade quebrando muitas das barreiras, inclusive as de gênero, e devido a isto acabou gerando muitas inimizades e atraindo muita má fama para si. Mas, em contra-partida, além da satisfação pessoal, conquistou a admiração de muitos homens e mulheres que assim como ela, eram inconformistas. Ousavam sonhar com mudanças sociais, mesmo que a princípio ocorressem apenas no universo ficcional.

Por sua atuação como ativista política, *salonnière* e escritora, Madame de Staël obteve reconhecimento dos seus pares ainda em vida. Embora no século XIX ela ainda tenha sido muito criticada, hoje é reconhecida como uma importante pensadora com produção em várias áreas do saber. Assim como em *Corinne ou l'Italie*, muitas de suas ponderações são muito atuais, nos dizem muito a respeito de sua época, mas também nos fazem refletir acerca da historicidade de muitos conceitos e instituições contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo problematizar as obras *Les Conversations d'Emilie*, escrita por Madame d'Épinay, e *Corinne*, por Madame de Staël. Contudo, como tivemos a chance de discutir ao longo dos capítulos, não estávamos tratando somente da produção literária, mas sim trazendo à tona questões ideológicas do século XVIII. A percepção do humano e das diferenças sexuais foram muito caras aos filósofos setecentistas que buscavam erigir um projeto de sociedade onde cada cidadão deveria desempenhar sua função para que houvesse perfeita harmonia social, e assim, progresso e aperfeiçoamento.

Primeiramente buscamos refletir acerca da influência do Iluminismo na concepção de gênero e dos papéis sociais das mulheres, bem como apresentar Sophie, a personagem rousseauísta que se tornou verdadeiro modelo de educação ilustrado no século XVIII, para entender quais eram as ideias apregoadas pela ideologia dominante acerca do feminino, bem como qual era a dimensão de ser uma escritora na França no referido período.

A partir desta discussão conseguimos perceber que os indivíduos que contribuíam para a formação do conhecimento sobre o Homem – tais quais filósofos, médicos, pedagogos e teólogos – se declararam observadores de uma ordem pré-estabelecida, mas suas ideias partiam de uma formação ideológica muito específica, o patriarcado.

O gênero foi um dos alicerces epistemológicos nos quais suas teorias foram erigidas. Embora tenham se empenhado em naturalizar as atividades e subjetividades femininas, estas delimitações começaram a ser questionadas. Indivíduos que se sentiam pouco confortáveis dentro daqueles rígidos modelos de feminilidade e masculinidade; que vivenciavam o sentimento de inconformidade frente a tais delimitações sociais, estavam dispostos a questionar os paradigmas sociais.

Esta foi uma questão importante no decorrer de nossa pesquisa, pois assim como estávamos enfrentando a desnaturalização dos gêneros, desejávamos desmistificar a homogeneidade e a estabilidade dos discursos setecentistas. Uma análise mais cuidadosa nos mostrou que apesar dos esforços pela hegemonia de padrões e valores, o terreno dos discursos é extremamente instável. Abaixo da superfície homogênea há muito movimento, insatisfação e efervescência de ideias que mesmo causando aparentemente apenas pequenas turbulências, contribuem para que aos poucos pequenas rachaduras apareçam, revelando as disputas discursivas e induzindo as mudanças. A estabilidade tão apregoada pelos discursos moral, filosófico e religioso não estava tão garantida como parecia estar.

Desta forma, foi muito instigante percebermos que apesar da aparência uníssona dos discursos, diversos homens e mulheres expunham os limites do pensamento hegemônico.

Este foi o caso, como tivemos oportunidade de observar mais cuidadosamente no terceiro capítulo, de Madame d'Épinay e Madame de Staël. Duas mulheres e duas personalidades fortes, que buscaram dar vazão aos seus questionamentos sobre a sociedade participando dos círculos letrados e da produção escrita.

Mesmo que não tenham elaborado um enfrentamento político da mesma maneira que Mary Woolstonecraft, as duas autoras francesas trouxeram à tona a instabilidade acerca das subjetividades de gênero. Ambas contribuíram para a edificação da crítica aos valores considerados inquestionáveis, como a definição da que seria a feminilidade e o lugar social das mulheres.

A análise das referidas obras possibilitou que pudéssemos perceber que por mais que pensadores como Rousseau tenham criado um ideal muito restrito de feminilidade, Madame d'Épinay e Madame Staël estavam preocupadas em demonstrar que o modelo tradicional feminino não era único; que podia ser questionado sem que a ordem e a sociedade fossem ameaçadas.

Percebemos que apesar de terem trajetórias de vida muito distintas, Madame d'Épinay e Madame de Staël carregavam consigo o inconformismo e o desejo de transformar a realidade. Elas partiram de um sentimento de inadequação, de uma vontade de ir além das possibilidades que eram apresentadas pela sociedade e por essa razão desejavam reformar uma ordem com a qual não concordavam.

É interessante notar que mesmo tendo produzido obras de cunho literário distintas, as duas autoras utilizaram a literatura como meio de dar forma e divulgar suas ideias. Percebemos como a literatura pode ser utilizada para manter a ordem, sendo um meio de comunicação extremamente conservador. Por outro lado, nossas autoras e muitos outros autores da época mostraram ser a literatura um terreno extremamente potente para novos experimentos. Através do pensamento crítico e do uso da imaginação, os indivíduos puderam vislumbrar algo novo e com isto forçar as fronteiras estabelecidas, expondo as tensões sociais e culturais em sua escrita e garantindo um papel político importante para suas obras.

Defendemos que as obras que analisadas nessa dissertação possuem este caráter. Nelas, Madame d'Épinay e Madame de Staël ousaram a partir da escrita e da imaginação ir além dos modelos de gênero existentes em sua sociedade. A literatura foi utilizada por elas como um “horizonte de possibilidades”, um local de criação no qual tinham a chance de transcender a realidade e de ver seus sonhos realizados, mesmo que somente na literatura. Logo, defendemos

que esta é a questão principal na elaboração das personagens Emilie e Corinne. Elas são a expressão da perfectibilidade feminina para suas respectivas autoras. São portadoras de predicados que as colocavam mais perto da perfeição, e assim, da felicidade.

Neste sentido, tendo em vista que escritores e escritoras partem de sua realidade, experiências e subjetividades para criar, foi muito importante atentarmos para a construção das personagens. Emilie e Corinne são uma espécie de “espelho” das suas autoras. Procuramos pensar de que maneira as subjetividades das duas autoras se entremearam nas de suas respectivas personagens.

Emilie teve a oportunidade de ser educada em casa. Seu programa de estudos foi muito completo. À ela eram ministradas lições que faziam parte da formação de qualquer menino de sua classe social, como latim, história, geografia e cálculo -, mas também as “específicas do seu sexo” [*sic*] – bordar, costurar, cuidar de sua higiene e as boas maneiras. Desta maneira, quando adulta Emilie reuniria bagagem intelectual para poder ser um indivíduo autônomo e com habilidades sociais para ser admirada por seus pares. Isto porque, para Madame d’Épinay, apenas reunindo estes conhecimentos, Emilie, assim como outras mulheres, poderiam alcançar a felicidade.

Notamos que para Madame de Staël a educação também tinha grande relevância na edificação da perfeição feminina porque, como tivemos a chance de observar, foi através de uma educação prestimosa e completa que os hábitos da pequena Corinne foram polidos. Ela aprendeu história, literatura, teatro e música, conhecimentos que permitiram a ela aflorar sua sensibilidade para se tornar uma dama admirável.

A questão da educação para Madame d’Épinay e Madame de Staël foi outro aspecto muito ressaltado nos dois livros. Apesar de ambas as escritoras apontarem que suas personagens tinham inclinações sublimes inatas, que seu gênio e temperamentos eram naturalmente bons, foi pela educação que elas tiveram seus hábitos polidos e a razão cultivada.

Assim como para muitos dos homens do seu tempo, Madame d’Épinay e Madame de Staël apostaram na educação como meio de aperfeiçoamento dos indivíduos. Só que com uma diferença fundamental: as duas defendem a educação equiparada de homens e mulheres. Enquanto filósofos e pedagogos, como Rousseau, defendiam a educação como um instrumento para manter os indivíduos em seu lugar e para que não se desviassem dos desígnios naturais, para as escritoras o fim da educação é bem diferente. A educação deve ser meio para a transformação individual, uma forma de subverter a mediocridade, alcançar a autonomia e se igualar intelectualmente aos seus pares.

Para Madame d'Épinay e Madame de Staël a questão da emancipação feminina era muito importante. Através de suas personagens, ambas estavam preocupadas em advogar pela liberdade feminina em favor do seu direito à felicidade e realização pessoal. Desejavam borrar as fronteiras impostas às mulheres e minimizar as distâncias entre homens e mulheres.

Diferentemente do que ocorreu posteriormente nas lutas pela emancipação feminina, no século XVIII a ação daquelas mulheres estava fundada numa ideia de igualdade. Elas desejavam que as fronteiras que separavam homens e mulheres fossem diminuídas, senão abolidas e que com isto seus direitos fossem os mesmos, bem como a educação e as possibilidades de viver uma boa vida.

Madame d'Épinay e Madame de Staël defendiam que a cultura é o meio de perpetuação de preconceitos e a educação o caminho para transformar as individualidades. Desta forma, fica evidente que ambas defendiam que as diferenças, sobretudo as intelectuais, entre homens e mulheres não eram inatas, mas sim fruto de uma cultura altamente excludente no que diz respeito aos direitos femininos.

Madame d'Épinay tratou desta questão diretamente. Ela se dedicou a educar sua neta e escrever sobre educação feminina. Já Madame de Staël, apesar de não tratar diretamente da educação, nas entrelinhas de seu romance evidencia a importância que atribuía à educação para a realização pessoal ao afirmar que foi uma formação cuidadosa e libertária que proporcionou que Corinne se tornasse uma pessoa culta, sensível e com muitos predicados.

Contudo, apesar de destacarmos a defesa que ambas as autoras faziam da emancipação e da igualdade, é importante atentarmos para os limites de seu pensamento, como também para os destinatários de seus discursos, os interlocutores de Madame d'Épinay e Madame de Staël. Em nenhum momento elas buscaram diminuir as distâncias entre as classes sociais, ou pensaram a educação com um meio de ascensão social, muito pelo contrário. Seus ideais são de um caráter extremamente elitista. Com isto, outra questão importante que destacamos foi a complexidade da escrita produzida por mulheres no período moderno.

Mesmo que uma análise prematura nos aponte as transgressões presentes em suas escritas, não podemos nos deixar levar por esta impressão. Mais que uma oposição à literatura masculina ou transgressão frente à ideologia de gênero, observamos que a escrita de mulheres neste período era muito complexa. Trazia consigo muitos questionamentos, mas também reafirmações de normas e regras sociais.

Não podemos nos esquecer que a marca da escrita de mulheres no período moderno foi a experiência. Ela, juntamente com a sensibilidade, imprimiu a marca nas obras escritas por mulheres. Logo, é a partir da formação subjetiva – que conforme postula Stuart Hall é múltipla,

composta por diversos núcleos – que os indivíduos formam seu cabedal reflexivo, que assim como as subjetividades, é muito heterogêneo, formando redes de tal complexidade que podem ser compostas por unidades contraditórias entre si. Desta forma, mesmo que um indivíduo forme um pensamento crítico sobre determinados assuntos, pode trazer consigo muitas reafirmações e conformismos em relação a outros, não significando com isto uma incoerência segundo seus padrões individuais.

Neste sentido é interessante pensar como os discursos produzidos por Madame d'Épinay e Madame de Staël, assim como muitas de suas contemporâneas, abordam problemas, buscam refletir e elaboram propostas reformistas, mas não buscam romper radicalmente com as instituições ou com a cultura hegemônica. Pelo contrário, elas buscam repensar as instituições – a família e o casamento –, pois reconhecem seu valor.

Nas duas fontes analisadas elas não estão preocupadas com os indivíduos das classes menos favorecidas, nem tratam de questões sobre sua educação ou mesmo das péssimas condições de vida às quais boa parte da população estava submetida. Elas estão preocupadas em garantir para suas iguais, as mulheres das classes mais altas, o direito à educação e à liberdade individual. Por isto, tivemos muito cuidado ao analisarmos suas obras. Mesmo que elas estivessem levantando a questão da liberdade, foi legítimo que perguntássemos para quem elas a estavam requerendo. Esta é uma questão que vale a pena ser analisada mais cuidadosamente em pesquisas futuras.

A construção subjetiva das autoras e sua escrita, são compostas por múltiplas identidades que dialogam, formando assim, um emaranhado de posicionamentos que podem ser entendidos por nós, pesquisadores do século XXI como paradoxais – mas que para aqueles indivíduos não tinham esta conotação. Desta forma, mesmo lutando pela maior equidade entre mulheres e homens, Madame d'Épinay e Madame de Staël não demonstraram ter o mesmo desejo de se igualar às mulhere pobres no que diz respeito à sua educação ou privilégios sociais.

Para finalizar lembramos a potencialidade analítica das duas obras para a pesquisa histórica. Desejamos que esta dissertação venha a ser uma contribuição para os estudos de gênero na Modernidade, bem como para o conhecimento sobre a escrita de autoria feminina. Da mesma forma esperamos ter contribuído para a divulgação dos dois livros, *Les conversations d'Emilie* e *Corinne*, bem como das biografias de suas autoras, pois embora haja muitos estudos em língua estrangeira sobre suas vidas e obras, elas ainda são pouco conhecidas no Brasil.

FONTES

BALDINI, Massimo (ORG). *Amizade & Filósofos*. Bauru: EDUSC

CHÂTELET, Madame de. *Discurso sobre a felicidade*. Martins Fontes: São Paulo, 2002.

ÉPINAY, Madame de. *Les Conversations d'Emilie*. Oxford: Voltaire Foundation, 1996

KANT, E. *Resposta à Pergunta: Que é esclarecimento?* (aufklärung). In: *Textosseletos*. Petrópolis: Vozes, 1980.

MOLIÈRE. *As Eruditas*. L&PM: Porto Alegre, 2003

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emilio: ou da educação*. Tradução Sérgio Milliet – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

_____. *O Contrato Social*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, nº 13. Escala: São Paulo

STAËL, Madam de. *Corinne ou l'Italie*. Paris: Editions des Femmes, 1979. Ed. Claudine Hermann.

VOLTAIRE. *Cândido ou Otimismo*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, nº 17. Escala: São Paulo, 2006.

_____. *Dicionário filosófico*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html>. Acessado em 16 de março de 2013.

_____. Prefácio. In: VOLTAIRE, *Principes mathématiques de la philosophie naturelle* de Newton, traduzido do latim por Madame du Châtelet, prefácio de Costes e *Éloge historique* de Voltaire. 2 vol. Paris. Desaint et Saillant, 1759. Reedição em fac-símile em 1966, Paris, Blanchard apud BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Duna Dueto, 2003.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicação de los derechos de la mujer*. Valência: Edicones Cátedra, 2000.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Flora Morena M. M. *Entre mãe e filha: Memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Madame de Staël*. Monografia de conclusão do curso de História da Universidade Federal do Paraná sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Paulo Vosne Martins. Curitiba, 2011.

ARIÈS, Phillippe. “Para uma história da vida privada”. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (Orgs.). *História da vida privada* (vol. 3). Lisboa: Afrontamento, 1990.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. (org) *CONDORCET, PRUDHOMME, GUYOMAR... Palavras de homens (1790-1793)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. (org). *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Duna Duetto, 2003.

BALDINI, Massimo (org). *Amizade & Filósofos*. Bauru: EDUSC, 2000.

BELLIN, Greivy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 07, dezembro de 2011. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/viewFile/12201/8846> Acessado em abril de 2012.

BENTIVOGLIO, Julio. “História dos modernos, vocação pelos antigos: entios do passado no alvorecer da modernidade”. *Revista História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 04, março de 2010., pp. 320 – 326. Disponível em <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/145/60> Acessado em 14 de junho de 2012.

BRESCIANI, Maria Estella. “Entre o amor-próprio e a humilhação. Delphine e Corinne: metáforas da virtude em Germaine de Stael” In: MARZON, Izabel e NAXARA, Márcia (org). *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos e palavras*. Qual a cidade da editora? EDUFU, 2005.

_____. “Razão e paixão na política” BLAJ, Ilana. MONTEIRO, John M. (org). *História e Utopias: textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História*. ANPUH, 1996. Disponível em <file:///C:/Users/Flora/Downloads/ANPUH.S17.01.pdf>. Acessado 03 de agosto de 2013.

CARVALHO, Silvânia. *Biografia e tradução: Madame de Staël – A Study of her Life and Times*. Dissertação de mestrado entregue à linha Teoria, história e crítica da tradução do Programa de pós-graduação em Estudos da tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CASBANET, Michèle – Crampe. “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII”. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1999

CASIRRE, Ernst. *Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994.

CHARTIER, Roger. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo, Ed. UNESP, 2003.

_____. “O homem de letras”. In: VOLVELLE, Michel (Org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

_____. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *Origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Graal, 2011.

DAVISON, Rosena. “Introduction”. In: ÉPINAY, Madame de. *Les Conversations d’Emilie*. Oxford: Voltaire Foundation, 1996

DIDIER, Béatrice. *Corinne ou l’Italie de Madame de Staël*. Colection Folio, Gallimard, 1999.

DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DULONG, Claude. “Da conversação à criação” In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs.). *A História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

GODINEAU, Dominique. “A Mulher”. In: VOLVELLE, Michel (Org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

GRÉARD, Octave. *L’éducation des femmes par les femmes: Études et portraits*. Disponível em <http://www.archive.org/details/leducationdesfem00gruoft> Acessado em 15 de outubro 2012.

GUERELLUS, Natália de Santanna. “Ensaio teórico.” In: GUERRELUZ, Natália de Santanna. *Raquel de Queiroz: regra e exceção*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2011. pp. 171-203.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

HEROLD, J. Christopher. *Mistress to an age: a life of Madame de Staël*. New York: Grove Press, 1958.

KHEL, Maria Rita *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004

LIMA, Luiz Costa. *Mímeses e a reflexão contemporânea* (ORG). EdUERJ: Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: Culturas e sociabilidades nos salões Iluministas. *História. Questões e Debates*, v. 46, p. 51-67, 2008.

_____. *Os salões iluministas e a produção da escrita de mulheres*. Texto apresentado no evento “Sentimentos na História”, promovido pela Linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História, do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, realizado em novembro de 2010. (Não publicado)

_____. *Veredas insuspeitadas para o feminismo: das relações entre o humanismo liberal, o reformismo social e o feminismo no século XIX*. Texto não publicado e apresentado no I Colóquio Nacional de Gênero e História da UNICENTRO em Guarapuava em junho de 2013.

MIRANDA, Anadir dos Reis. *Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos*. Dissertação de mestrado entregue à linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

MOI, Toril. *Teoría literária feminista*. Madrid: Catedra, 2006.

NYE, Andréa, *Teoria feminista e as filosofias do Homem*. Rosa dos tempos, 1995.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto. 2007

_____. *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1999

PIUCCO, Nanceli. *Corinne ou l'Italie de Mme. De Staël: da adaptação à retradução estrangeirizante*. Dissertação de mestrado entregue à linha Teoria, história e crítica da tradução do Programa de pós-graduação em Estudos da tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e História*. Disponível em http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Epistemologia_Feminista.pdf. Acessado em 18 de junho do 2013

SALVADORE, Évelyne Berriot. “O discurso da medicina e da ciência”. In: DUBY, G.,

SCHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von. “Reading, interpreting and historicizing: Letters as historical sources”.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Disponível em http://www.archive.org/details/scott_gender. Acessado em 01 de julho de 2011.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru: Edusc, 2003

SOARES, Fabiana R. da S. *As cartas em língua inglesa de Lord Byron para Madame de Staël: uma tradução comentada*. Disponível em <http://www.scientiatraductionis.ufsc.br/byron.pdf> Acessado em 21 de outubro de 2013.

SONNET, Martine. “Uma filha para educar”. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs) *Histórias das mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991

SOUZA, Nabil Araújo de. De Robespierre a Kant: Mme. de Staël e a “Revolução Alemã da crítica francesa”. *Revista Caligrama*. V. 18, n. 1. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/3758/0>. Acessado em agosto de 2013.

SOUZA, Daniele Shorne de. *A cidade das damas e seu tesouro; o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França no início do século XV*. Dissertação de mestrado entregue à linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

TROUILLE, Mary. *La Femme Mal Mariée: Mme d'Épinay's challenge to Julie and Emile. Eighteenth-century life*. In: TROUILLE, Mary. *Sexual Politics in enlightenment: Women Writers Read Rousseau*. Disponível em http://muse.jhu.edu/journals/eighteenth-century_life/v020/20.1trouille.html. Acessado em setembro de 2013.

VOLVELLE, Michel. “Introdução”. In : VOLVELLE, Michel (Org). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

ZECHLINSKI, Beatriz P., *Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: Gênero e Sociabilidades*. Tese de doutorado entregue à linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012

Imagens disponíveis em:

Anexo I:

<http://www.musee-conde.fr/>

<http://www.the-athenaeum.org/art/detail.php?ID=93116>

<http://www.gutenberg.org/files/11956/11956-h/11956-h.htm#linkimage-60>

Acessados em janeiro de 2014.

Anexo 2:

<http://www.swisscastles.ch/Vaud/Coppet/covisiteguide6.html>

Acessado em janeiro de 2014.

ANEXOS

Anexo I: Cronologia

DATA	MADAME DE STAËL (Anne-Louise Germaine Necker)	MADAME D'ÉPINAY (Louise Florence Pétronille de Tardieu d'Esclavelles)	OUTROS ACONTECIMENTOS
1659			Publicação de <i>Les Precieuses Ridicules</i> de Molière
1662			Publicação de <i>Les Femmes Savantes</i> de Molière
1673			Publicação de <i>De legalité des sexes</i> de Poulain de La Barre
1687			Publicação de <i>De l'éducation des filles</i> de François Fénelon
1694			Nascimento de François Marie Arouet - Voltaire
1706			Nascimento de Madame du Châtelet
1712			Nascimento de Jean-Jacques Rousseau
1723			Nascimento de Grimm
1726		Nascimento de Louise	
1732			Nascimento de Jacques Necker
1736			Morte do Barão Tardieu d'Esclavelles – pai de Louise
1737		Entra no convento	Nascimento de Suzanne Churchod - Posteriormente S. Necker
1739		Sai do convento	
1745		Casamento com Denis de La Vive d'Épinay	
1746		Nascimento de seu filho Louis-Joseph	

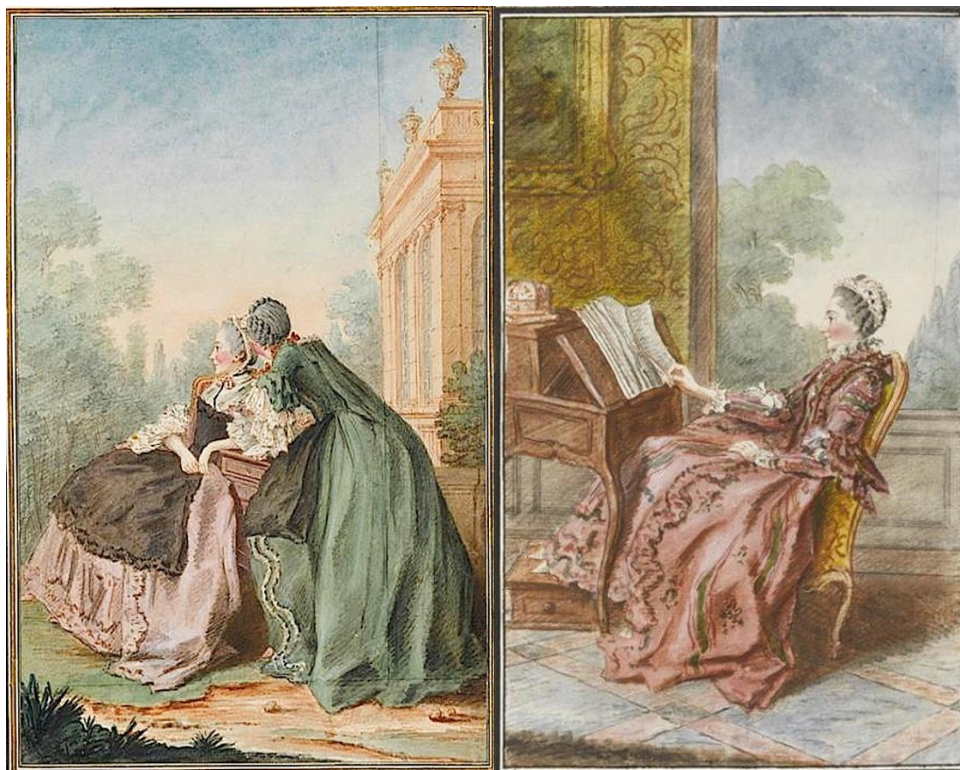
1747		Nascimento de Suzanne-Thérèse ho que morreu dois anos depois	
1749		Divorcia-se, e neste mesmo ano nasce Angelique (mãe de Emilie)	Morte de Madame du Châtelet
1753		Nascimento do seu quarto filho, segundo com Francueil. A criança foi entregue a um convento ainda pequeno e se tornou religioso – a mãe pouco se refere à ele em sua produção escrita.	Grimm, juntamente com Diderot, assume a direção do <i>Correspondance Litteraire</i>
1754		Por volta deste ano, iniciou seu romance com Grimm	
1756		Início da produção das cartas endereçadas ao seu filho Louis.	Rousseau fica algum tempo hospedado na residência de Mme. D'Épinay
1758		Término da produção das cartas endereçadas ao seu filho Louis.	
1759			<i>Cândido Ou o Otimismo</i> , de Voltaire, é publicado
1762			Publicação de <i>Emile ou l'education</i> e <i>O contrato social</i> de Jean-Jacques Rousseau
1764			Casamento de Jacques e Suzanne Cuchord. <i>Dicionário filosófico</i> , de Voltaire, é publicado
1765			Conclusão da produção da <i>Enciclopédia</i> - em sua composição inicial de 28 volumes
1766	Nascimento de Germaine Necker - Madame de Staël		
1768			Nascimento de Emilie
1769		Conhece seus netos, filhos de Angelique: Méhain e a pequena Emilie	

1771		Madame d'Épinay começa a dedicar-se integralmente à educação da neta, Emilie. Nesse ano, com o afastamento de Grimm, passa a colaborar periodicamente na produção do <i>Correspondance Littéraire</i>	
1772		Publicação do conto Le rêve de Mademoiselle Clairon no <i>Correspondance Litteéraire</i>	
1773		Substituí novamente Grimm no <i>C. Littéraire</i>	
1774			Início do reinado de Luís XVI
1775			Publicação <i>Système Physique et moral de la femme</i> de Pierre Russel
1776		Publicação de <i>Les conversations d'Emilie</i>	Início do primeiro ministério de Necker junto ao reinado francês
1778	Devido a uma estafa nervosa, por ordens médicas, passa algum tempo no campo para descansar e cuidar de sua saúde		Morrem Jean-Jacques Rousseau e Voltaire
1781			Fim do primeiro ministério de Jacques Necker
1783		Recebe o prêmio Montyon da Academia Francesa. Mas, ainda neste ano, ela falece.	
1786	Casamento com o Barão Erik de Staël-Holstein		
1788	Publicação de <i>Lettres sur le ouvrages et le caractere de J. J. Rousseau</i>		Início do segundo ministério de Necker junto ao reinado francês

1789	Começo de seu romance com Louis de Narbonne (Ministro de Luis XVI)		Término do segundo ministério de Necker. Queda da Bastilha (Marco historiográfico do início da Revolução Francesa)
1790	Nascimento de seu filho Auguste		
1791			Primeira constituição francesa
1792	Nascimento de seu filho Albert		Publicação do <i>Vindication of rights of womens</i> de Mary Wollstonecraft
1793	Devido à sua situação política, refugia-se em Coppet, na Suíça.		Luís XVI e Maria Antonieta são guilhotinados
1794	Início de seu relacionamento amoroso com Benjamin Constant - que durou cerca de 14 anos		Morte de Suzanne Necker
1796	Começo de suas viagens pela Europa, e nascimento de sua filha, Albertine e publicação <i>De l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations</i>		
1797	Divorciou-se amigavelmente do Barão de Staël-Holstein com quem teve três filhos		
1800	Publicação de <i>De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales</i>		
1802	Publicação de <i>Delphine</i>		Napoleão Bonaparte torna-se cônsul vitalício da França
1803	É oficialmente banida de Paris por Napoleão Bonaparte		

1804	Viagem à Itália		Napoleão Bonaparte se autoproclama Imperador da França, adotando o nome de Napoleão I
1807	Publicação de <i>Corinne ou l'Italie</i>		Morte de Grimm
1810	Publicação de <i>De l'Allemagne</i>		
1811	Casa-se com o oficial da Suíça, Rocca.		
1814	Volta à Paris		Restauração Bourbon. Morte de Emilie
1817	Morte de Madame de Staël		

Anexo II: Imagens de Madame d'Épinay



Ecoutez donc que vous disse

(1760 – 1780)

Ilustração de Louis Carrogis que retrata Madame d'Épinay e Madame Meaux. Atualmente acervo no Museu Condé (situado nas instalações do castelo de Chatilly, no norte da França)

Madame d'Épinay

(1759)

Ilustração de Louis Carrogis que retrata Madame d'Épinay. Também faz parte do acervo do Museu Condé.



Portrait de Madame d'Épinay (1759)

Ilustração Jean-Étienne Liotard que retrata Madame d'Épinay. Acervo do Museu de Arte e História de Genebra.



Ilustração de A. de Neuville que retrata Rousseau e Madame d'Épinay. Ilustração presente no livro *A popular History of France From The Earliest Times* de François Guizot.

Anexo III: Imagens Madame de Staël

Imagens de Madame de Staël e sua família, que atualmente estão dispostas nas paredes do palácio de Coppet.



Germaine de Staël aos catorze anos. Embora não haja referência direta, este é um retrato desenho de uma de suas participações nos encontros promovidos por sua mãe, Suzanne Necker, em seu salão – onde a participação da menina era frequente e admirada.

Esta pintura em óleo sobre tela foi encomendada pelos seus filhos após sua morte. O turbante deixando escapar alguns cachos e o xale são itens recorrentes em seu retratos. Notamos que esta composição estética é muito próxima da que ela constrói para a personagem Corinne.



AT

Suzanne Necker – Óleo sobre tela
por Jean-Sifred Duplessis

Jacques Necker – Óleo sobre tela
por Jean Sifred Duplessis



Imagem do salão da residência Coppet que atualmente reúne os quadros com as imagens de seus ilustres proprietários. No século XXI a construção ainda é admirada por sua beleza e imponência, como também por sua importância histórica. Diversos cômodos são conservados como eram no século XVIII e XIX, contando um pouco da história da família Necker.